

A R Q U I V O S
C O N T E M -
P O R Â N E O S

ARTES
VISUAIS NA
**FUNDAÇÃO
CULTURAL
BADESC**
2016 · 2017



Alcides, Eneléo (org.)

Arquivos Contemporâneos: Artes Visuais na Fundação Cultural
Badesc 2016 • 2017 - 2018.
204 p.

ISBN 978-85-66820-01-0

1. Catálogo de Arte Contemporânea.
2. Artes Visuais na Fundação Cultural Badesc nos anos de 2016 e 2017.

CDD 700

FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

DIRETORIA EXECUTIVA

ENELÉO ALCIDES
DIRETOR GERAL

HELENA MAYER
DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

CONSELHO CURADOR

JOSÉ CLÁUDIO CARAMORI
PRESIDENTE DO CONSELHO CURADOR

JOÃO CARLOS GRANDO
JUSTINIANO PEDROSO
OLÍVIO KARASEK ROCHA
CONSELHEIROS

CONSELHO FISCAL

CAMILA STECKERT até 08/2017
JOSÉ ANTONIO DE MATTOS NETO até 08/2017
MARCELLO JOSÉ GARCIA COSTA FILHO até 08/2017
AMAURI EVALDO NAU desde 08/2017
JOSÉ HENRIQUE WAGNER desde 08/2017
RUI CARLOS CORDIOLI desde 08/2017

EQUIPE DE PRODUÇÃO DA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

BIANCA DE OLIVEIRA JUSTINIANO DOS SANTOS designer gráfico
CAROLINA RAMOS NUNES arte educadora
CLARICE DANTAS produtora cultural, até 09/2017
JONAS LAURIANO administrativo financeiro
KARINE JOULIE produtora cultural, desde 10/2017

EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS

ARTHUR HADDAD ANTUNES cinema, até 02/2016
EDUARDO SCHMIDT jornalismo, desde 01/2016
GUSTAVO SALAVAGGIO cinema, desde 02/2016

ASSESSORIA DE IMPRENSA

CCR - GESTÃO DE COMUNICAÇÃO
(CARLA CAVALHEIRO, CAMILA SPOLTI E RUBENS FLÔRES)

CATÁLOGO

PROJETO EDITORIAL, ORGANIZAÇÃO E TEXTO
ENELÉO ALCIDES

PROJETO GRÁFICO
BIANCA JUSTINIANO DOS SANTOS
ENELÉO ALCIDES

EDIÇÃO DE IMAGENS
BIANCA JUSTINIANO DOS SANTOS
CLARICE DANTAS
KARINE JOULIE

REVISÃO GERAL DE TEXTOS
CCR GESTÃO DE COMUNICAÇÃO
EQUIPE DA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC

FOTOGRAFIAS
CLARICE DANTAS
EQUIPE DA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC
FOTOS DIVULGAÇÃO DOS ARTISTAS

Esta obra foi realizada pela equipe da
Fundação Cultural Badesc e impressa com
recursos do prêmio Elizabete Anderle 2017.

A Fundação Cultural Badesc é um importante espaço de fomento à cultura e às artes em Santa Catarina. Ao longo dessa mais de uma década de atividades, testemunhamos a valorização de maneira singular da arte e de artistas com grande representatividade local, nacional e internacional, destacando a maestria artística do povo catarinense.

Entre as finalidades da Fundação Cultural Badesc, destacamos o apoio à implementação de políticas, programas e ações relacionadas com o desenvolvimento cultural; a valorização de iniciativas de produção, apoiando novos ou consagrados artistas, escritores, músicos, escultores, pintores, entre outros, catarinenses; a promoção de exposições de obras culturais, históricas e artísticas de acervos estaduais, brasileiros ou estrangeiros; a realização de projetos educativos; a garantia de amplo acesso à população e a divulgação de conteúdos culturais, artísticos e educativos.

A Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. - BADESC sente orgulho de ter em sua Fundação um equipamento cultural criado e reconhecido por sua competência em incentivar, produzir, abrigar e divulgar o melhor da produção artística catarinense.

JOSÉ CLÁUDIO CARAMORI

Presidente do Conselho Curador da Fundação Cultural Badesc
Diretor Presidente da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. - BADESC



ARQUIVOS CONTEMPORÂNEOS

ARTES VISUAIS NA FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC 2016 • 2017

O AGORA, O CONTÍNUO E A PERMANÊNCIA. Arquivos Contemporâneos documenta a produção artística e cultural que passa pela Fundação Cultural Badesc no biênio 2016-2017, fornecendo uma chave para acessar o *éthos* do circuito local e global das artes neste período. Como catálogo, constitui-se por sobreposições de memórias e arquivos: os pessoais dos artistas, da sua equipe de produção, da Instituição, dos parceiros de atividades e do público, em um sentido mais amplo. É uma obra componente que conta uma história inacabada. Componente porque é desdobramento de um farto material que vem sendo produzido e organizado, formado por folders, fotos, vídeos, textos, clipagens, pensamentos, depoimentos, peças gráficas e eletrônicas que permanecem na Fundação à disposição da pesquisa e da fruição. Inacabada, porque é parte de contínuos, que se apresentam tanto em uma dimensão material, como imaterial; que vêm da década de 90 com a criação do Espaço Cultural Fernando Beck e permanecem em aberto, depois de nós, ativando leituras.

O QUE É A FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC? Formalmente, tenderíamos a dizer que é um espaço multiuso que fomenta, produz, abriga e divulga exposições de artes visuais contemporâneas, músicas, performances, cursos na área cultural, lançamentos de livros, discos, plataformas, feiras de arte, além de um ativo e diversificado cineclube. O fenômeno Fundação, contudo, é muito maior do que isso, é produtor de sentidos plurais e complexos. Para além das atividades, as relações que se estabelecem na e com a Fundação talvez sejam, em parte, resultado de suas características físicas e operacionais, constituída por espaços pequenos e acolhedores, que imprimem sensações de maior familiaridade. É administrada por uma equipe com sete profissionais, capaz de articular comprometimento e informalidade. Tem como atribuição receber bem cada visitante e colaborador, independentemente de perfil, o que amplia as relações de camaradagem e parceria. Tudo isso possibilita uma produção significativa com uma estrutura reduzida. É uma instituição-casa. Aliás, está mesmo instalada em um casarão tombado construído na década de 1920 para ser moradia de

uma família: a do influente político catarinense Nereu Ramos. Quase um século depois, é incorporada ao patrimônio da Agência BADESC para abrigar uma Fundação voltada à cultura e à arte.

Mas o que representa a Fundação Cultural Badesc para um artista, um frequentador, um funcionário, um mantenedor? O que fez com que funcionários e diretores de uma Agência especializada na área econômica confluíssem para criar um espaço destinado a abrigar exposições de arte contemporânea? O que faz com que ainda invistam nos cuidados e manutenção dessa estrutura? Acredito que a Fundação tomou um sentido afetivo para esses diretores e funcionários da Agência que a mantém ativa, mesmo não vivenciando a rotina da Casa. E o que é a Fundação para os artistas visuais? Uma oportunidade de realizar projetos em um espaço profissional respeitado? Mais do que isso: um ciclo de vida, que começa com a expectativa da submissão de uma proposta, a seleção, a produção, a montagem e segue com o desnudamento público de sua obra, a oportunidade de falar e ouvir sobre si. Cada exposição gera registros para o mundo, mas também guarda sentidos que permanecem apenas na memória de quem os viveu.

E o que é a Fundação para os parceiros do Cineclubes? Um grupo de amigos que na década de 90 frequentava o extinto Cinema *Art7*, mantém viva essa história com uma sessão de mesmo nome que ocorre toda quarta-feira na Fundação, recebendo um público variado para rever e conversar sobre clássicos do cinema. A sessão *Divã* e a sessão *A Psicanálise Vai ao Cinema*, por sua vez, reúnem interessados em filmes que instiguem o debate sobre teorias de cunho lacaniano. Apaixonados pela cultura francesa se confraternizam nas sessões e nos eventos organizados em parceria com a Aliança Francesa. No biênio, com a colaboração de 12 parceiros fixos, exibimos 642 títulos diferentes. Um filme diferente a cada dia significa um olhar singular para cada sessão. A diversidade do público é característica da Fundação. Intelectuais, estudantes, cinéfilos, profissionais, personagens de diversas condições sociais. Pessoas. Todas se sentam numa mesma sala para assistir, participar de debates e pensar o seu mundo a partir das imagens em movimento. Para cada uma dessas pessoas, há uma Fundação diferente. Para os grupos de ensino fundamental e médio que visitam as exposições, é uma oportunidade para se divertir e se educar nesse estranho mundo das artes. Para os grupos marginalizados que fazem parte de atendimentos e programas especiais, uma oportunidade de inclusão e acesso.

E o que é a Fundação para os seus quatro jovens funcionários e dois estagiários, todos ainda estudantes? Um laboratório intenso para as suas áreas de formação, seja na graduação, mestrado ou doutorado. Esta equipe produz admiravelmente porque se consolida como um grupo forte de amigos; uma família, a qual, de vez em quando, renova-se pela natural busca de seus integrantes por novos desafios. E para os vigilantes e profissionais de limpeza que, além dos serviços habituais, criam nos

fundos da casa hortas, preparam chás e sucos para todos e oferecem temperos aromáticos para as águas saborizadas servidas nas aberturas? Para mim, a Fundação é esse lugar fascinante, humano em seu sentido mais amplo, e por isso não pode ser descrita precipitadamente. Sob este olhar, a Fundação não é apenas uma instituição destinada à promoção da cultura, nem um casarão amarelo tombado. É a confluência de pessoas e projetos de vida que se encontram ou se sucedem nesta Casa. É o trabalho de funcionários e o apoio de quem nem chega a frequentá-la com assiduidade, como os jornalistas que divulgam os eventos, os patrocinadores, os mantenedores, os parceiros à distância. Falo de uma lista quase inumerável de nomes, um amalgama humano que conforma a instituição-casa Fundação Cultural Badesc.

PROCESSO SELETIVO: NEM TODOS OS ARTISTAS VÃO EXPOR NA FUNDAÇÃO.

Ser selecionado ou convidado para expor em um dos espaços da Fundação significa realização para muitos artistas. Um reconhecimento público da qualidade de seu projeto e a garantia de uma repercussão consistente. Nem todos os interessados conquistam um espaço, simplesmente porque uma centena de projetos disputa anualmente uma dezena de vagas. Excelentes projetos ficam de fora da seleção e, por vezes, alguns artistas se sentem não adequadamente valorizados. Por mais criteriosos que sejam os selecionadores, o desafio está dado pela fluidez dos critérios de reconhecimento da arte contemporânea.

Das 25 exposições constantes deste catálogo, 16 foram selecionadas por Edital. A cada ano, três profissionais são convidados para compor uma comissão de seleção, que possui autonomia e observa os seguintes critérios: diversidade de linguagens, adequação aos espaços expositivos, pertinência e relevância para cena artística, qualidade e consistência na apresentação da proposta e do projeto expográfico. Os membros recebem uma cópia de cada projeto com um mês de antecedência, viabilizando uma análise cuidadosa. Após essa fase, agendam um dia para se reunir, discutir e deliberar as propostas.

A comissão do Edital 2016 foi formada pela professora Sandra Makowiecky, a artista e curadora Cláudia Zimmer e a curadora Ana Zavadil. Após analisar 110 projetos, a comissão selecionou para o Espaço Fernando Beck os trabalhos: *Desenho de Tempo (Partituras)*, de Luis Arnaldo e Marcelino Peixoto; *Obra*, de Diego Passos e Juliano Ventura; *Manual de Sobrevivência*, de Sheila Christina Ortega e *Quase Paisagem*, de Gilson Rodrigues. Para o Espaço 2 foram escolhidos *Setor Terciário*, de Bruno Storni e Renato Maretti; *Linha do Tempo*, de Itamara Ribeiro; *O Nômade e o Sedentário*, de Diane Sbardelotto e, na categoria Primeira Individual, *Ficções Polaróide*, de Joana Amarante. A comissão de 2017 foi formada pelo curador Fabrício Peixoto, a jornalista Néri Pedroso e a produtora

cultural Denise Bendiner, que após analisarem 76 propostas, selecionaram para o Espaço Fernando Beck, *Entre nós, o silêncio*, de Franzoi; *Obscena*, de Iam Campigotto; *Exprimível do Vazio*, de Juliana Hoffmann e *Recortes Urbanos*, de Susana Bianchini. Para O Espaço 2, *O Mundo Que Cabe nas Pupilas*, de Cassia Aresta; *Silêncio*, de Fábio Dudas; *Nada é Imagem, Nada é Miragem*, de Maria Baptista e, na categoria Primeira Individual, *De Tanto Que Se Vai, Algo Fica*, de Isadora Stähelin.

As mostras convidadas são decididas pela equipe da Fundação após visitas a ateliers, acompanhamento do circuito e prospecção constante junto a curadores, pesquisadores e profissionais diversos que têm a arte contemporânea como objeto diário de trabalho. É importante destacar algumas parcerias: com o Museu Victor Meireles, a mostra *Abluções*, do artista brasileiro radicado em Amsterdam, Célio Braga, Com a Bienal Internacional de Curitiba e o Museu da Escola Catarinense, a coletiva *Fotografia: Seus Sistemas Híbridos e Fronteiriços*. A mostra *Exprimível do Vazio*, de Juliana Hoffmann, selecionada no Edital 2017, é a escolhida para inaugurar o Circuito Propagações, um projeto de parceria entre a Fundação e o SESC/SC que visa promover a circulação por várias cidades catarinenses. Esta primeira edição inclui Florianópolis, Jaraguá do Sul, Joinville e Chapecó. A exposição especial de Casa inteira de 2016 é *Schwanke, Habitar os Incorporais*, homenagem aos 25 anos da morte do artista Luiz Henrique Schwanke, realizada em colaboração com o Instituto de mesmo nome, que preserva suas obras. O projeto se desdobra em um *Circuito Expositivo*, realizado em três espaços culturais de Joinville. A exposição especial de casa inteira de 2017 é *Iconografia 344*, parceria com o colecionador e curador Ylmar Corrêa Neto. Obras históricas, mapas e documentos são apresentados em contraponto com abordagens contemporâneas sobre a Ilha de Santa Catarina.

PAULO GAIAD, ARQUIVO E MEMÓRIA (Piracicaba/SP, 24 de fevereiro de 1953- Florianópolis/SC 14 de outubro de 2016). Quando 2016 inicia, a exposição *Impossibilias: Arquivo e Memória* em Paulo Gaiad já ocupa, há dois meses, todos os espaços da Fundação. É o primeiro artista a receber um convite para esse formato especial de mostra. Mais de uma centena de obras apresentadas. Embora conste do Catálogo de 2015, Paulo precisa ser aqui lembrado, pelo impacto que sua presença continua a nos causar. Dois dias após completar 63 anos, a Fundação realiza uma maratona convidando uma dezena de pesquisadores, críticos e artistas para pensar a sua produção, tanto com apresentações de textos no auditório, quanto com leituras das obras nos espaços expositivos. O artista ouve e responde a todos os interlocutores (página 174). Paulo declara em entrevista que considera esta a principal exposição de sua vida. Dois dias antes do aniversário seguinte, em que teria completado 64 anos, mais de 20 amigos e admiradores de sua obra retornam ao mesmo espaço para homenageá-lo com música, poesia, vídeos e depoimentos (página 189). Torna-se fundamental o comprometimento coletivo para

reunir, preservar e disponibilizar, para além das obras, os arquivos e memórias sobre este importante nome no cenário artístico.

VISÃO DE ARQUIBANCADA, UMA METÁFORA. Em cada oportunidade para assistir ao desfile de Escolas de Samba na Marquês de Sapucaí, encontro a mesma dificuldade de escolha: arquibancada ou cadeira de pista? Estar junto à pista permite uma aproximação singular do espetáculo, observar as soluções de material e acabamento das fantasias e alegorias, as pequenas inconsistências ou grandes acertos na apresentação, os traços minuciosos do carnavalesco e o esmero na fatura realizada na comunidade, tendo, cada uma, assinaturas muito particulares. Além, é claro, do contágio mais próximo com a alegria dos desfilantes e de um impacto mais individualizado de cada instrumento na passagem da batida xamânica da bateria (quando a respiração sempre fica em suspenso). Mas é apenas da arquibancada que se pode observar a evolução completa de uma Escola de Samba, da comissão de frente ao último carro alegórico e as passagens da palheta de cores utilizada da primeira à última ala: a totalidade do quadro.

Finalizar um catálogo de dois anos de atividades é como observar pelo ângulo da arquibancada, contemplando essa complexa confluência entre a dinâmica de uma cidade, o projeto de um Espaço Cultural, o processo e a fatura singular de cada artista, o comprometimento das inúmeras equipes profissionais envolvidas, os apoiadores, a participação do público, o desdobramento nas ações educativas. Não se trata mais do arquivo e memória de um artista, mas dos arquivos e memórias de uma Instituição cultural, das instituições parceiras, de uma cidade, de um tempo. Com esse conjunto de textos, é possível compreender melhor o que é a arte contemporânea na prática: como esta categoria agrega sentidos tão diversos e segrega outros tão parecidos; como os paradigmas reverberam no imaginário e no processo produtivo dos artistas, na utilização de pequenos truques e no compartilhamento de gestos específicos; que consonâncias e dissonâncias são perceptíveis entre produções mais locais e mais globais, entre uma instituição-casa e instituições de grande porte; como as pesquisas nas universidades e as estruturas de uma cidade afetam ou possibilitam novas perspectivas.

ENELÉO ALCIDES
DIRETOR GERAL

SOBRE A CONTEMPORANEIDADE DE UM ESPAÇO EXPOSITIVO

Num curso ministrado na Faculdade de Arte e Design de Veneza entre 2006 e 2007, o filósofo Giorgio Agamben começa perguntando o que significa ser contemporâneo e de quem somos contemporâneos. Concordando com Nietzsche, lembra que para ser contemporâneo é preciso não estar ajustado neste enquadramento temporal, guardando uma distância capaz de reconhecer os pontos cegos e obscuridades produzidas pelos excessos luminosos e certezas. Entre a ruína e o não nascido, entre o não mais e o ainda não, o intempestivo e o anacrônico tornam-se um meio para demandar outras possibilidades não contempladas. Referindo o poeta russo Osip Mandel'Stam, considera que estar em desconformidade com o tempo que lhe coube é como estar com as vértebras quebradas. Se todo presente contém cesuras, chega-se a ele muito tarde ou muito cedo. Desse modo, para estar à sua altura é necessário interrogá-lo, recusando sua homogeneização e abrindo-o para outras temporalidades.

Eis a difícil tarefa que cabe aos artistas de nosso tempo. Bem verdade que cada um encontra seu próprio modo de chegar a esta contemporaneidade, cujo dorso é sempre fraturado. Na medida em que procura alcançar seu presente, o faz através de um repertório visual e conceitual, seja plástico ou teórico, ficcional ou documental, processando sensibilidades e percepções, referências e habilidades, construções poéticas e noções operatórias, alternativas e soluções de fatura como índice de um pensamento em constante experimentação.

Por sua vez, à Fundação Cultural Badesc, instituição que ocupa um importante papel no cenário da arte contemporânea no Estado de Santa Catarina, cabe através da elaboração deste catálogo, levar à público o registro documental das exposições ocorridas entre o biênio 2016 e 2017, onde é possível reconhecer do que se ocuparam os artistas acolhidos, quer por convite, quer por seleção. Em seu conjunto e também em cada caso em particular, através das fotografias, vídeos, desenhos, pinturas e instalações, é possível pensar o que ali incide, em termos de contemporaneidade. Se o sintoma é uma espécie de irresolução que retorna ou uma avaria que persiste, quais são os sintomas recorrentes no tempo em que vivemos? O que deles fica contemplado nas obras, quer como lapso, quer de maneira premeditada? Um bloco importante de desconfortos pode ser reconhecido em relação às instabilidades orgânicas e suas naturalizações. Entre corpos e retratos descarnados e recompostos, sacralizados e profanados,

destacam-se simbologias singulares, além de processos que incluem identidades familiares e alteridades indiscerníveis, tais como nas exposições intituladas *Abluções*; *Corpos e partes*; *Linha do tempo*; *Obscena*; *Habitaculuns*. O espaço pensado e construído, sonhado e praticado, lembrado e projetado, sujeito a diferentes jogos de distância e enquadramento, sobreposição e desvio, persistências e metamorfoses é abordado em *Paisagem plural*; *Obra*; *Quase paisagem*; *Habitar*; *Iconografia 344*; *O mundo que cabe nas pupilas*; *Recortes urbanos*; *De tanto que vai, algo fica*; *Nada é imagem, nada é miragem*.

Na cenografia visual com diferentes enredos e narrativas, memórias e referências, destacam-se lances de extrusão e efração, obliterações e visibilidades, trivialidades e extraordinariedades, sendo possível reconhecer: *Eletrocardiograma de uma sereia*; *Registros: ficções polaroides*; *O nômade e o sedentário*; *partituras*; *silêncio*; *Fotografia: seus sistemas híbridos e fronteiriços*. As coisas levadas à condição de vestígios de experiências humanas, elaborando processos de figuração por meio de condensação e deslocamento, sobras e pedaços, desmontagem e rearranjo aparecem como contrapontos suspensos entre efêmero e perene, aglomerados e vazios, posse e efeito. Tal parece ser o caso de *Manual de sobrevivência*; *Setor terciário*; *Habitar os incorporais*; *O exprimível do vazio*; *Máquinas do abismo*.

Rearmadas no ambiente expositivo por meio de translações simbólicas e práticas configuradas por discontinuidades e coexistências, não apenas é possível deslindar parte da dimensão imaterial contida nas obras, a que se poderia considerar como um arquivo intransferível que cada artista processa, como o compromisso de quem se sabe num lugar de desacordo e inatualidade, estranhando as celebrações e meras aderências ao presente vivido. Na imparidade deste universo incidem muitos tempos: o de Kronos com a sua implacável irreversibilidade, o de Aion, infinitamente reencontrado e recombinação, e o de Kayrós, capaz de realizar a suspensão do presente, fazendo com que o passado e o futuro se encontrem num instante único. Todos eles, passíveis de serem considerados nesta publicação.

ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM

PROFESSORA DO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

ESTRUTURA, SUBSTÂNCIA E AFIRMAÇÃO

Em 2018, a Fundação Cultural Badesc abre sua agenda com trabalhos de Flávia Duzzo no Espaço 2 e, Franzoi, no Espaço Fernando Beck. Entre o presente e o passado abarcado por esse catálogo, no entre cidades, no entre artes, um elo invisível trama vidas, trajetórias, instituições, mercado, galerias, colecionadores, enfim uma ampla rede de interlocuções que estruturam o sistema de arte. Representação artística de Florianópolis, em 2009, Flávia expôs "Desenhos" na mesma instituição e Franzoi, de Joinville, expõe individualmente pela primeira vez, mas já participou de coletivas e assinou curadorias no lugar.

Em momento inaugural do ano, a vitalidade dessas poéticas, uma por meio do desenho e outra na performance, demonstra que a Fundação Badesc protagoniza a cena artística na capital de Santa Catarina pelo conjunto de iniciativas de sua agenda, pela fluidez e credibilidade das ações, a maioria pautada por princípios democráticos (editais, comissões, júri), uma gestão horizontalizada que aposta de modo permanente em consultorias, diálogos, aprendizagem, conexões entre artistas, críticos, curadores, pesquisadores. Como resultado, pensamento articulado que se situa na diferença e na riqueza.

No catálogo, a narrativa do passado permite olhar sobre a produção da Geração Século 21. Na contiguidade, um mapeamento que demonstra como os artistas lidam na era da comunicação, com tudo em alta velocidade. A força do vídeo e da fotografia como meios de expressão, as tendências, as atitudes, os caminhos percorridos, o crescimento e a consolidação de carreiras iniciantes ou não, o entrecruzamento entre criadores que vivem na Ilha de Santa Catarina com o de outros Estados brasileiros e do exterior, as especificidades dos discursos, a mistura de mostras individuais e coletivas. O conjunto, o sistema, os equívocos.

Fora os trabalhos propriamente ditos, também a oportunidade de curadores, consagrados ou não. Junto aos artistas e pesquisadores, eles tecem conceitos e expografias dignas e bem pensadas, uma demonstração do respeito pelo público. Célio Braga, Walmor Corrêa, Ana Norogrande, João Aires, Schwanke, Juliana Hoffmann, Fabio Dudas, Susana Bianchini, Rogério Negrão, Joana Amarante são alguns dos artistas legitimados por curadores como Fernando Boppré, Hércules Martins, Fabrício Tomazi

Peixoto, Gabi Bresola, Rosângela Miranda Cherem, Juliana Crispe, Franzoi, entre outros. Uma a uma, as exposições criam uma corporalidade mais ampla do que se supõe na fruição de obras.

Num Estado em que tudo é precário e sofre descontinuidades no campo da cultura, a Fundação Badesc aparece quase como exceção. Instalada numa casa no centro da Capital, atende e aglutina amplo espectro de espectadores com uma agenda que extrapola o circuito das artes visuais. A fatídica reforma no prédio do Centro Integrado de Cultura (CIC), onde funciona o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), que se manteve fechado entre 2009 e 2012, sedimentou as responsabilidades da instituição que assume papel fundamental.

A constituição de memória, também compromisso significativo dos que atuam no circuito e que se concretiza neste catálogo, é prova cabal sobre o alcance dessa agenda na construção de sujeitos e subjetividades.

NÉRI PEDROSO

JORNALISTA, INTEGRANTE DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE (ABCA)



16	ABLUÇÕES CÉLIO BRAGA
22	PAISAGEM PLURAL COLETIVA
28	ELETROCARDIOGRAMA DE UMA SEREIA WALMOR CORRÊA
32	CORPOS E PARTES ANA NOROGRANDO
38	REGISTROS: FICÇÕES POLAROIDES JOANA AMARANTE
44	O NÔMADE E O SEDENTÁRIO DIANE SBARDELOTTO
50	OBRA DIEGO PASSOS E JULIANO VENTURA
56	MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA SHEILA ORTEGA
62	LINHA DO TEMPO ITAMARA RIBEIRO
68	QUASE PAISAGEM GILSON RODRIGUES
74	SETOR TERCIÁRIO BRUNO STORNI E RENATO MARETTI
80	PARTITURAS LUIZ ARNALDO E MARCELINO PEIXOTO
86	HABITAR JOÃO AIRES
92	SCHWANKE, HABITAR OS INCORPORAIS
100	ICONOGRAFIA 344 COLEÇÃO CATARINA
110	OBSCENA IAM CAMPIGOTTO
116	O MUNDO QUE CABE NAS PUPILAS CASSIA ARESTA
122	O EXPRESSÍVEL DO VAZIO JULIANA HOFFMANN
128	SILÊNCIO FABIO DUDAS
134	RECORTES URBANOS SUSANA BIANCHINI
140	DE TANTO QUE VAI, ALGO FICA ISADORA STÄHELIN
146	FOTOGRAFIA: SEUS SISTEMAS HÍBRIDOS E FRONTEIRIÇOS BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA POLO SC
152	NADA É IMAGEM, NADA É MIRAGEM MARIA BAPTISTA
158	MÁQUINAS DO ABISMO ROGÉRIO NEGRÃO
164	HABITACULUNS ALBERTINA PRATES
170	MOSTRAS ESPECIAIS
172	ARTE EDUCAÇÃO
174	OFICINAS CURSOS ENCONTROS CONVERSAS
178	LANÇAMENTOS
186	TEATRO PERFORMANCE MÚSICA DANÇA ATIVIDADES ESPECIAIS
192	CINECLUBE SESSÕES ESPECIAIS ESTREIAS MOSTRAS CICLOS FESTIVAIS
202	ENTREMOSTRAS

ABLUÇÕES

CÉLIO BRAGA

CURADORIA DE HÉRCULES GOULART MARTINS

Em sua exposição individual *Abluções*, o artista mineiro Célio Braga reúne, em uma instalação, um conjunto de obras relativas a distintos estágios de sua produção. É a primeira vez que elas são exibidas no Brasil, ao contrário do que acontece na Europa e nos Estados Unidos, onde, além de serem mostradas continuamente, também integram a coleção permanente de várias instituições, como a do Museu Stedelijk, em Amsterdã.

Não se trata aqui de uma retrospectiva, e sim da apresentação de um número de trabalhos que assinalam cinco fases e direções significativas no percurso do artista, durante as duas últimas décadas.

Sua trajetória é marcada pela habilidade de redefinir e expandir fluidamente categorias convencionais como a fotografia e a escultura, entre outras. Os suportes empregados são levados ao limite e mais além, mediante sucessivas experimentações e o uso de materiais e técnicas artesanais inusitados.

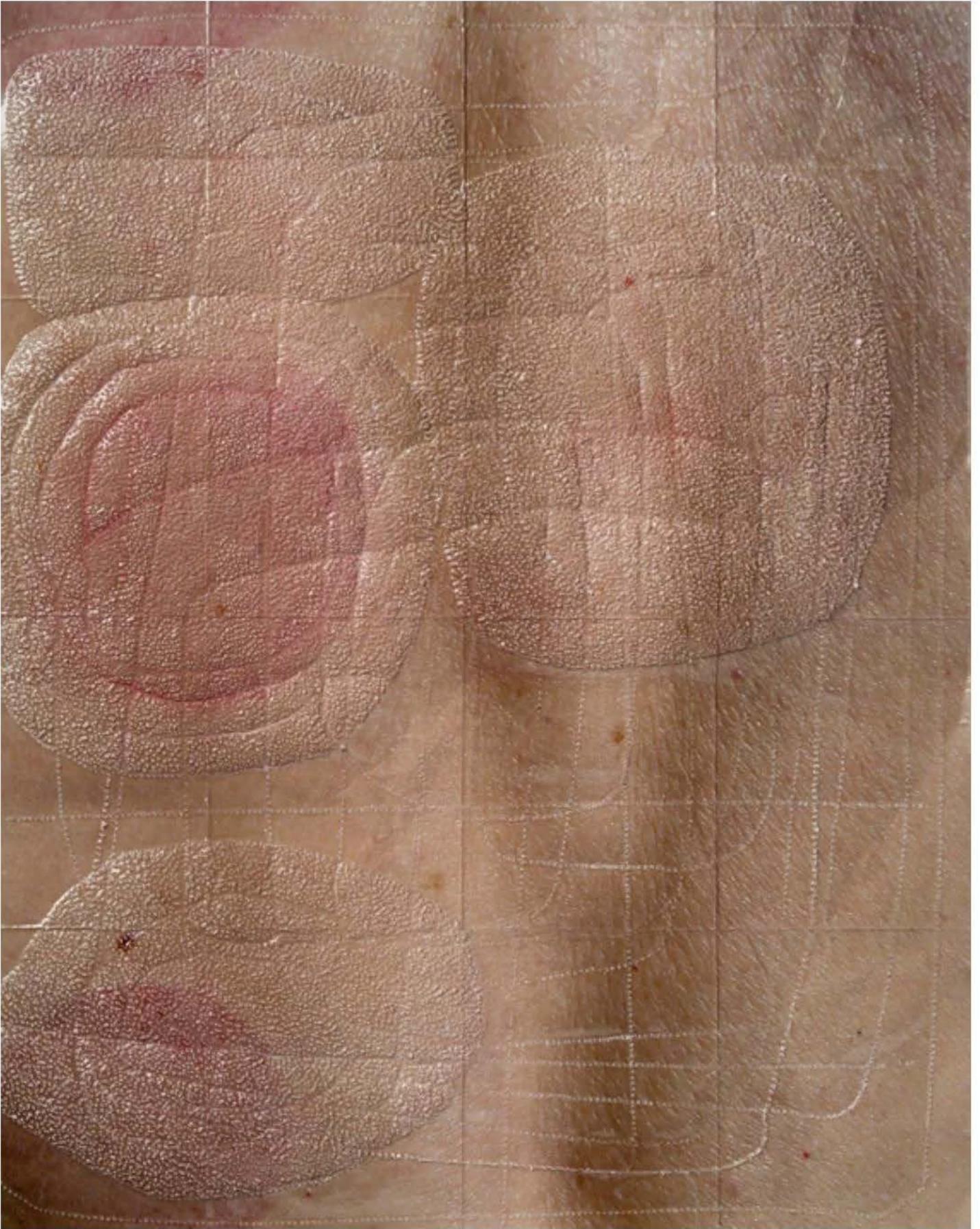
Conceitualmente, seu interesse é pautado pelos seguintes tópicos: a fragilidade do corpo, a cura, a

passagem irrevogável do tempo, a memória, a natureza definitiva da morte, o luto e a sexualidade.

A ambiguidade sexual muitas vezes presente na obra do artista, em suas formas e componentes, erode e desafia as pretensas representações hegemônicas de gênero e as concepções dominantes de sexualidade. Deste modo, nos oferece uma perspectiva mais híbrida, fluída e polissêmica.

Com uma carga altamente simbólica, os trabalhos apresentados operam como uma narrativa multidimensional, proporcionando ao público múltiplas leituras e estados de fruição. A orquestração espacial das obras, bem como o ato de caminhar entre elas, suplementam-se. Essas, em virtude da delicadeza e da riqueza de detalhes, requerem uma relação mais intimista e de proximidade. É a partir da locomoção do visitante que distintas imagens e objetos passam a configurar um espaço narrativo e afetivo, revelando, assim, interrelações complementares e infindáveis associações.

HÉRCULES GOULART MARTINS



• Sem título, da série Peles 2015 | perfurações e pigmentos sobre fotografia



• **Ex-Votos** 2006/2007 | porcelana, tecidos e linhas de algodão



• **Sem título, da Série Negros** 2005/2016 | feltro, cabelo, tecidos e contas de vidro



• **Sem título, da série Brancos** 2003/2004 | feltro, cabelo, tecidos e contas de vidro





Exposição *Abluções* de Cêlio Braga.

ABLUÇÕES CÉLIO BRAGA

ESPAÇO 2 | 01 DE MARÇO A 28 DE ABRIL DE 2016

Realizada em parceria com o Museu Victor Meirelles durante o fechamento da Instituição para sua revitalização, *Abluções* apresenta no Brasil o artista mineiro que reside e produz em Amsterdã. Com uma sólida carreira no exterior e com obras integrando coleções de importantes museus europeus, Célio ainda não desfruta da mesma repercussão no seu país de origem. As séries apresentadas exploram um corpo físico-afetivo-simbólico, reiteradamente construído a partir de imagens íntimas e objetos pessoais cedidos por amigos. Registros em close da pele são visceralmente escarificadas, perfuradas, costuradas, desvendando diversas camadas dessas peles, tanto humanas quanto da própria fotografia. Peças de roupas usadas, juntamente com pelos e vestígios humanos são minunciosamente costuradas e bordadas até se transformarem em um objeto sólido incomum. Amálgamas de ex-votos instauram novos sistemas organogênicos. Milhares de bulas de remédios suturam uma imensa cortina atestando a fragilidade do corpo no espanto da epidemia do século. Processos singulares, fatura primorosa, delicadeza e riqueza de detalhes provocam e guiam o expectador por infindáveis narrativas sobre a materialidade da existência.



PAISAGEM PLURAL

ANA MÄHLER • ALEXANDRA ECKERT • ANGELA ZAFFARI • BEATRIZ DAGNESE • BEATRIZ HARGER • BIANCA SANTINI • FÁBIO ANDRÉ RHEINHEIMER • FERNANDO LINDOTE • FLÁVIO MORSCH • GUSTAVO RIGON • HELENA D'ÁVILA • MARLENE KOZICZ • RICARDO GIULIANI • ROSALI PLENTZ • SILVIA RODRIGUES • UMBELINA BARRETO • VERA REICHERT • VERLU MACKE • WALMOR CORRÊA • ZETTI NEUHAUS

CURADORIA DE ANA ZAVADIL

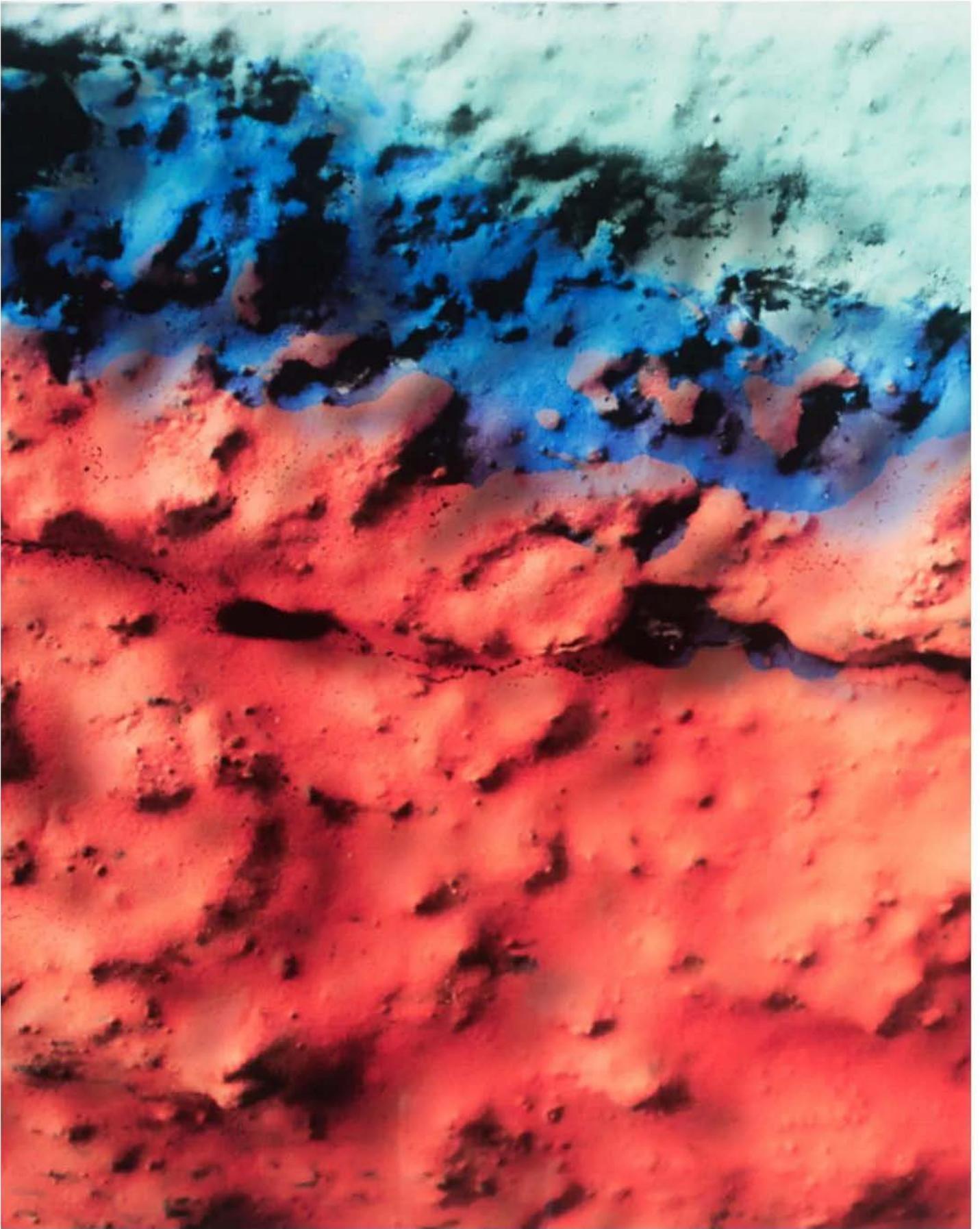
A paisagem sempre teve seu lugar na história da arte. Até o século XIX ela era apenas o pano de fundo para pinturas de cenas religiosas e mitológicas ou de retratos. Do século XIX em diante ela passa a desempenhar o papel principal, evoluindo para a categoria de pintura de gênero.

Na contemporaneidade e nesta exposição a paisagem reinventa-se a partir da natureza, da cultura e da estética.

Em Paisagem Plural, a paisagem é usada como foco conceitual das obras, em que a representação poética de cada artista vai desde a natureza em si mesma até a sua dimensão simbólica. A paisagem assume outros significados por meio de subjetividades, metáforas e narrativas, em que a intenção, as tramas e os encontros dão origem aos trabalhos que serão levados à visibilidade pública.

A escolha das obras para a exposição teve como objetivo buscar aquelas que caracterizassem ou descrevessem o conceito de paisagem, deixando, no entanto, um limite poroso para que se pudesse expandir o conceito. As diferentes linguagens que percorrem o assunto vão desde a instalação, a pintura, a fotografia, o desenho e a escultura e/ou o objeto dentre outras modalidades. Não necessariamente vamos identificar uma paisagem em seu limite reconhecível, pois ele pode estar em consonância com outros modos de entendê-la. Ela pode estar representada por meios que intentam significar, matas, céus, florestas encantadas, ou mesmo nas suas cores e luzes; nas paisagens urbanas ou em abordagens singulares, ficcionais ou fantásticas. E mesmo elas sendo de estilos diferentes no contexto da exposição ampliam o seu potencial de significado.

ANA ZAVADIL



HELENA D'ÁVILA • Sem Título 2011 | impressão em transparência s/acrílico



ALEXANDRA ECKERT
 • Série Histórias Pequenas (detalhe) 2011/2015 | serigrafia sobre papel



RICARDO GIULIANI
 • Ciclovía 2015 | colagem de jornal, nanquim e backligh



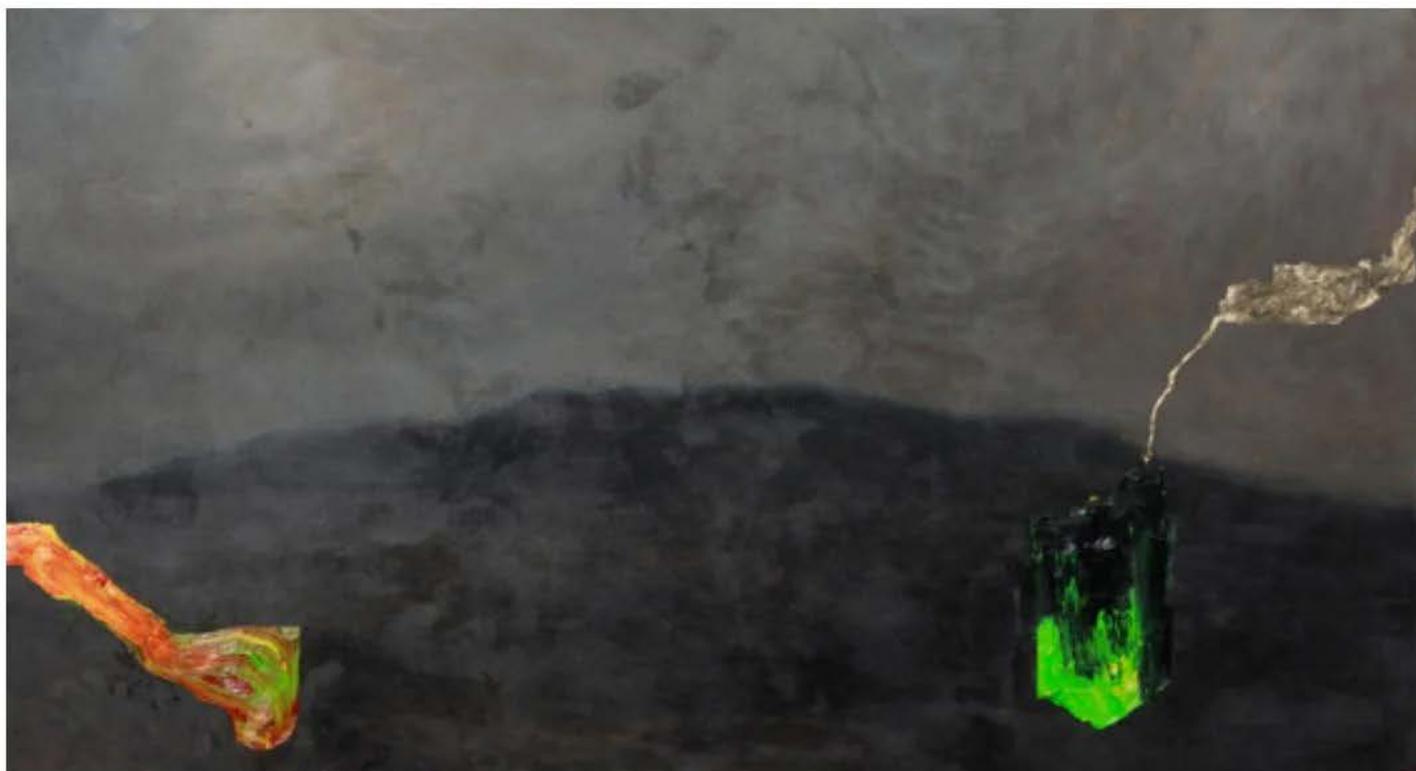
ANGELA ZAFFARI
 • Sem título (detalhe) 2016 | acrílica sobre tela



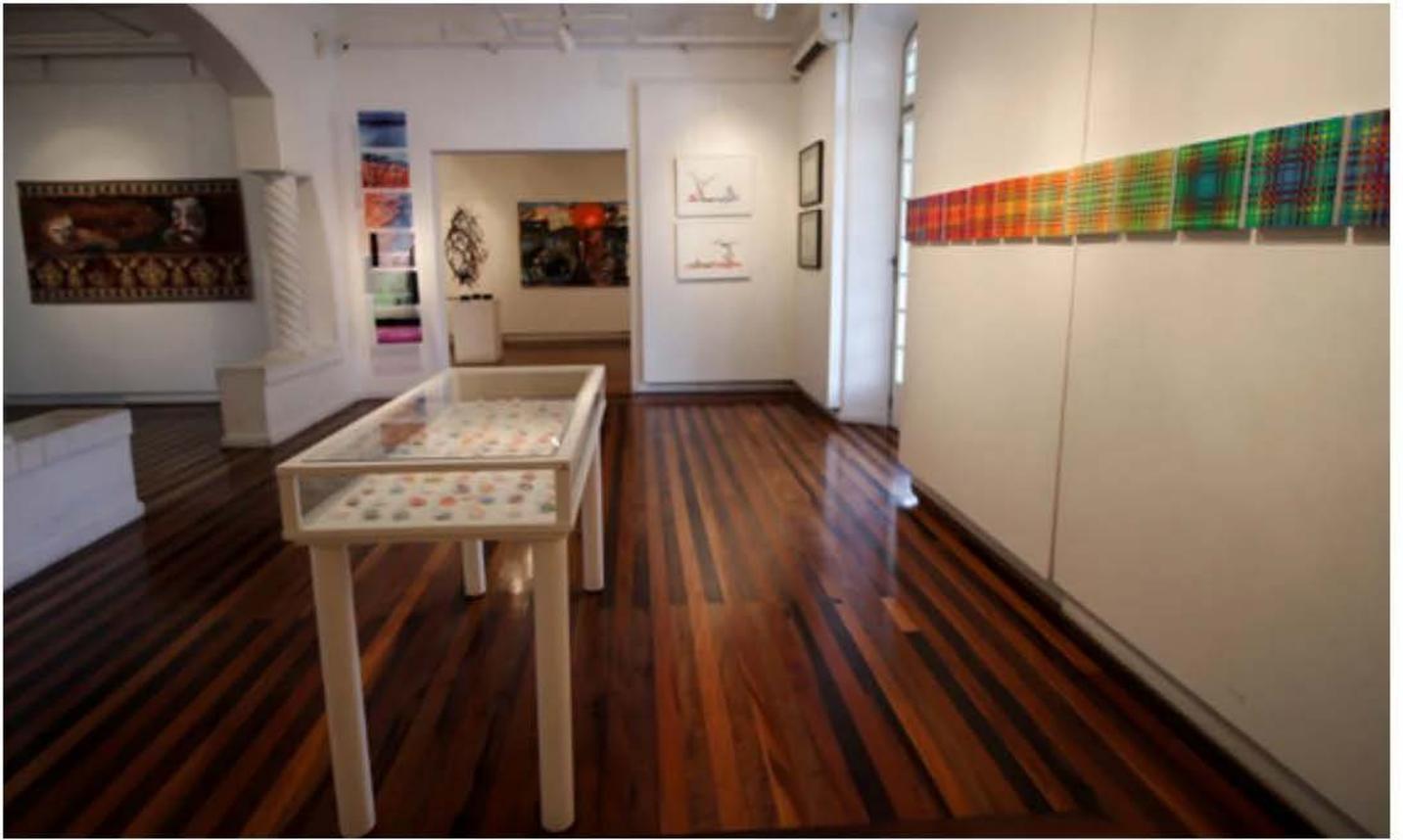
SILVIA RODRIGUES
 • Sem Título (detalhe) 2015 | acrílica sobre tela



WALMOR CORRÊA • Paisagem Rio de Janeiro 2015 | lápis de cor e grafite sobre papel



FERNANDO LINDOTE • Janela de Drummond 2008/2013 | óleo e ouro sobre tela



Exposição Paisagem Plural

PAISAGEM PLURAL COLETIVA

ESPAÇO FERNANDO BECK | 10 DE MARÇO A 20 DE ABRIL DE 2016

A categoria paisagem, em seu sentido mais amplo, interliga as obras, oportunizando que a poética de cada artista transite da representação mais icônica até a sua dimensão mais simbólica. A paisagem assume significados diversos por meio de subjetividades, metáforas e narrativas no enleio curatorial. A proposta surge da conversa com Ana Zavadil durante sua atuação como curadora assistente na 10ª Bienal do Mercosul, partindo da intenção de trazer à Fundação um panorama de artistas gaúchos contemporâneos, tendo como contraponto dois artistas especialmente convidados: Walmor Corrêa, artista catarinense que firma sua carreira no Rio Grande do Sul e Fernando Lindote, artista gaúcho que estabelece sua produção na Ilha de Santa Catarina.



ELETRCARDIOGRAMA DE UMA SEREIA

WALMOR CORRÊA

CURADORIA DE FABRÍCIO TOMAZI PEIXOTO

Na obra *Ondina*, da série *Unheimlich* (2005), Walmor Corrêa cria um atlas de anatomia de uma sereia, onde mostra e descreve o funcionamento dos diversos órgãos do corpo desse ser mítico. Esta biologia imaginada pelo artista nos parece tão verdadeira pois é fruto de muita pesquisa e conversa com especialistas de diferentes áreas médicas. Para o estudo do coração, o artista recorreu ao seu amigo cardiologista Renato Saraiva e com seu auxílio chegou à conclusão de como seria a anatomia de um coração que pudesse manter vivo um ser com aquelas características:

"Coração e sistema elétrico cardíaco, localizado no centro do tórax, permanece com função de bombear sangue para o corpo, suprindo as células com nutrientes e oxigênio. Quando o músculo cardíaco se contrai, ele força a passagem do sangue do átrio para os ventrículos e destes para fora. O sangue então volta ao coração por um complexo sistema venoso. Possui três cavidades: um átrio e dois ventrículos. As três cavidades tem praticamente o mesmo volume, mudando a espessura das paredes. Há um espaço grande entre o segundo e o terceiro batimento. O primeiro som ou bulha cardíaca é a batida do átrio, o segundo som a batida do ventrículo direito e o terceiro som a reverberação do sangue nas paredes do ventrículo esquerdo. A ativação cardíaca resulta de um impulso

que se origina em uma célula ou grupo de células e da propagação deste impulso a todas as células do átrio e ventrículos".

Assim, o artista justifica e torna possível a existência daquela mulher-peixe, e sendo possível que seu coração exista daquela forma, o próximo questionamento feito pelo artista foi como então seria o seu eletrocardiograma.

Em 2014/2015 Walmor Corrêa cria a fictícia clínica Saraiva Corrêa, onde ele se apresenta como cardiologista, com seu CRM, carimbo, envelope timbrado, e produz as obras *Eletrocardiograma de Uma Sereia* e *Laudo*, ambas com tiragem de 100 unidades, assinadas e numeradas.

Eletrocardiograma em papel: impressão sobre papel, carimbo e caneta esferográfica. Medidas: 76,5 cm x 11,5cm.

Laudo: impressão sobre papel, carimbo e caneta esferográfica. Medidas: 23cm x 41cm.

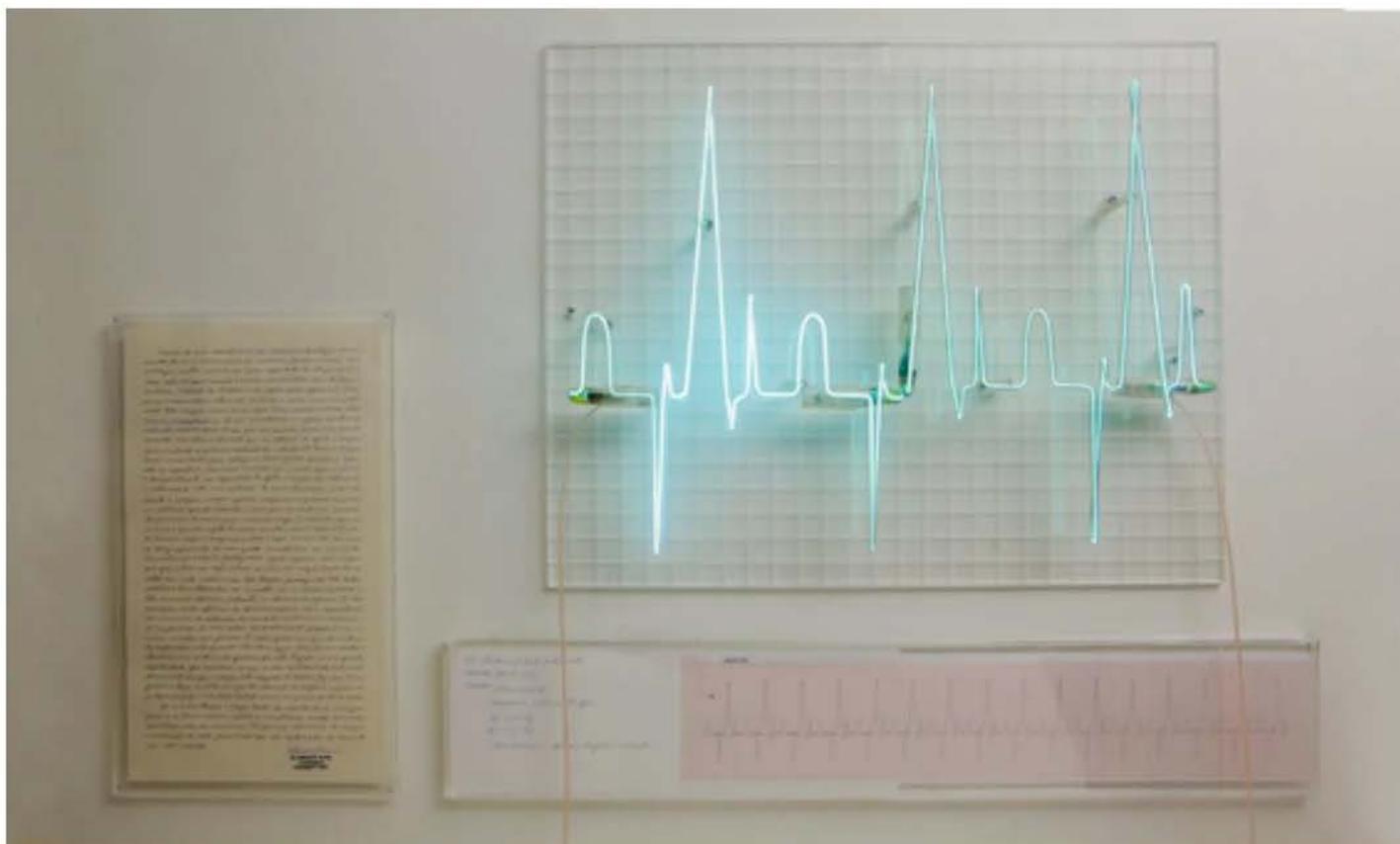
Cria também a obra *Eletrocardiograma de uma Sereia*, em neon sobre acrílico, série de 10. Medidas: 60cm x 49cm.

Estas obras são resultado do pensamento obsessivo do artista, que não satisfeito em mergulhar no rico universo do funcionamento do coração de uma sereia, vai além e nos apresenta a representação do eletrocardiograma deste coração em funcionamento, dando assim subsídios para que o observador dialogue ainda mais fortemente com a sua poética.

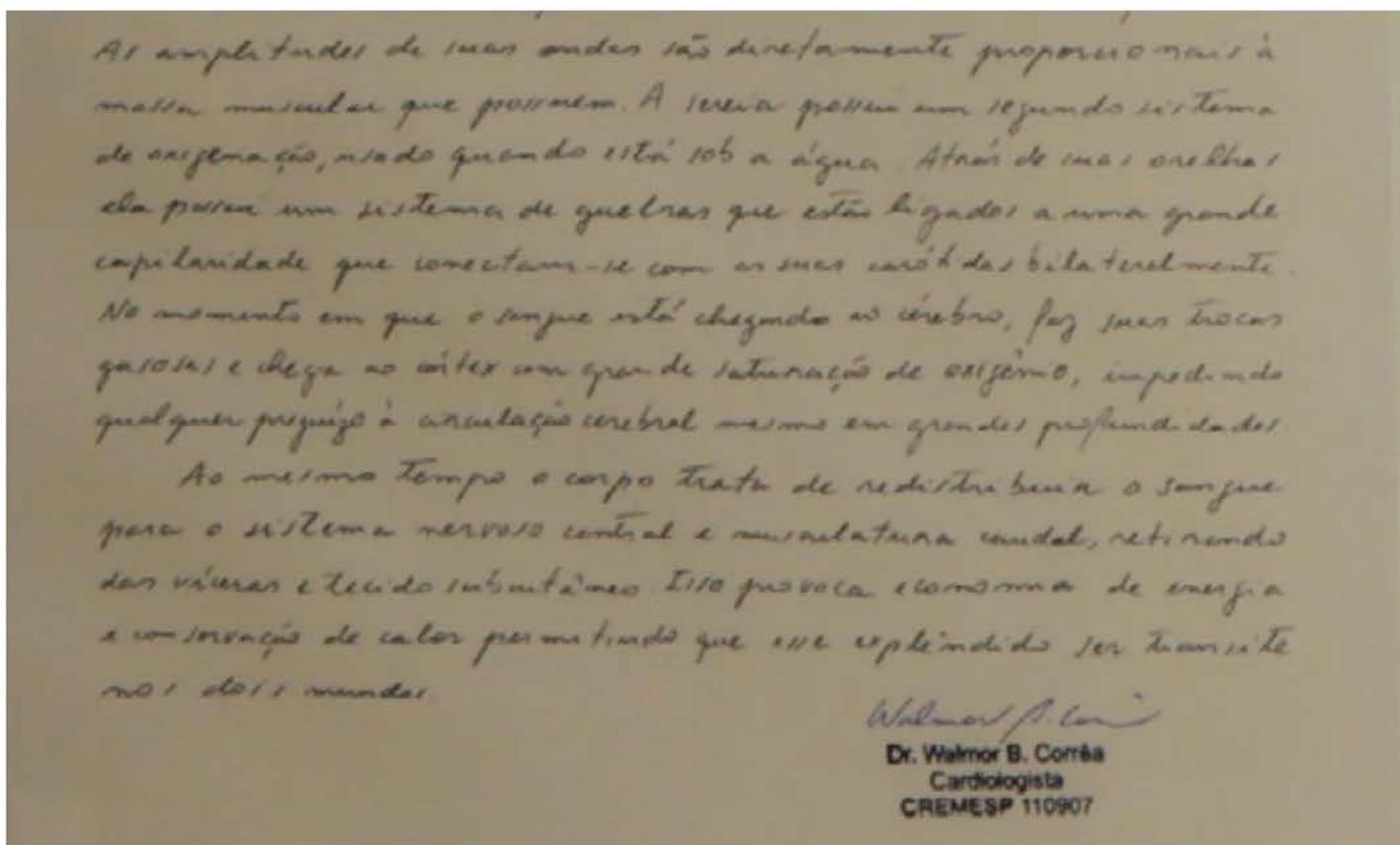
FABRÍCIO TOMAZI PEIXOTO



• Eletrocardiograma de uma sereia (detalhe) 2015 | neon sobre acrílico



• **Eletrocardiograma em papel** 2015 | impressão sobre papel, carimbo e caneta esferográfica • **Laudo** 2015 | impressão sobre papel, carimbo e caneta esferográfica • **Eletrocardiograma em neon** 2015 | neon sobre acrílico



• **Laudo (detalhe)** 2015 | impressão sobre papel, carimbo e caneta esferográfica

ELETROCARDIOGRAMA DE UMA SEREIA WALMOR CORRÊA

ESPAÇO 3 | 03 DE MARÇO A 24 DE NOVEMBRO DE 2016

Enfatizando seu projeto de preservar a memória das Artes Visuais, a Fundação inaugurou um pequeno espaço de 4m² localizado no hall de entrada, dedicado a revisitar exposições e artistas que fizeram história na Instituição. A proposta do novo Espaço é estimular a produção de material crítico e curatorial com desdobramento na rede em forma de catálogo eletrônico. O primeiro artista convidado a ocupar o Espaço 3 foi Walmor Corrêa, que em 05 de agosto de 2009 abriu a mostra Teleplastias, sob curadoria de Rosângela Miranda Cherem, com a qual ganhou o prêmio de melhor exposição do ano pela Fundação Franklin Cacaes. O catálogo eletrônico Eletrocardiograma de uma Sereia foi publicado no site Issuu.com trazendo textos de Lena Peixer, Rosângela Miranda Cherem, Eneléo Alcides e Fabrício Tomazi Peixoto. Walmor Corrêa é natural de Florianópolis/SC, atualmente vive e trabalha em São Paulo/SP. Já participou da Bienal de São Paulo, Bienal do Mercosul e do Panorama de Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.



CORPOS E PARTES

ANA NOROGRANDO

Na inserção da figura feminina através de fragmentos de corpos de manequins e peças descartadas de máquinas e equipamentos agrícolas, revelam-se questões de gênero que refletem sujeições e limitações culturais. Nas palavras do historiador e crítico de arte Gaudêncio Fidelis, "o corpo é abordado por meio de uma insistente supressão da integridade física, agora não mais constituída por uma carência entre suas partes, porém fragmentado de maneira definitiva e reintegradas

através de procedimentos, ora em sintonia, ora em completa dissonância em sua relação com os materiais. Esses corpos de manequins perfeitos contrastam com as estruturas de ferro às quais se encontram presos ou conectados. A origem industrial de um contrasta com a de outro, promovendo um confronto de considerável efeito conceitual, que multiplica as formas como se fosse uma combinação tecnológica de caráter híbrido".

ANA NOROGRANDO



• **Articulação II** 2013 | fragmentos de manequim, ferro e parafusos de aço inox



• **Figura Com Flores** 2013 | busto, fragmentos de manequim, cone de ferro, cabos de aço, tinta acrílica, adesivos e massa plástica



• **Figura Com Vermelho** 2013 | busto de manequim em acrílico, cone de ferro pintado e massa plástica



• **Figura Com Plano e Tecido**. 2013 | busto de manequim, resina, cano, chapa de ferro e chiffon de poliéster



Exposição *Corpos e Partes* de Ana NoroGrando.

CORPOS E PARTES ANA NOROGRANDO

ESPAÇO FERNANDO BECK | 28 DE ABRIL A 02 DE JUNHO DE 2016

Nos trabalhos da fase *Corpos e Partes*, intitulada como neofeminista pelo crítico de arte Gaudêncio Fidelis, a artista une fragmentos de corpos de manequins a peças descartadas de máquinas e equipamentos agrícolas, criando um forte contraste entre a delicadeza "feminina" dos manequins feitos com material leve e a aspereza "masculina" de partes de máquinas feitas de metal pesado. As esculturas provocam questões como gênero e feminismo, abordando por meio de uma linguagem "político-poética" a condição cultural da mulher. Ana Norogrande é formada em Desenho e Plástica pela Escola Superior de Artes Santa Cecília. Natural de Cachoeira do Sul/RS, atuou como docente na Universidade Federal de Santa Maria e no Centro Universitário Franciscano, ambos em seu estado de origem.



REGISTROS: FICÇÕES POLAROIDES

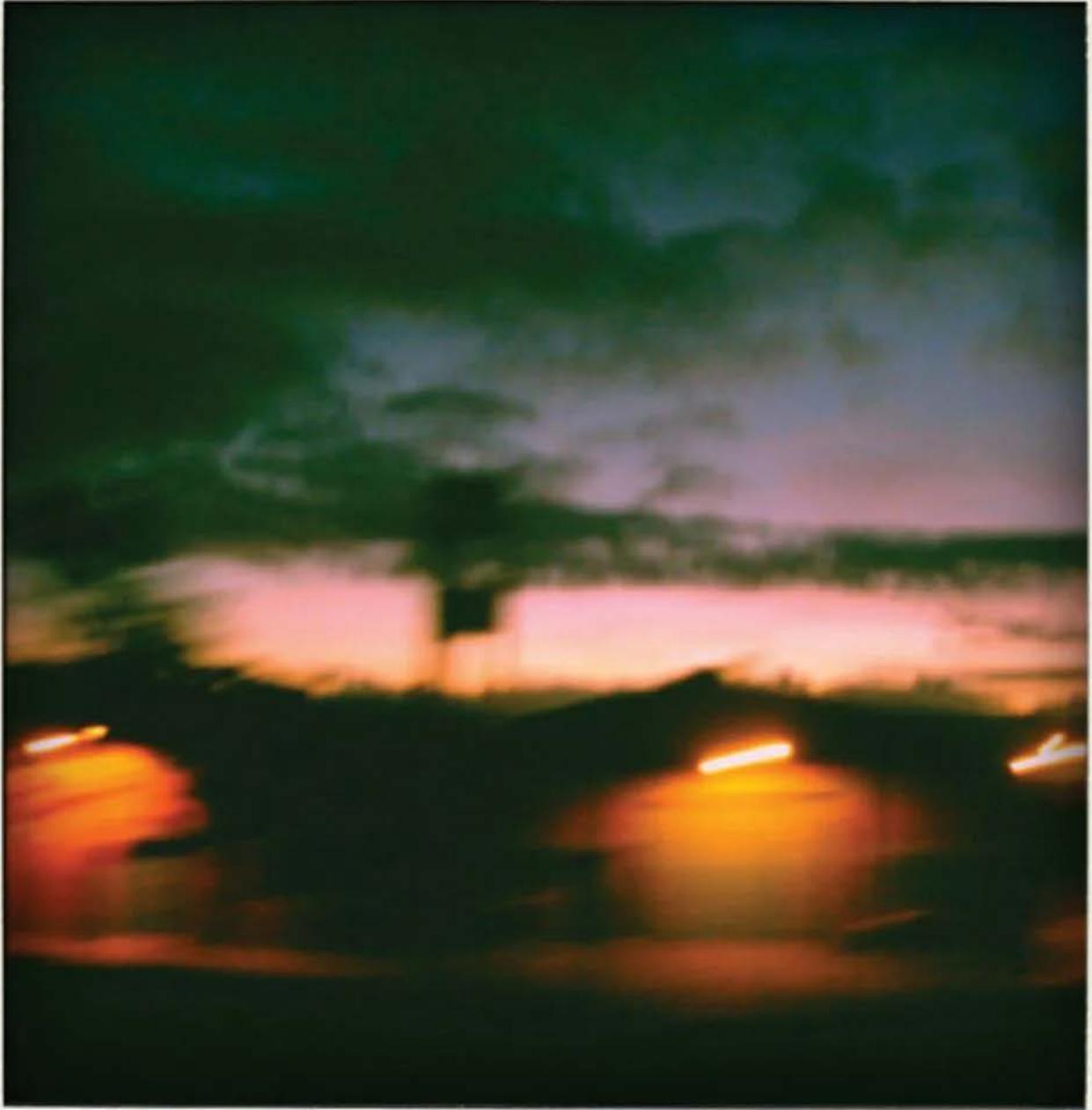
JOANA AMARANTE

CURADORIA DE JULIANA CRISPE

Concentrada em cada uma das sessenta
imagens
Observo e leio.
Não vi aqueles instantes como os olhos de
Joana
Não senti como a alma dela imaginou aquelas
passagens - paisagens
Ficcionais?
As imagens
As palavras
Soletro o que me dizem!
Elas cortam as horas em poções
Inebriantes
Formato polaroide
Propõem mergulhos profundos na tentativa de
encontrar os ditos
Não estive nelas com Joana!
Convivi com ela!
Observei!

Foram outros momentos sem polaroide!
Guardo comigo daqueles e destes a impressão
de silêncio
Bloco de gelo que derrete de um lado
E só
Só por instantes de tempo que ela aqui ficcionou
Um só corpo que segue pelo tempo escorrido
por janelas
Desafiando toques úmidos, chovidos
Gélidos de ternura
Em poesia de olhar
Nunca sorrir
Encantar!
Por dizer sempre só
Pensar alto
E abismar num quase ali
Instante
Sempre quase a se salvar
De si.

SANDRA CORREIA FAVERO



• 18h59 sou uma farsa 2010/2017 | impressão em *fineart*



• 01h14 toda memória é ficção. 2010/2017 | impressão em *fineart*



• 17h17 quando o foco está no mundo lá fora 2010/2017 | impressão em *fineart*



• 21h00 nunca mais...
2010/2017 | impressão em fineart



• 05h54 quando me perdi de você
2010/2017 | impressão em fineart



• 10h30 coleção de pedras
2010/2017 | impressão em fineart



• 14h18 na tentativa de encontrá-lo
2010/2017 | impressão em fineart



• 23h59 espero vocês todas as noites
2010/2017 | impressão em fineart



• 23h58 quando chegarei?
2010/2017 | impressão em fineart



• 17h17 quando o foco está no mundo lá fora
2010/2017 | impressão em fineart



• 17h03 quando segui você
2010/2017 | impressão em fineart



• 10h50 brisas do Tâmega
2010/2017 | impressão em fineart



Exposição *Registros: Ficções Polaroides* de Joana Amarante

REGISTROS: FICÇÕES POLAROIDES JOANA AMARANTE

ESPAÇO 2 | 05 DE MAIO A 16 DE JUNHO DE 2016

Viajar para outros continentes, caminhar por ruas desconhecidas dentro da própria cidade, sentir temperaturas agradáveis ou desagradáveis e criar com essas imagens suas memórias é o que a artista propõe com suas fotografias em formato polaróide. Os registros funcionam como ficções do seu trajeto e são apresentados também no livro homônimo, lançado na abertura da exposição, que foi selecionada no Edital 2016 na categoria Primeira Individual. Joana Amarante, natural de Florianópolis/SC, é graduada em Artes Plásticas e mestre em Teoria e História das Artes Visuais, ambas pela Universidade do Estado de Santa Catarina.



O NÔMADE E O SEDENTÁRIO

DIANE SBARDELOTTO

De repente se deu conta do descompasso entre o desejo de se determinar o espaço das árvores e o curso próprio da liberdade dessas. A circunscrição de metal esperava um corpo não tão esguio, ora, havia a expectativa de que se tornasse bojuda, farta em seu preenchimento. Mas nem por isso. O resultado fora o inicial esgarçamento do metal. Ele poderia ser

arrepentado e a liberdade diria basta à idealidade roubadora da expansão. O resultado, porém, é a fusão da carne da árvore a engolir a ferragem, a deixá-la existir. O tronco se mescla à imaginação restritiva, a existência arbórea se torna o vestido do esqueleto que passa a envolver. A planta se faz roupa anômala do corpo que lhe fora imposto.

CESAR KIRALY



• Sem título, da série Moldes 2016 | fotoperformance



• Sem título, da série **Moldes** (detalhe) 2016 | pintura em acrílica, cola e goma sobre tecidos diversos



• Sem título, da série **Moldes** (detalhe) 2016 | pintura em acrílica, cola e goma sobre tecidos diversos



• Sem título, da série Moldes 2016 | pintura, instalação, acrílica, cola e goma sobre tecidos diversos



Exposição *O Nômade e o Sedentário* de Diane Sbardelotto

O NÔMADE E O SEDENTÁRIO DIANE SBARDELOTTO

ESPAÇO 2 | 23 DE JUNHO A 28 DE JULHO DE 2016

As obras tratam de investigações como objeto-roupa-pintura-escultura e fotoperformance. O trabalho é permeado por questões do disforme, repetição, maleabilidade, pensadas a partir dos conceitos de nomadismo e sedentarismo. Subjetividades que possuem referência na experiência laboral em uma fábrica têxtil, cuja observação da árdua rotina transparece na pintura sob insinuações de graxa e sangue. Diane Sbardelotto é formada em Artes Visuais pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó e Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Natural de Tigrinhos/SC, vive e produz em Porto Alegre/RS.



OBRA

DIEGO PASSOS E JULIANO VENTURA

Obra articula recortes da produção de dois artistas que têm colaborado sistematicamente em projetos e ações, abordando elementos e emergências de diferentes espaços vivenciados nas cidades.

Destaca-se, nessa aproximação, a persistência de procedimentos com a caminhada, a coleta, a escrita, a fotografia e a fotocópia, desdobrados a partir de

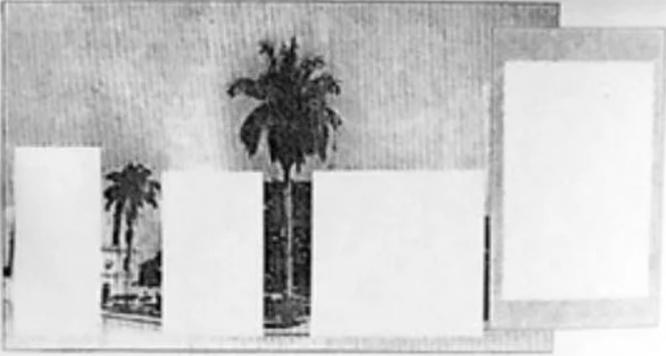
situações específicas em experimentos gráficos, inscrições, deslocamentos e reorganização de fragmentos urbanos dispersos.

A obra é pensada como extensão conceitual e material do gesto. Obra não como dado bruto, mas um movimento de instauração de modos de agir voltado ao mundo vivido e exposto a atravessamentos, contaminações, embates.

DIEGO PASSOS E JULIANO VENTURA



DIEGO PASSOS E JULIANO VENTURA • Monumento 2013/2014





Exposição *Obra* de Diego Passos e Juliano Ventura

OBRA DIEGO PASSOS E JULIANO VENTURA ESPAÇO FERNANDO BECK | 09 DE JUNHO A 14 DE JULHO DE 2016

A exposição articula proposições artísticas que abordam elementos de diferentes espaços vivenciados nas cidades por meio de experimentos gráficos, inscrições, deslocamentos e reorganização de fragmentos urbanos dispersos. Diego Passos é mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Juliano Ventura é graduado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Ambos são coeditores da *edicoes agua para cavalos*.



MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA

SHEILA ORTEGA

Nesta exposição o trabalho da artista Sheila Ortega nos indaga sobre o ambiente que nos circunda. A artista nos transfere para diversos espaços: a cozinha, a sala, o quarto, a lavanderia como também para a rua, a cidade e espaços urbanos.

Os objetos escolhidos são comuns, facilmente identificáveis, pois pertencem ao nosso universo contemporâneo. O acúmulo e excesso desconstroem a unidade de cada objeto selecionado cuidadosamente, o resultado deste trabalho sugere um diálogo entre objetos, entre cores e composição, transcendendo suas características particulares e pertinentes às suas funções. A soma e o acúmulo formam nesta obra uma rede única de inter-relações visuais.

Os objetos são esvaziados de sua utilidade, arrancados

de sua condição natural e adquirem um novo significado. É diante dessas considerações que a artista se questiona: "Por que nos afeiçoamos às coisas? Por que guardamos objetos e os acumulamos? Quais sentidos os objetos nos reservam? Por que guardamos tanta memória em forma de objetos? Quais são as memórias que dispomos para compor nossos manuais de sobrevivências"?

Quando a artista se pergunta a respeito do acúmulo de objetos, ao sentido que estes nos reservam, não há uma preocupação com os fatos em si, mas sim, com o significado que eles têm para o sujeito que o experimenta. A exposição Manual de Sobrevivência pode provocar reminiscências de um tempo particular, memórias e histórias que não têm como não passar pela emoção e afeto.

JEAN-JACQUES VIDAL



• # 13, da série *Ao alcance da mão* 2016 | impressão jato de tinta em papel Hahnemühle



• # 11, da série *Ao alcance da mão* 2015 | impressão jato de tinta em papel Hahnemühle



• *Habitação #4* 2014 | vídeo, 11'30"; disponível em <https://vimeo.com/87786584>



• Instalação Pequenos Acúmulos #6, da série Ao alcance da mão 2016 | ferro, alumínio, madeira, cerâmica, vidro, tecido, papelão, sisal e plástico



Exposição *Manual de Sobrevivência* de Sheila Ortega

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA SHEILA ORTEGA

ESPAÇO FERNANDO BECK | 21 DE JULHO A 25 DE AGOSTO DE 2016

Uma fração do ambiente doméstico é deslocada de sua situação original para adquirir um novo significado: desenvolvimento de um pensamento sustentado no conceito de natureza-morta e estudo de composição na tradição da pintura. Sobressai a ideia de colecionar o que não se coleciona: a memória do acúmulo. Sheila Ortega é graduada em Artes Plásticas e mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. Natural de São Paulo/SP, é docente da Faculdade Paulista de Artes e do Centro Universitário Metropolitano de São Paulo.



LINHA DO TEMPO

ITAMARA RIBEIRO

CURADORIA DE JULIANA CRISPE

A série Linha do Tempo é uma investigação sobre a passagem do tempo no universo feminino. Ela é composta por obras em que estão contrapostas duas velocidades: a efemeridade do grafite e a perenidade do algodão. "Linha do Tempo" trabalha a questão das temporalidades distintas dos desenhos e dos bordados, tomando forma num ritmo às vezes rápida, às vezes lenta.

As obras são compostas basicamente por três

elementos presentes no processo de criação que se repetem em todos os trabalhos: o desenho de uma mulher; o suporte feito de folhas de revistas antigas e o bordado que suscita um fio condutor.

A exposição é baseada nas memórias da infância, quando a artista observava a mãe fiando suas peças em bordados e costuras. A artista expõe desenhos e objetos que revisitam o arquétipo da mulher, desconstruindo-o.

FERNANDO ANGEOLETTO

40

14

36

Frente direita

- X = cinza
- Y = laranja
- / = verde
- \ = amarelo
- * = preto
- = lilás
- = rosa
- ^ = marrom
- = vermelho

Tamanho: 3 meses

Material

Ingouin Poesie: 1 bola branca; sobras de fios das seguintes cores: preto, azul-escuro, azul-claro, verde, amarelo, salmão, rosa, violeta, lilás, vermelho; ag. para tricô Pingouin n.º 2 e 2 1/2; 5 botões.

Para empregados

Ponto tricô: (ver p. de

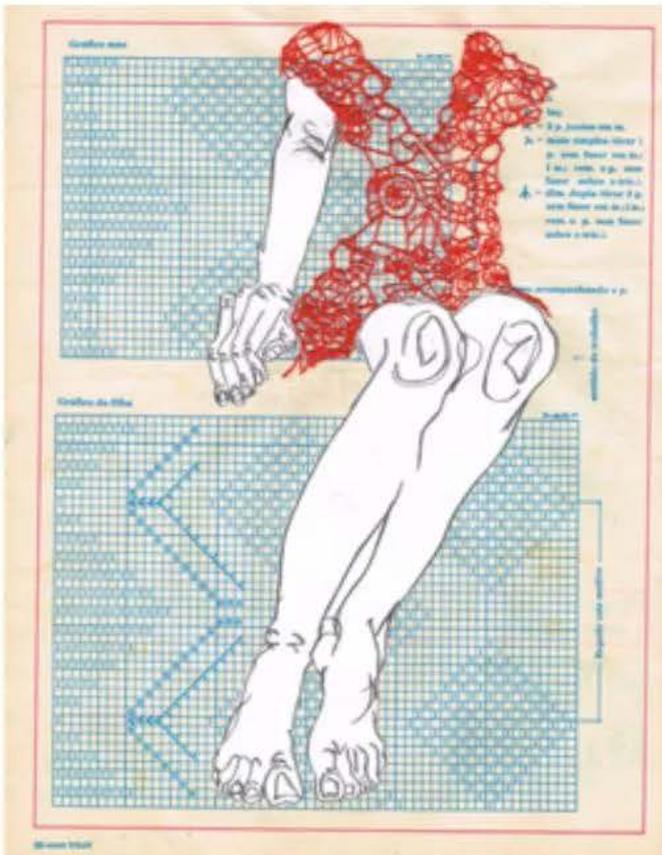
Bordado em ponto de malha: seguir o gráfico.

Amostra - Um quadrado de 10 cm em p. meia nas ag. n.º 2 1/2 = 34 p. x 44 carr.

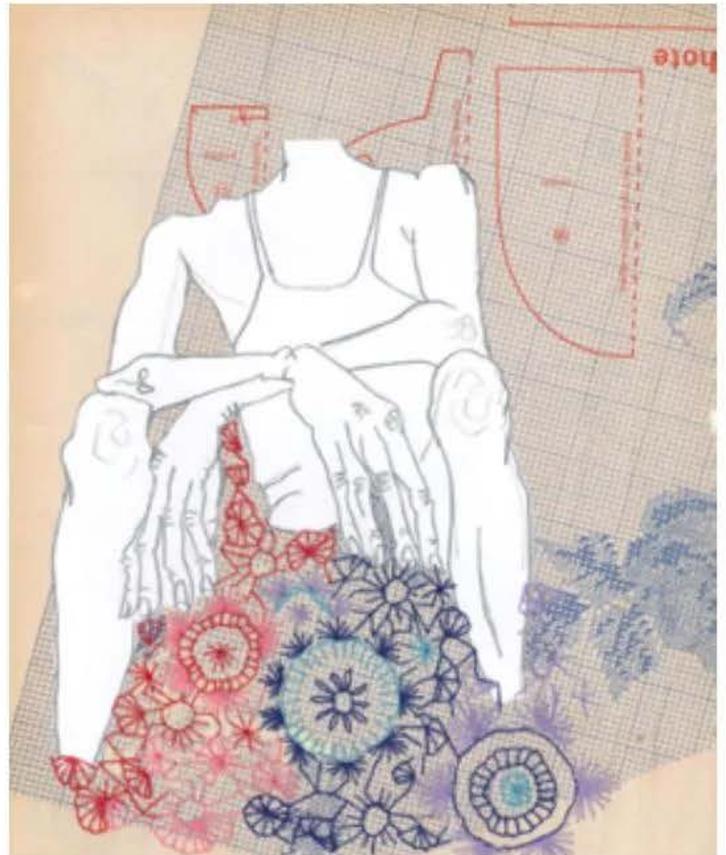
Realização

Frente

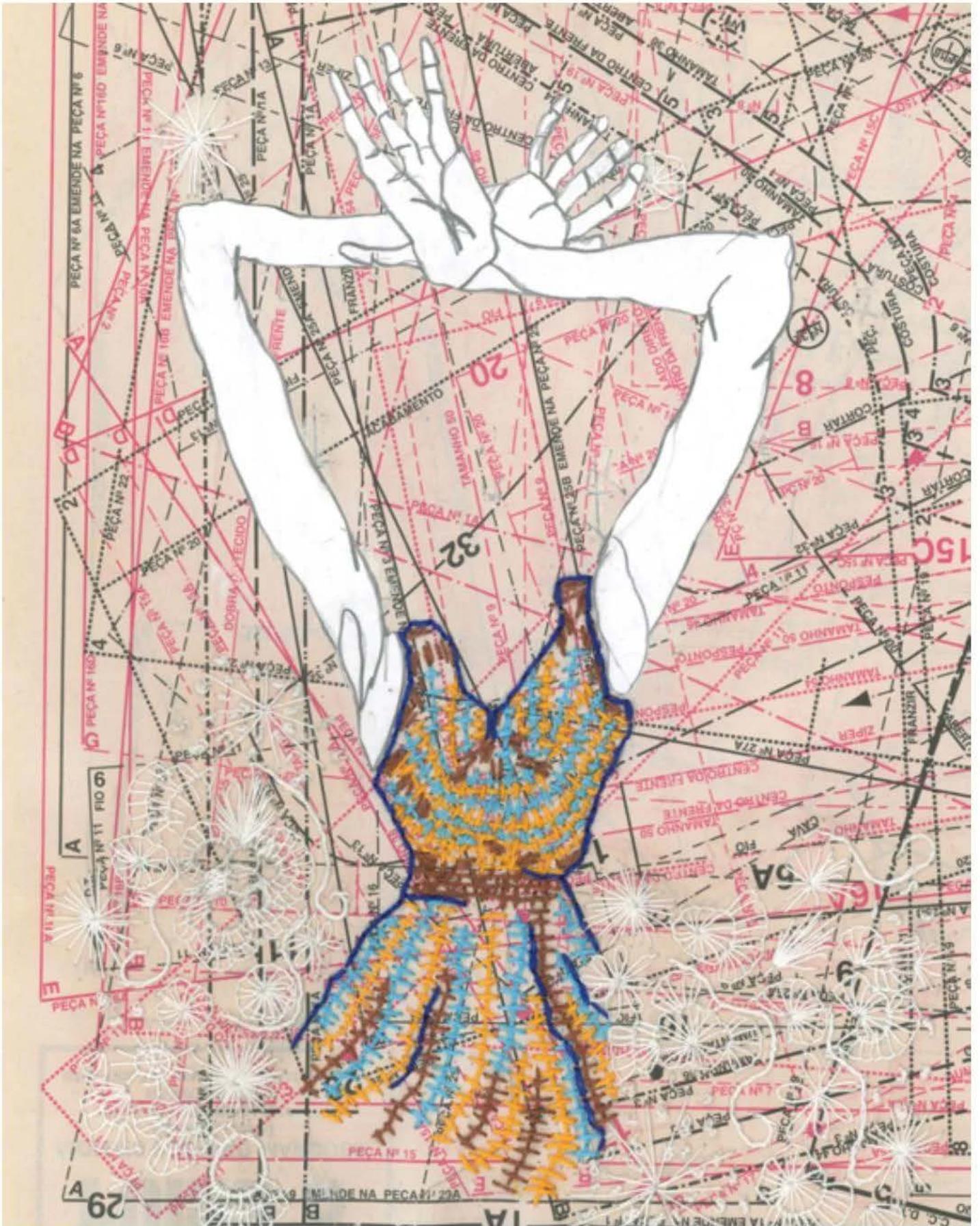
Montar 78 p. nas ag. n.º 2 e tric. 3 cm em barra 1/1. Passar para as ag. n.º 2 1/2 tric. em p. meia. A 22 cm do começo, para o decote, rem. os 14 p. centrais e continuar cada lado separadamente, rem. do lado do decote, cada 2 carr.:



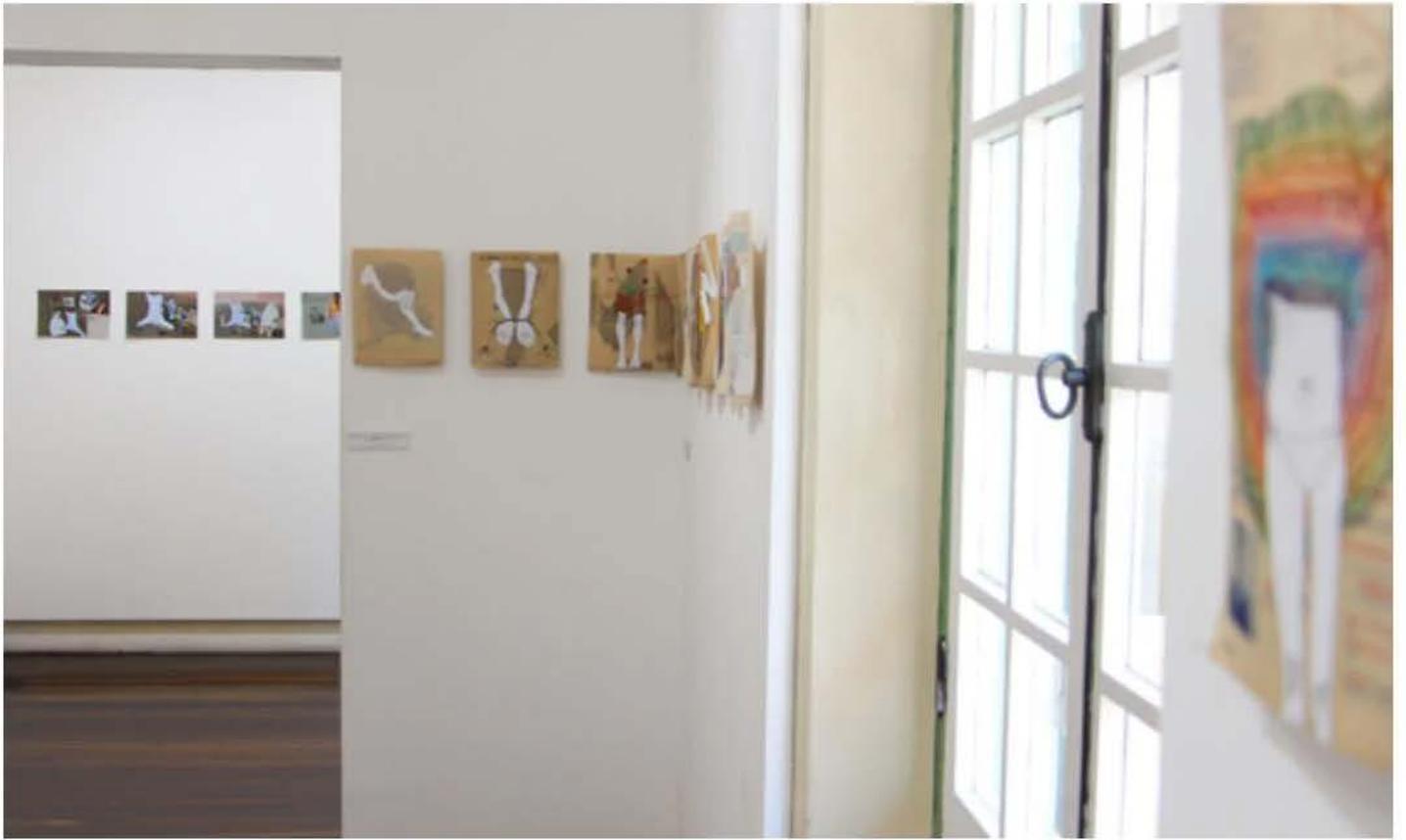
• **Tal mãe tal filha** 2016 | desenho e bordado sobre papel



• **Feito a mão** 2015 | desenho e bordado sobre papel



• Renda-se. 2016 | desenho e bordado sobre papel



Exposição *Linha do Tempo* de Itamara Ribeiro

LINHA DO TEMPO ITAMARA RIBEIRO

ESPAÇO 2 | 04 DE AGOSTO A 08 DE SETEMBRO DE 2016

Desenhos construídos sobre moldes antigos com bordados contemporâneos aludem um cotidiano feminino particular, com vieses em memórias afetivas de infância. Guiada por uma inquietação e uma lei interna, desobedece às regras impressas em busca da compreensão de um feminino despido de padrões. Por vezes encenadas na sensação de mãos e pés desproporcionais, na magreza excessiva, expressando certos desconfortos não incomuns às passagens pela adolescência. O livro de artista homônimo, editado pelo Selo Armazém, é apresentado na abertura da exposição. Itamara Ribeiro é formada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Natural de Casemiro de Abreu/RJ, atualmente vive e trabalha em Belo Horizonte/MG.



QUASE PAISAGEM

GILSON RODRIGUES

O artista apresenta um trabalho de gabinete de colecionador de estampas no qual a natureza se insere insidiosa, como uma força destrutiva que não pode ser evitada. Uma arte de ruínas que nos adverte sobre o supremo artifício de seu fazer. Massas sólidas e chapadas de cor densa e opaca e empastes grumosos de cores vibrantes alternam entre delicadas campinas, sobre relva viçosa, nos céus de azuis líquidos.

Há uma ausência, porém, que se adivinha além das visões que o artista nos oferece e que, talvez, seja o verdadeiro assunto destas pinturas. Nas imagens que perambulam estão os campos e os rios, os céus e as árvores, as mudas, os vasos e as flores, um casal de proprietários sem rosto, as xícaras e os talheres ... Mas

onde estão os armários, os móveis, onde está a casa?

A palavra nostalgia, estado de tristeza causado pela distância do lar, foi criada pelo médico suíço J.J. Harder, em 1678. A nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, é a saudade de um lugar que não mais existe ou que nunca existiu. A imagem da nostalgia, afirma Svetlana Boym, constitui-se como uma superposição de duas imagens: o solo natal e o estrangeiro, o passado e o presente, o sonho e a vida cotidiana.

Ao intentar conjugar essas imagens em uma, a moldura explode e os fragmentos se espalham. Gilson Rodrigues nos oferece, nos seus trabalhos, o instante da dispersão.

MARIA ANGÉLICA MELENDI



• **Passeio** 2016 | técnica mista sobre lona



• O cortejo (detalhe) 2016 | técnica mista sobre lona



• Marinha (detalhe) 2016 | técnica mista sobre lona



• Arranjos em ambiente amplo 2015 | óleo sobre tela, diptico



Exposição *Quase Paisagem* de Gilson Rodrigues

QUASE PAISAGEM GILSON RODRIGUES

ESPAÇO FERNANDO BECK | 01 DE SETEMBRO A 13 DE OUTUBRO DE 2016

O artista apresenta um conjunto de trabalhos em que explora questões relacionadas a história da pintura e ao universo doméstico, a partir de questionamentos sobre gêneros como paisagem e natureza morta, transpassando-os. Realiza diversos tipos de operações no plano pictórico que culminam com a criação de um espaço fictício. Gilson Rodrigues é formado em Pintura pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Minas Gerais, vive e trabalha em Belo Horizonte/MG.



SETOR TERCIÁRIO

BRUNO STORNI E RENATO MARETTI

CURADORIA DE GABI BRESOLA

Objetos e materiais cotidianos de limpeza e higiene, em 'Setor Terciário', aparecem como elementos estéticos, suportes e como o próprio trabalho.

Um livro totalmente amarelo, para ser visto/lido com luvas de limpeza amarelas em um desvio para o amarelo, citando Cildo Meirelles. Um simulacro de espelho plástico e copos hiperrealistas se apresentam como reais, ao nos aproximarmos, os objetos se revelam como ilusões. O espectador não se vê no espelho de tela branca. Uma escultura em forma de pirâmide é feita de gelo falso, que assim como a divisão de classes no real só se propõe a horizontalidade, mas permanece como promessa. Uma paisagem fria, uma natureza morta com textura e camadas de cores com pano de limpeza e cobertor de mendigo. Outras duas paisagens, uma de palavras, de sacos de lixos pretos e azuis, tríade de colagem das paisagens do que é passado. O homem branco perde a identidade com papéis higiênicos que cobrem seu rosto e sua cara. Durante a exposição dos trabalhos, os artistas se colocam como performers, se colocam na mesma condição dos materiais, como agentes responsáveis em realizar o serviços que ninguém que fazer.

Todos os trabalhos tocam o cotidiano das pessoas comuns e principalmente as que são do 'setor terciário'. Como na *arte povera* a fatura está ligada a matéria pobre e descartável, indicando as relações entre os materiais de limpeza e o pensamento artístico sobre esses materiais no meio real.

O gesto dos artistas em transportar e organizar esses objetos destes modos coloca em discussão outros modos de pensar a pintura e a instalação. No caso de 'Panos' e 'Desvio para o amarelo', de pensar também o *ready made*, desprezando as noções comuns à arte e à pintura histórica como estilo ou manufatura do objeto de arte e se refere primariamente à ideia e sua utilidade.

'Setor terciário' permite pensar na fatura e no conteúdo, pois provoca movimentos e categorias da história da arte de maneira contemporânea, considerando os materiais domésticos que representam sua crítica ao empobrecimento de uma sociedade guiada pelo acúmulo de posse e organizada em setores estabelecidos em todas as ordens sociais.

GABI BRESOLA



BRUNO STORNI • Homem Branco 2012 | impressão fotográfica



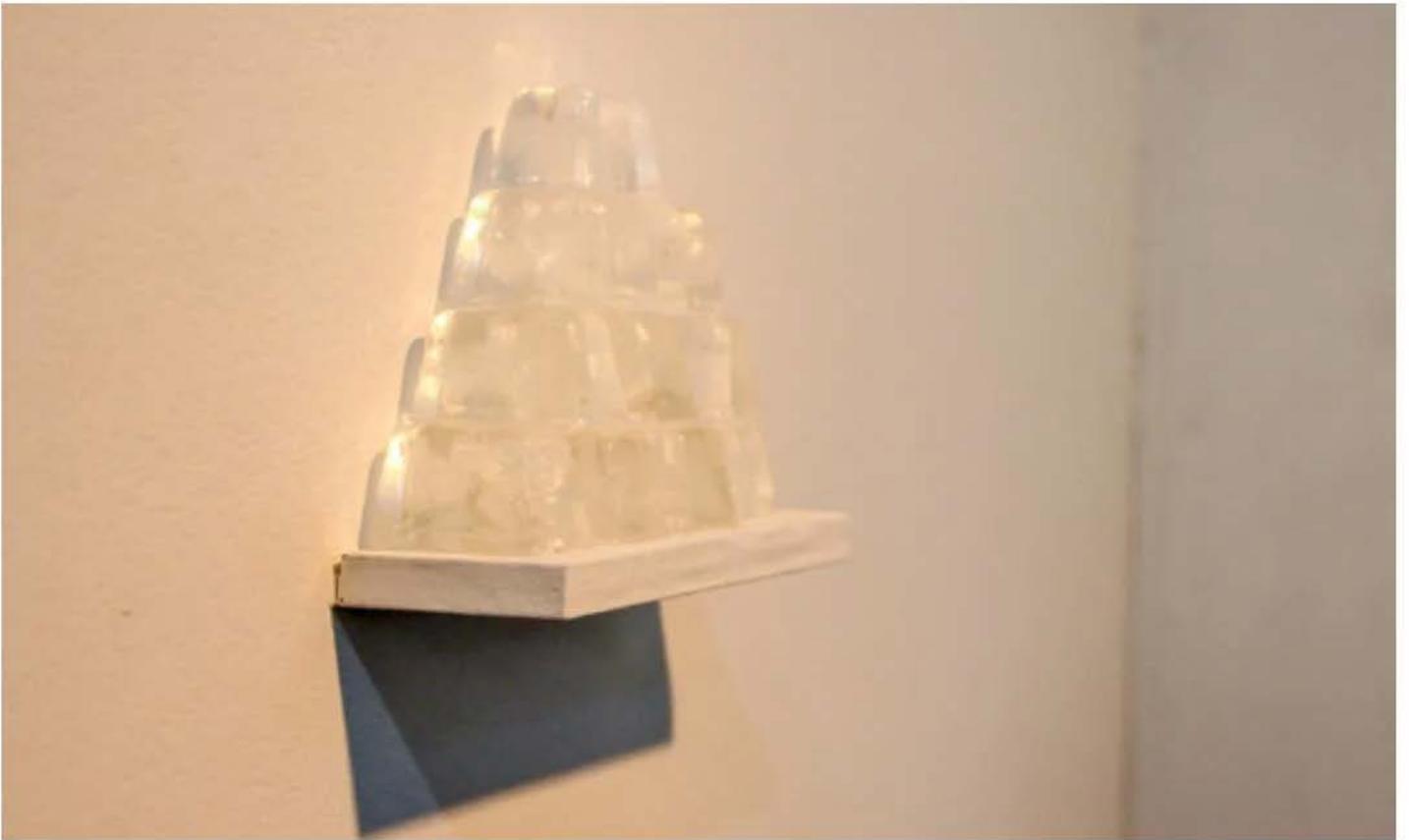
RENATO MARETTI • Panos 2015 | tinta óleo sobre tela



BRUNO STORNI • Fatura Têxtil 2013 | cobertor sobre tela



RENATO MARETTI • Modelos (detalhe) 2015 | lápis de cor preto sobre papel de caderno



Exposição *Setor Terciário* Bruno Storni e Renato Maretti

SETOR TERCIÁRIO BRUNO STORNI E RENATO MARETTI

ESPAÇO 2 | 15 DE SETEMBRO A 20 DE OUTUBRO DE 2016

Apropriando-se de materiais usados em trabalho por terceirizados, a exposição aborda movimentos da história da arte representando em seu conteúdo o empobrecimento de uma sociedade guiada pelo acúmulo de posse e organizada em setores estabelecidos em todas as ordens sociais, reconfiguradas no Brasil dos últimos anos. Bruno Storni e Renato Maretti são formados em Artes Plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado, com atuação em São Paulo/SP.



PARTITURAS

LUIZ ARNALDO E MARCELINO PEIXOTO

Desenhos são fatos documentais. Diante deles somos convocados a refazer os atos do desenhista, em gestos e intensidades, tornando presente, então, o corpo, o tempo e a matéria necessários à sua construção. Trata-se de uma espécie de carta com andamento, que por localizar as ações no tempo constitui-se de um espaço.

Os suportes dos desenhos que compõem a exposição podem, por exemplo, apresentar as sujidades das mãos e braços impregnados de pó de grafite que sobre eles se arrastaram; ou as linhas que servem a delimitação das manchas tonais; ou mesmo a mancha monotonal que, solta no branco do papel, sem seus pares, nada representa. Em todos estes delitos o que vemos são restos. Algo que se mostra responsável por evidenciar um evento passado.

Parece inevitável então pensarmos em cada desenho como um Acontecimento: um encadeamento de ações, uma única ação repentina, ou mesmo uma ação que se

arrasta indeterminadamente. Nele, cada novo ato resulta em um novo resíduo que cumpre o papel de rearranjar o espaço, conferindo-lhe especificidade de lugar.

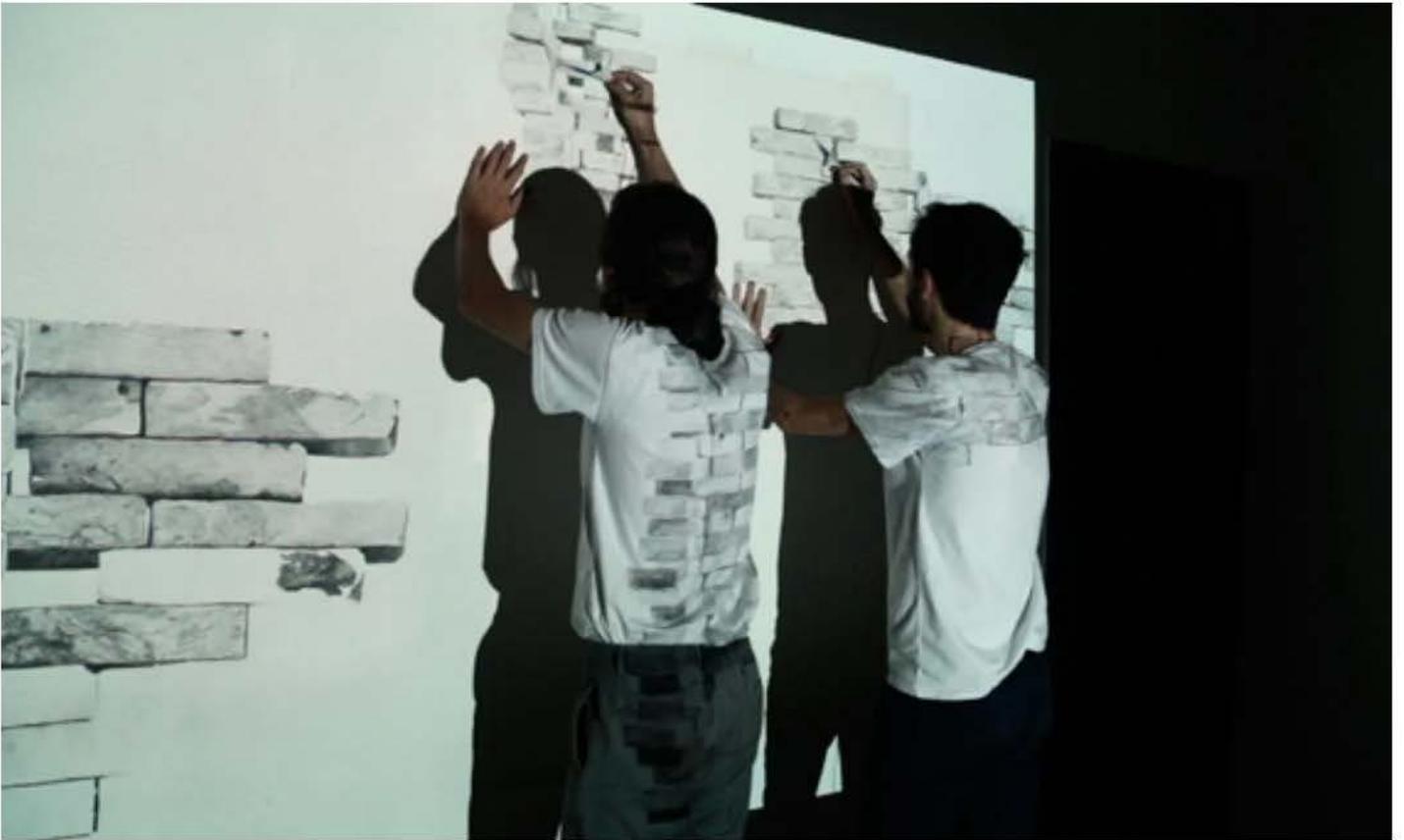
Cada um dos desenhos que compõem a série Desenho de tempo foi executado a quatro mãos numa sessão de trabalho, com durações pré-determinadas. A demarcação temporal de cada sessão e sua súbita interrupção são responsáveis por deixá-los inacabados. O que, se por um lado, aponta para um esfacelamento da representação, por outro permite a visualização de tudo aquilo que serviu à construção da imagem, contribuindo à restituição do Acontecimento.

Em Pequenas audições, restituir os atos, reencená-los, é um modo de tornar presente aquilo que é latente em um desenho. É, num primeiro passo e no mínimo, contemplar a importância do Acontecimento para a construção de um lugar, e de sua condição de existência para o Desenho.

LUIZ ARNALDO E MARCELINO PEIXOTO



• Desenho de tempo #4, 2h17' 2015 | grafite sobre papel



• Pequenas audições - 2016 | vídeo 01h39'58" | captação de imagem: Bernardo Zama | captação de áudio: Julia Baumfeld | edição: Luis Arnaldo



• Pequenas audições - 2016 | vídeo 01h39'58" | captação de imagem: Bernardo Zama | captação de áudio: Julia Baumfeld | edição: Luis Arnaldo



• Desenho de tempo #5, 2h30' 2015 | grafite sobre papel



Exposição *Partituras* de Marcelino Peixoto e Luis Arnaldo

PARTITURAS MARCELINO PEIXOTO E LUIS ARNALDO

ESPAÇO FERNANDO BECK | 20 DE OUTUBRO A 24 DE NOVEMBRO DE 2016

Fusão entre desenho e ação, executada a quatro mãos ao longo de 12 sessões de 2 a 3 horas cada, a série acompanha um vídeo-performance preparado para ouvir o ato de desenhar. Marcelino Peixoto é formado em Pintura e mestre em Artes Visuais. Professor de Desenho do curso de Artes Plásticas da Escola Guignard e integrante do coletivo Xepa. Luis Arnaldo é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais e em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Minas Gerais. Ambos atuam em Belo Horizonte/MG.



HABITAR

JOÃO AIRES

Habitar o tempo, as estradas, a cidade; habitar o que construo como artista é um exercício constante de compreensão do mundo, um modo de traduzir minhas experiências e inquietações, já que toda construção tem por meta o habitar. Meu processo criativo procura desenvolver trabalhos que suscitem a ligação entre espaço urbano e o imaginário, o espaço de intimidade e o espaço público.

Para esta exposição, busquei explorar os lugares de intimidade das pessoas e como eles se apresentam no mundo. A complexidade de sua materialização está diretamente ligada ao modo de vida na contemporaneidade, considerando que estamos imersos em políticas que

não privilegiam a qualidade de espaços de convívio e tampouco o íntimo. O excesso na minha pintura surge da falta, da proximidade geográfica e da distância da construção que serve ao habitar humano, às relações e ao diálogo. Minha experiência em viver com 80 pessoas no mesmo quarto durante cinco anos me leva a criar estes corredores de camas e criar estas narrativas mais ou menos poéticas. O primeiro trabalho desta série chama-se "habitáculos", desenhos feitos a partir da descrição de quartos, retratos falados. Nas pinturas apresentadas, o subconsciente age num espaço sem fronteiras aparentes: camas navegam em rios e na densidade onírica.

JOÃO AIRES



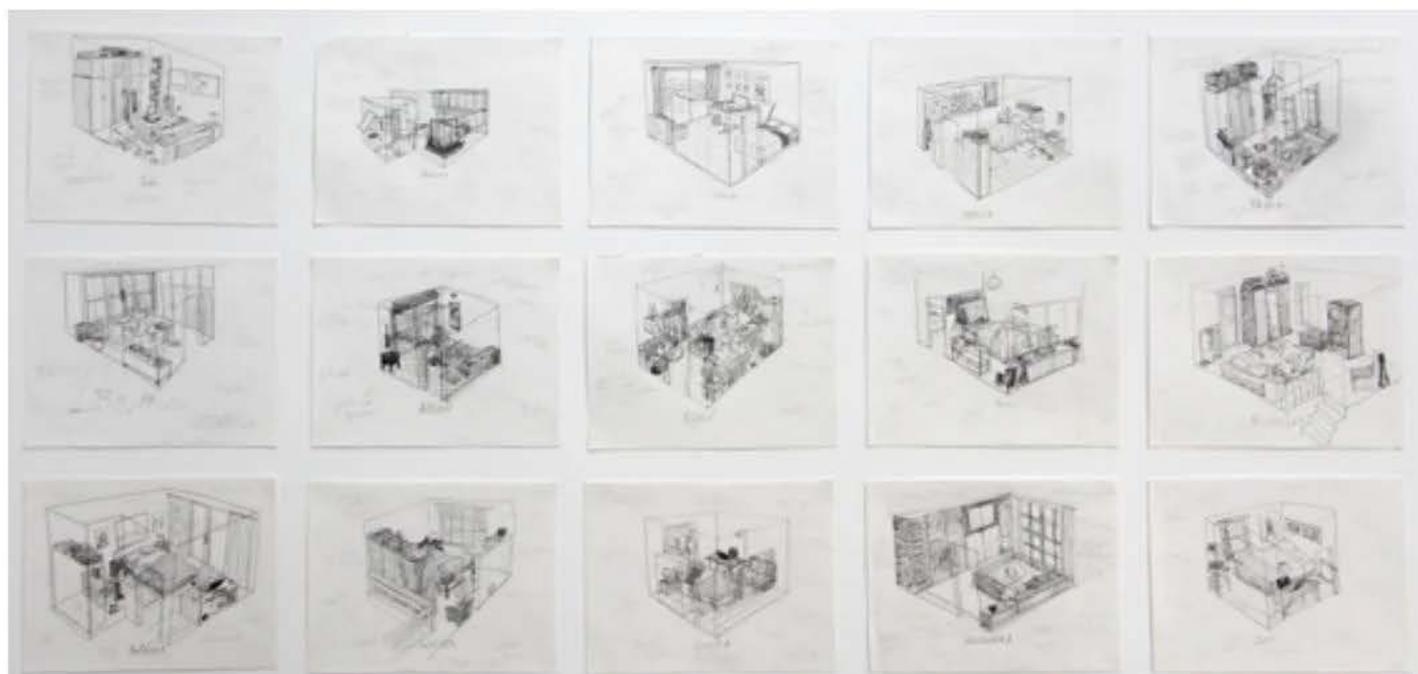
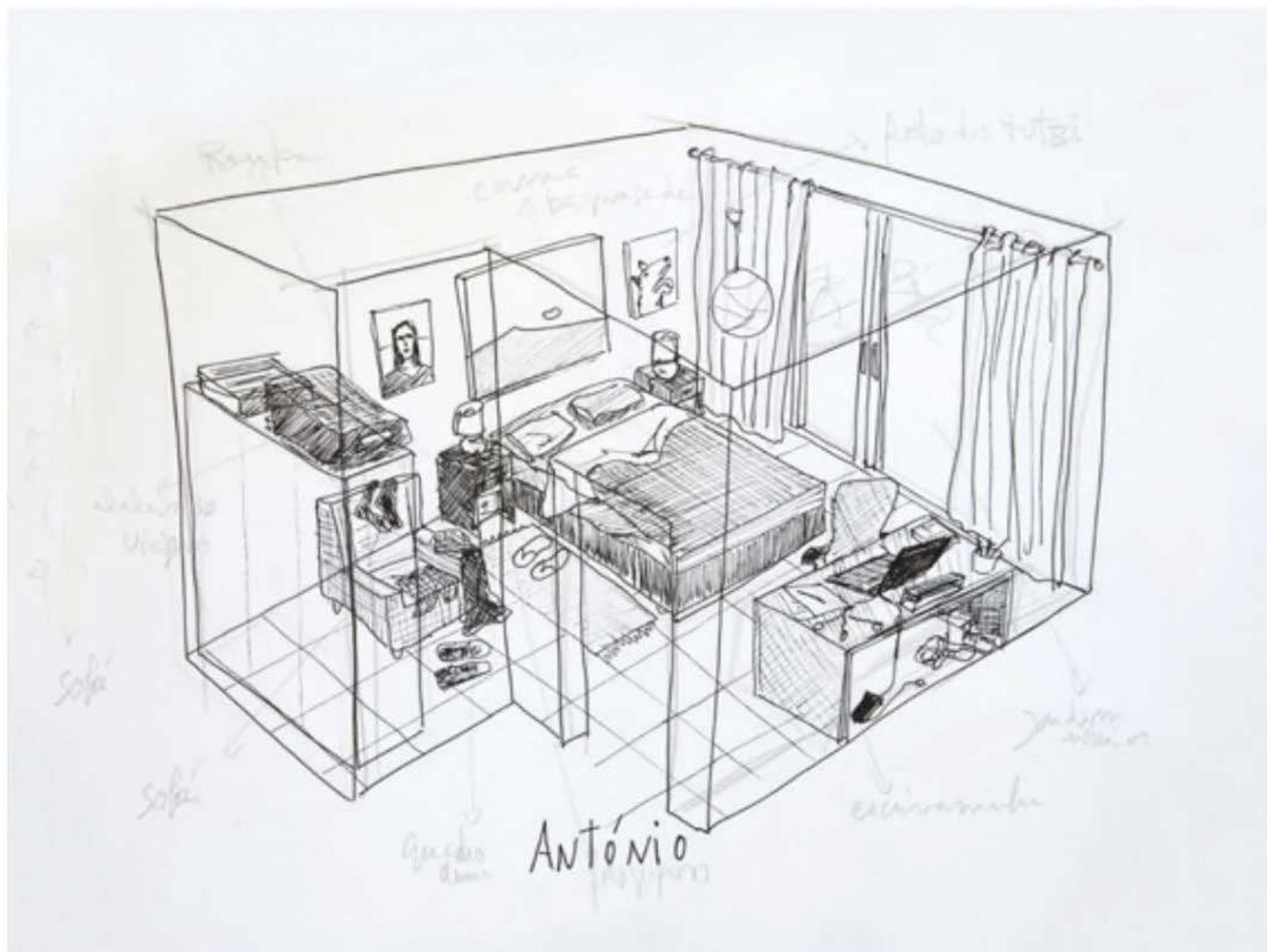
• Blocos 2016 | acrílico e aquarela sobre papel 300g



• Nave 2016 | nanquim e cera grafite sobre papel 300g



• Beds and hole 2016 | nanquim e guache sobre papel 300g





Exposição *Habitar* de João Aires

HABITAR JOÃO AIRES

ESPAÇO 2 | 27 E OUTUBRO A 24 DE NOVEMBRO DE 2016

O artista explora lugares de intimidade e de estar no mundo. Em uma das séries, solicita a diversas pessoas uma descrição oral pormenorizada de seus aposentos e materializa a representação desses depoimentos, transpassando técnicas de registro etnográfico e de retrato falado. O processo, pensado enquanto etapa exploratória de uma produção maior ou futura, constitui por si só uma obra instigante sobre a condição humana e o modo de vida contemporâneo. Em contraponto, outra série de pinturas remete a um universo onírico instaurado fortemente pela sua própria experiência em compartilhar por longo tempo de colégio interno um quarto com oitenta pessoas. João Aires é formado em Artes Plásticas e Intermédia pela Escola Superior Artística do Porto e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Especializou-se em Arte Pública e Site Specific. Natural de Portugal, vive e trabalha em Florianópolis/SC.



SCHWANKE, HABITAR OS INCORPORAIS

CURADORIA DE ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM

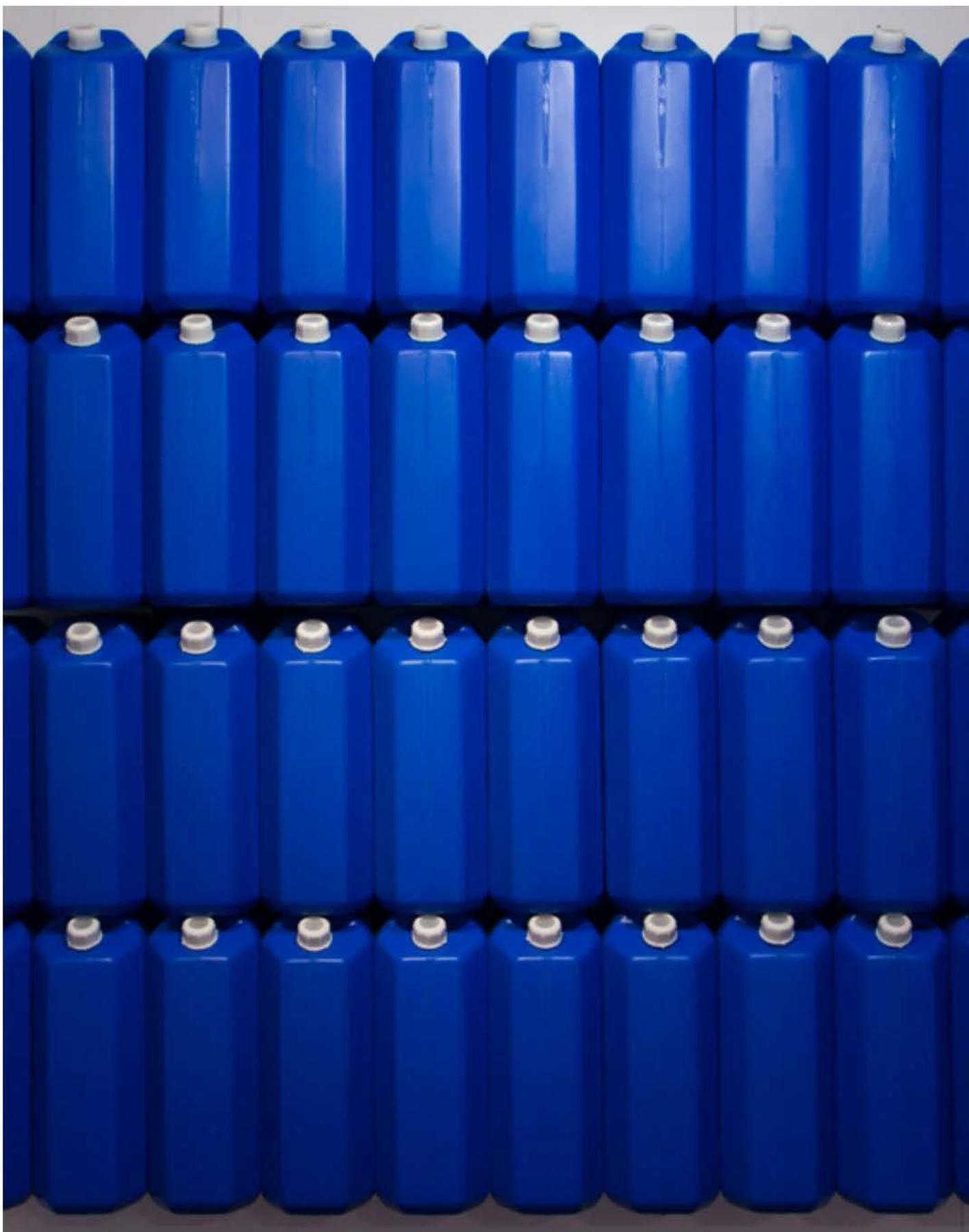
Luiz Henrique Schwanke (Joinville, SC 1951 - 1992) depura diferentes referências artísticas em sua produção. Entretanto, não se trata de um procedimento polarizado, mas de uma travessia incessante, uma vez que, aquilo que deveria ser despersonalizado e banido de emoção pelo recurso de materiais industriais, cria constantes tangências com o universo orgânico, o erotismo e a densidade trágica.

Os estóicos chamavam de incorporal tudo aquilo que não podia ser medido ou pesado, quantificado ou que ocupasse lugar. Na mais imensa vastidão do espaço e no mais diminuto instante, no mais íntimo

e na mais obscura exterioridade, no mais pulsante e renitente, no que sempre volta e no que sempre escapa, era lá que ele estava.

Tal entendimento se reafirma num texto em que Schwanke considera: Não quero nada com a visualidade, quero o exercício dos sentidos com a imaginação. Nesta dimensão não apenas insere suas investigações e experimentações, mas também se reconhece como parte de uma unidade móvel capaz de acionar um fluxo entre o pensamento e o artista, o artista e a obra, a obra e o espectador, o espectador e o pensamento.

ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM



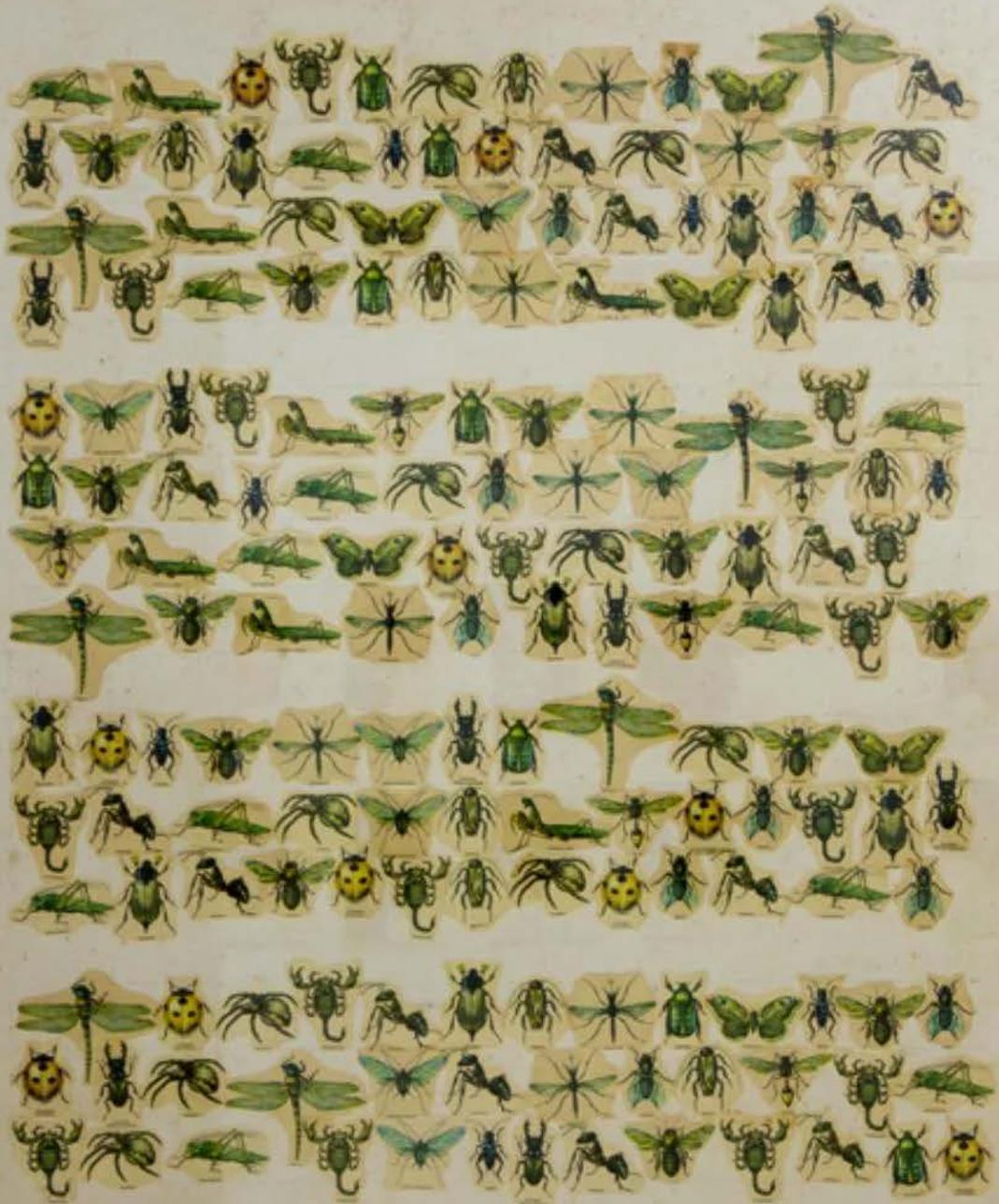
• Sem título 1989 | 40 Galões azuis e suporte interno de ferro



• A Vênus Triunfante Paulina Borghese Bonaparte, de Canova 1979 | ecoline, lápis de cor e letraset sobre papel encerado.



• São José Carpinteiro, de La Tour 1979 | ecoline, lápis de cor e letraset sobre papel encerado.



J. Schwanke 79

• Sem Título, da série Decalcomania/Sonetos. 1979 | decalque sobre papel



Obras da **Série Calções** | desenho e pintura sobre papel



Exposição Schwanke, *Habitar os Incorporais*



Obras da Série Sonetos | pintura sobre imagens gráficas



Schwanke, *Circuito Expositivo* | Instituto Internacional Juares Machado



Schwanke, *Circuito Expositivo* | Museu de Arte de Joville

SCHWANKE, HABITAR OS INCORPORAIS

TODOS OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS | 01 DE DEZEMBRO DE 2016 A 16 DE MARÇO DE 2017

SCHWANKE, CIRCUITO EXPOSITIVO

MUSEU DE ARTE DE JOINVILLE | 27 DE MAIO DE 2017 A 20 DE AGOSTO DE 2017

INSTITUTO INTERNACIONAL JUAREZ MACHADO | 27 DE MAIO A 04 DE AGOSTO DE 2017

ASSOCIAÇÃO EMPRESARIAL DE JOINVILLE | 29 DE MAIO A 18 DE AGOSTO DE 2017

Projeto realizado em parceria com o Instituto Luiz Henrique Schwanke - ILHS, marcando 25 anos da morte do artista catarinense, que conquistou em vida grande projeção nacional e internacional. Todos os espaços da Fundação foram especialmente preparados para receber 89 obras. Além dos halls, Espaço 2 e Fernando Beck, a *Cobra Coral* serpenteou os Jardins e a instalação *Claro-escuro (Deposição de Cristo)*, com 24 refletores de luz de campo de futebol, foi montada na sala da antiga biblioteca. A mostra inclui as revisitações, em que o artista descontrói a referência original de telas de Georges La Tour, Canova e Leonardo da Vinci, entre outras, adotando signos do design contemporâneo; desenhos e pinturas de diferentes fases; séries como os sonetos, os cristos e os shorts; as obras criadas entre 1988 e 1991 que têm como matéria-prima o plástico, apelidadas como mandala, perfis, maletas, galões e pregadores de roupas. Como preparação prévia da exposição, a curadora Rosângela Miranda Cherem ministrou o curso-pesquisa *Schwanke, Arquivo, Interlocuções e Desdobramentos* no ILHS, com um grupo de 15 pesquisadores, mergulhando no acervo de mais de 2.500 obras. A exposição teve como desdobramentos duas rodas de conversa, *Proximidades com Schwanke: o artista e as obras*, em fevereiro e março de 2017 e um novo circuito expositivo produzido na cidade de Joinville, em três espaços: Museu de Arte de Joinville, Instituto Internacional Juarez Machado e Associação Empresarial de Joinville, de maio a agosto de 2017. Para a cidade natal do artista, a curadora Rosângela Miranda Cherem contou com a cocuradoria de Franzoi e Carolina Ramos. Luiz Henrique Schwanke (Joinville/SC, 1951 - 1992), pintor, desenhista, escultor, ator, dramaturgo, cenógrafo e publicitário, teve formação em comunicação social pela Universidade Federal do Paraná e possui obras em acervos como no Museu de Arte de Santa Catarina, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Participou da 21ª Bienal de São Paulo com a obra *Cubo de Luz*.



ICONOGRAFIA

344

COLEÇÃO CATARINA

CURADORIA DE YLMAR CORRÊA NETO

Antes da abertura dos canais de Suez [1869] e do Panamá [1914], a Ilha de Santa Catarina era porto seguro e estratégico para abastecimento e reparos nas viagens para o Rio da Prata e para os oceanos Pacífico e Índico.

Uma série de importantes expedições marítimas com objetivos geopolíticos e científicos aqui aportaram e produziram um conjunto significativo de imagens da ilha.

Entre os navegadores franceses que por aqui passaram nos séculos XVIII e XIX salientamos Frezier, Bougainville, La Perouse e Duperrey, além do inglês Anson, e dos russos Krusenstern e Kotzebue.

Hans Staden criou nossa primeira imagem alegórica, Frezier nosso primeiro mapa particular e a primeira documentação de nossa flora, o desenhista de Anson os primeiros contornos da Ilha, Pernetty primeiro retratou nossa fauna, e Duche de Vancy a primeira representação da Vila de Nossa Senhora do Desterro.

Entre os moradores, Victor Meirelles, Bruggemann, Kreplin e Eduardo Dias retrataram a cidade. Martinho de Haro, voltando de seus estudos em Paris, modificou

definitivamente a maneira de olhar Florianópolis com novos ângulos, novas cores, valorizando o casario, o mar, o céu e os ocasos raros.

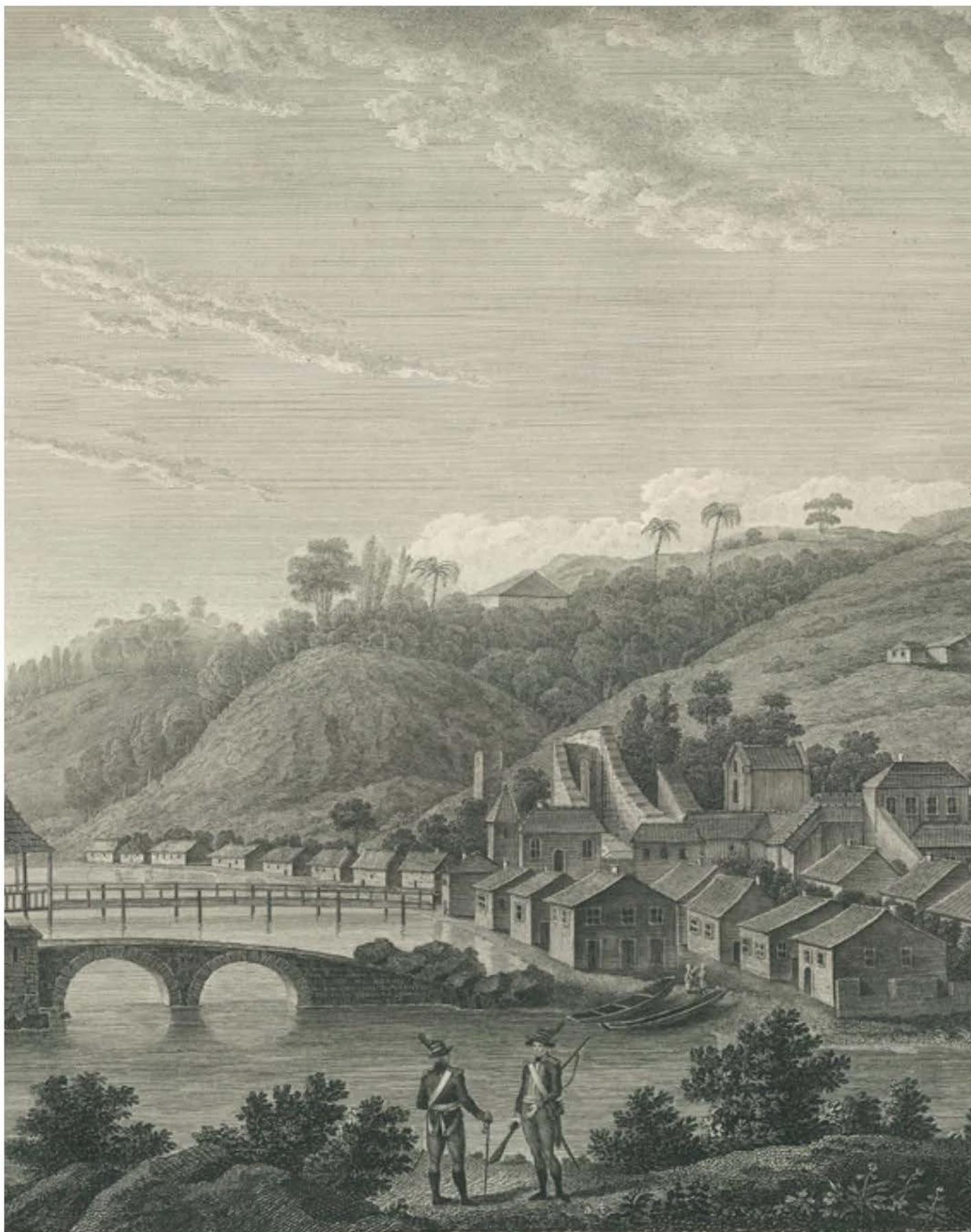
Yara Guasque, Asp, Gaiad, Lindote, Walmor Corrêa e Diego de Los Campos, artistas do século XXI, utilizam a apropriação, a releitura, a assemblagem, a fotografia, a palavra, transferindo as imagens da cidade da retina para uma trama de citações e conceitos.

As obras foram divididas em três agrupamentos: "polis" com imagens da cidade, "vivos" com representações de nossa gente, nossa fauna e nossa flora e, "linhas e nomes" com mapas da região.

Pela nova contagem da idade da cidade, estabelecida pela Lei 9.861 de 2015, que utiliza como marco a chegada de Dias Velho, estamos comemorando 344 anos, daí Iconografia 344.

Mais do que um homenagem carinhosa à cidade [filofloripa], esta exposição pretende estimular a descoberta e o colecionismo da iconografia e da arte contemporânea catarinense.

YLMAR CORRÊA NETO



• Vista da Vila de Nossa Senhora do Desterro na Ilha de Santa Catarina (detalhe) Johann Caspar Horner [1774/1834] | Gravura em metal | Gravado por Iwan W. Tschesky | In: Adam Johann Ritter von Krusenstern | Atlas Zur Reise Um Die Welt Von Ivan Krusenstern in Den Jahren 1803/1806 | São Petersburgo: 1814 | Coleção Catarina



• **Negros da costa de Moçambique** 1815 | Louis Choris [1795/1828] | Litogravura aquarelada | Gravado por Louis Choris e Langlumé | In: Louis Choris | Voyage pittoresque autour du monde, avec des portraits de sauvages d'Amérique, d'Asie, d'Afrique, et des îles du Grand océan; des paysages, des vues maritimes, et plusieurs objets d'histoire naturelle | Paris: Imprimerie de Firmin Didot, 1822 | Coleção Catarina



• **A View of the north entrance of the harbour of St. Catherine's** 1740 | Gravura em metal | Gravado por J. Wood | In: George Anson [1697/1762] e Richard Walter [circa 1716/1785] | A Voyage Round the World, in the Years MDCCXL, I, II, III, IV. By George Anson, Esq; Commander in Chief of a Squadron of His Majesty's Ships, sent upon an Expedition to the South-Seas. | Londres: John e Paul Knapton, 1748 | Coleção Catarina



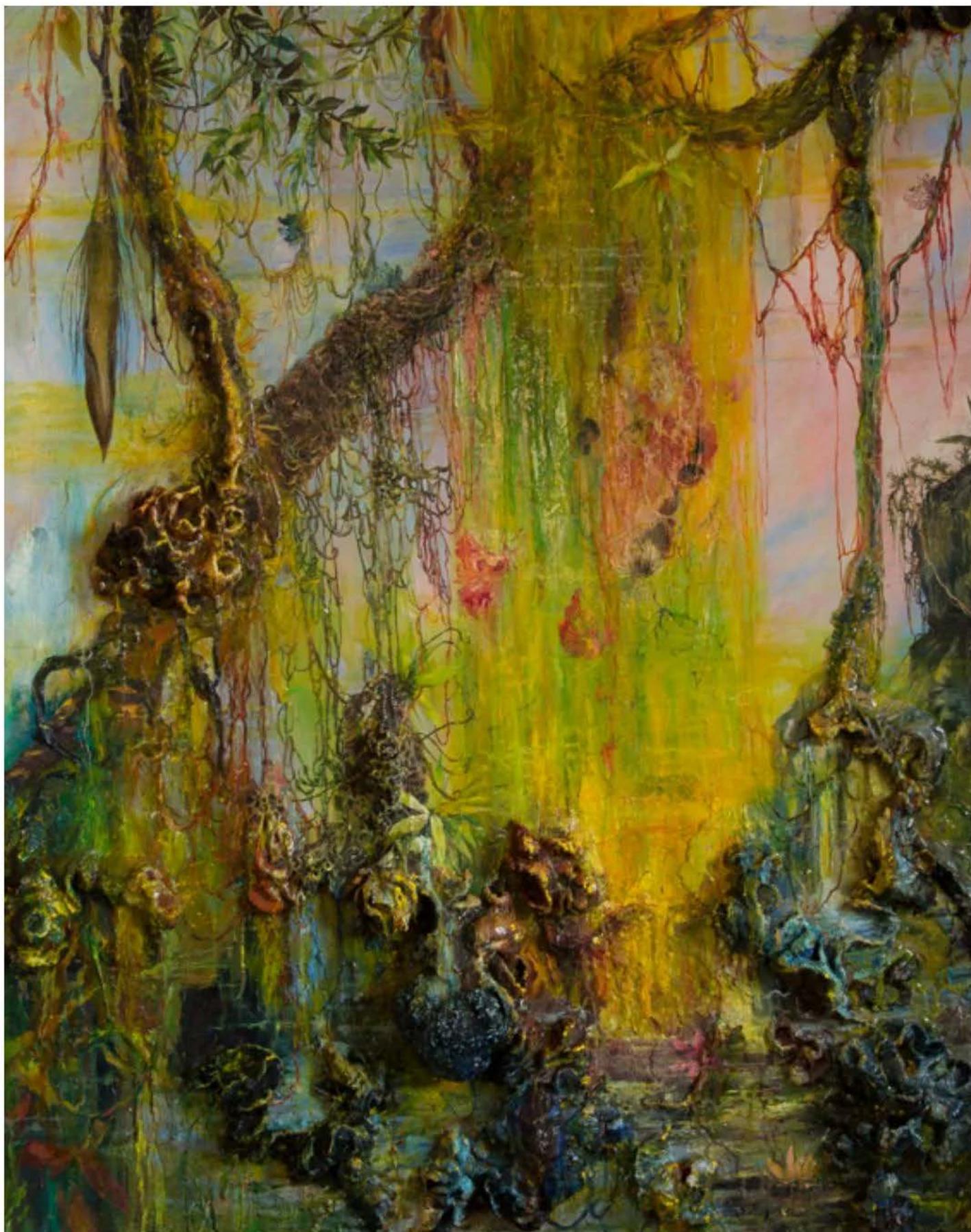
• Carte de l'Isle de St. Catherine situe a la Coste du Bresil 1764 | Jacques Nicolas Bellin [1703/1772] | Gravura em metal | Gravado por J. Arrivet [17./18..] | In: Jacques Nicolas Bellin | Le Petit Atlas Maritime Recueil De Cartes et Plans Des Quatre Parties Du Monde | Paris: Sr Bellin, 1764 | Coleção Catarina



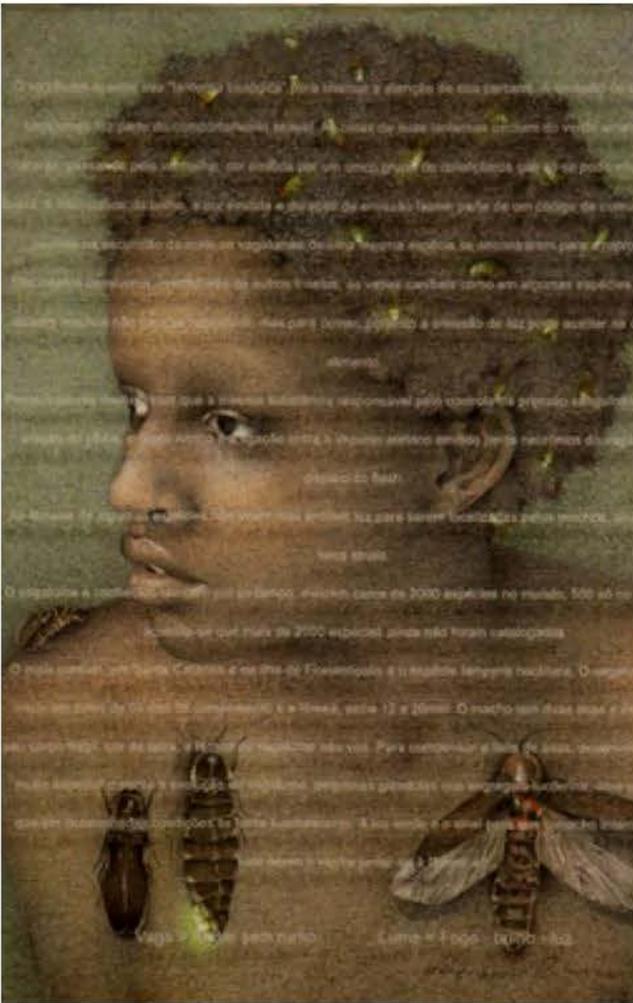
• **Nossa Senhora do Desterro** (detalhe) | circa 1861 | Heinrich Kreplin [1834/1909] | Grafite e aquarela sobre papel | Coleção Catarina



• **Vista da Ilha de Santa Catarina** | 1785 | Gaspar Duche de Vancy [1756-1788] | Gravura em metal | Gravado por Le Pagellet | In: Jean-François de Galaup de La Perouse | Voyage de La Perouse Autour Du Monde | Paris: Imprimerie de la République, 1797 | Coleção Catarina



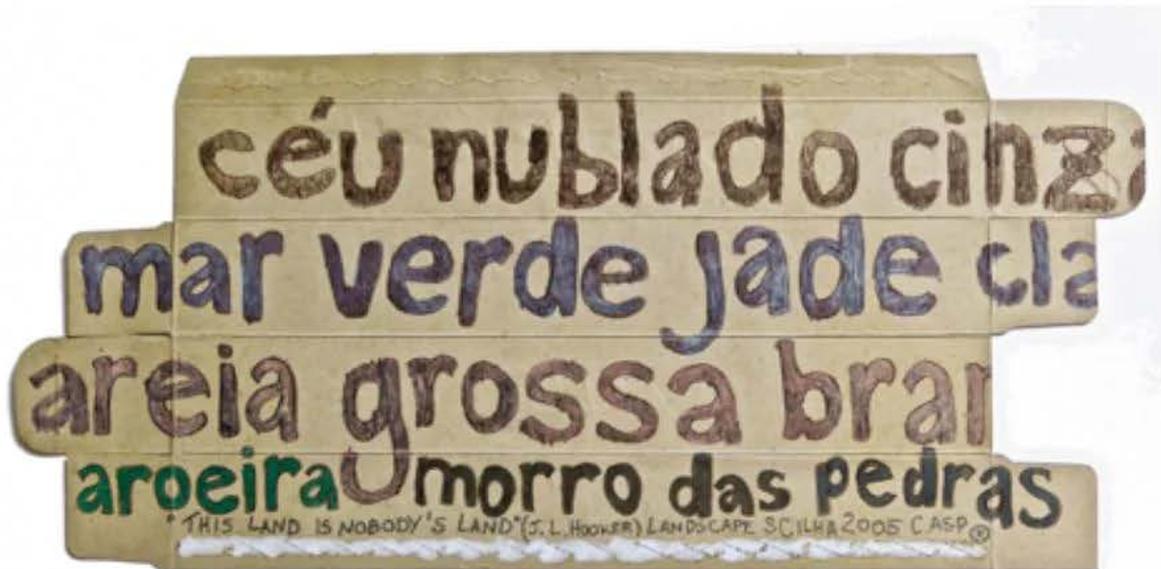
• **Espólio dos viajantes** 2015/2017 | Fernando Otávio Fuentes Lindote [1960] | óleo sobre tela e EVA | Coleção Catarina



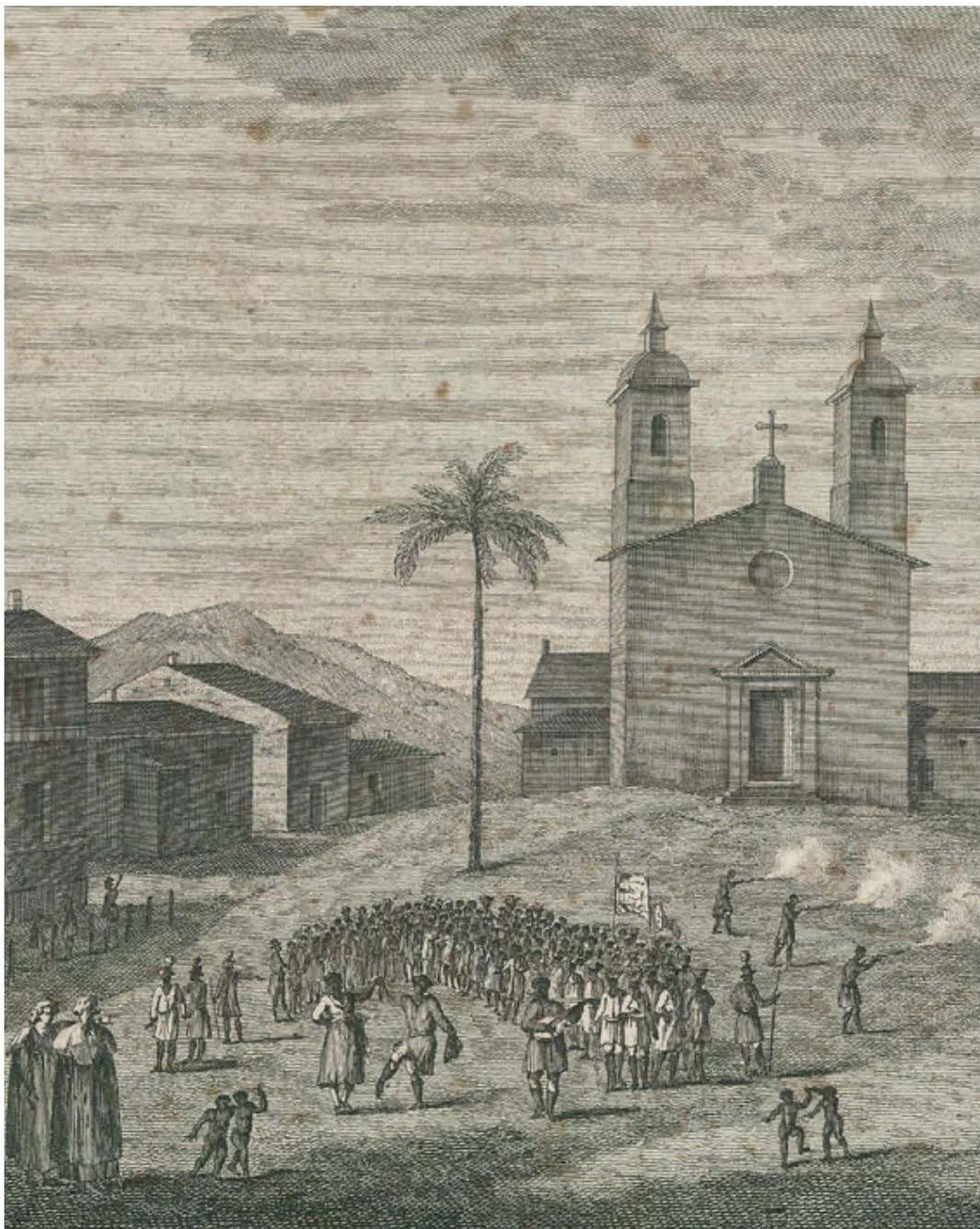
• "na noite dos seus cabelos os grampos são feitos de pirlampos que às estrelas querem chegar" / viajantes em Santa Catarina (detalhe) 2016 | Walmor Bittencourt Corrêa | tinta acrílica sobre tela e acrílico | Coleção Catarina



• "Aphelandra chamissoniana" [Bálsamo-amarelo] (detalhe) 2017 Yara Rondon Guasque Araújo [1956] | fotografia impressa em papel japonês



• Landscape SC Ilha 2005
Carlos Alberto Carneiro Asp | desenho sobre caixa de papel | Coleção Catarina



• Festa de negros na Ilha de Santa Catarina (detalhe) 1806 | Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau [1769/1857] | Gravuras em metal | Gravado por Kalpakoff | In: Adam Johann Ritter von Krusenstern; | Atlas Zur Reise Um Die Welt Von Ivan Krusenstern in Den Jahren 1803/1806 | São Petersburgo: 1814 | Coleção Catarina



Exposição *Iconografia 344*, Coleção Catarina

ICONOGRAFIA 344 COLEÇÃO CATARINA

TODOS OS ESPAÇOS EXPOSITIVOS | 30 DE MARÇO A 01 DE JUNHO DE 2017

Do Século XVI ao XIX, inúmeros estrangeiros passaram pela Ilha de Santa Catarina produzindo documentos e obras de arte de inestimável valor histórico. A maior parte desse material foi levada ou concluída na Europa, pois se destinava ao interesse de coleções de reis, nobres, ricos comerciantes e instituições. Mesmo os livros tinham tiragens limitadas e caras, já que suas ilustrações eram feitas com gravuras ou desenhadas e pintadas uma a uma. Muitas obras se perderam em naufrágios e outras tantas ainda hoje circulam incógnitas pelo mundo. Apaixonados pelo tema, alguns colecionadores locais têm rastreado e adquirido esse tesouro em leilões, galerias especializadas e coleções particulares dos cinco continentes, repatriando esse incrível patrimônio. A cuidadosa curadoria do também colecionador Ylmar Corrêa Neto permite ao público conhecer documentos raros, pinturas, desenhos, gravuras, mapas e livros originais que nunca haviam sido expostos. Em contraponto, obras de arte modernas e contemporâneas sobre a Ilha articulam representações entre o presente e o passado.



OBSCENA

IAM CAMPIGOTTO

Artistas colaboradores: Mathias Reis, Clélia Mello, Octavian Fedorovici, Izabel Garcia, Cláudia Cardenas, Rafael Schlichting e Wash Dellacqua.

Entre a performance, o acaso e o registro, Obscena traz à cena o que estava escondido - o corpo exposto do artista, para além e aquém de rótulos, arquétipos e estereótipos. No contorno compartilhado entre arte e vida, imagens fotográficas e audiovisuais potencializam e perturbam a experiência

sensorial e reflexiva do público visitante. As imagens sonoras e visuais cartografam ações - acontecimentos, eco-poéticas e micropolíticas; capturadas e projetadas em diferentes suportes e dispositivos. Corpografia que traz à cena uma estética da existência.

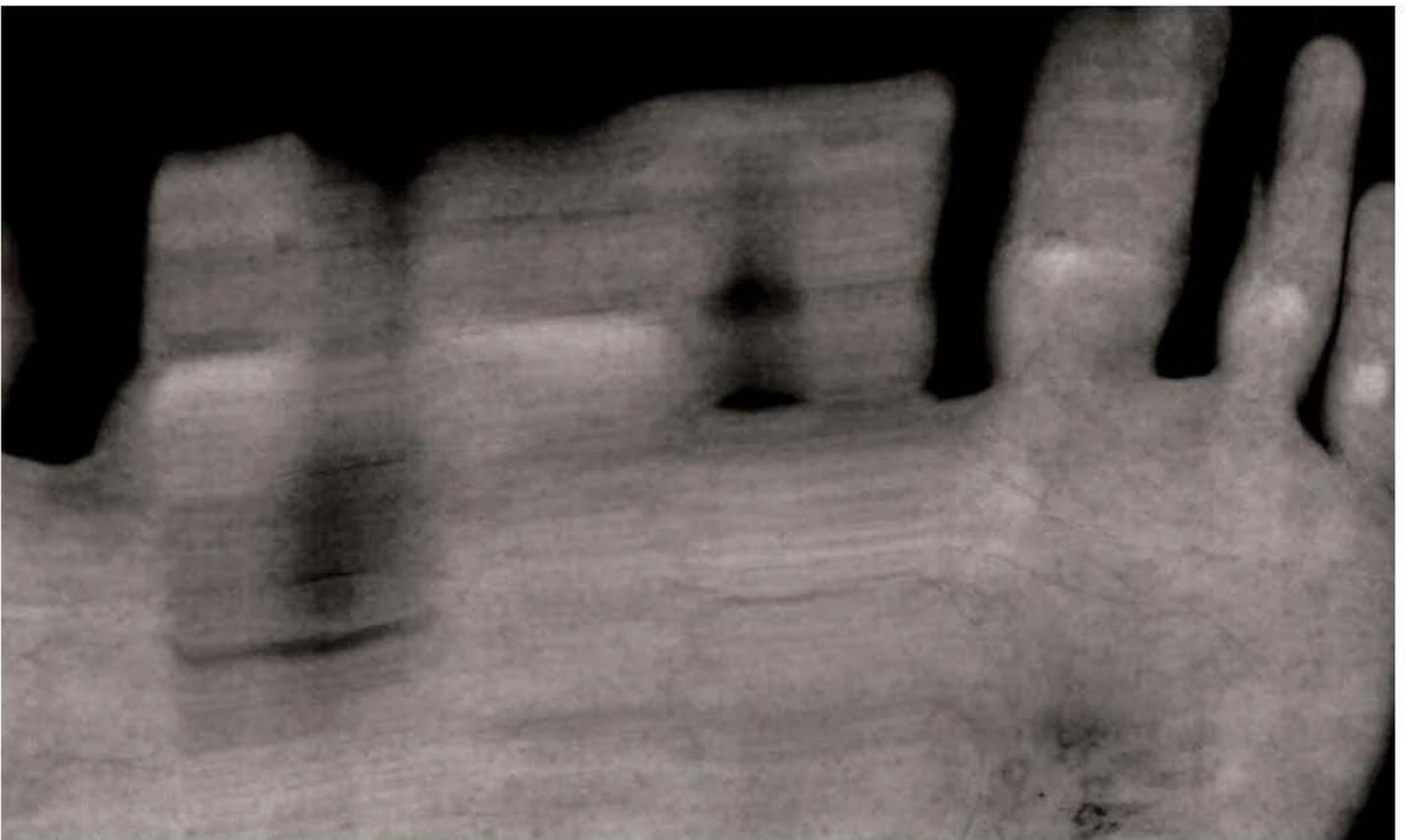
IAM CAMPIGOTTO



• Memento-mori 2017 | fotografia em papel algodão



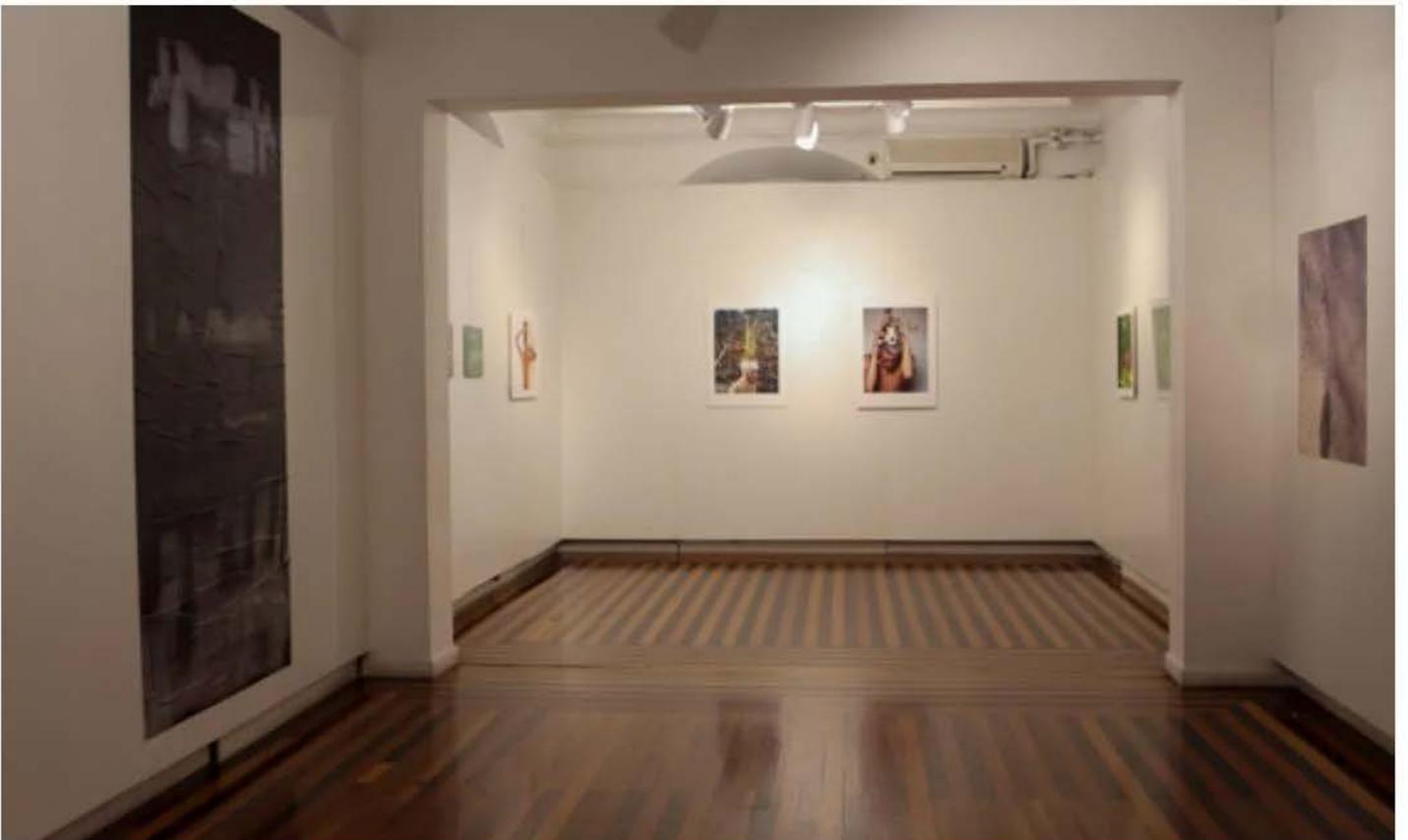
• Chacal 2017 | fotografia em papel algodão



• Mão 2017 | eletrofotografia em poster-bomber



• Caminhando 2017 | fotografia em poster



Exposição *Obscena* de Iam Campigotto

OBSCENA IAM CAMPIGOTTO

ESPAÇO FERNANDO BECK | 08 DE JUNHO A 13 DE JULHO DE 2017

Executado em colaboração com outros artistas, o corpo do artista é oferecido como leitura na investigação de diversos processos de registros, em still e em movimento, que permitem questionar a fluidez entre performance, fotografia e audiovisual. Iam Campigotto é formado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Natural de São Paulo/SP, vive e trabalha em Florianópolis/SC.



O MUNDO QUE CABE NAS PUPILAS

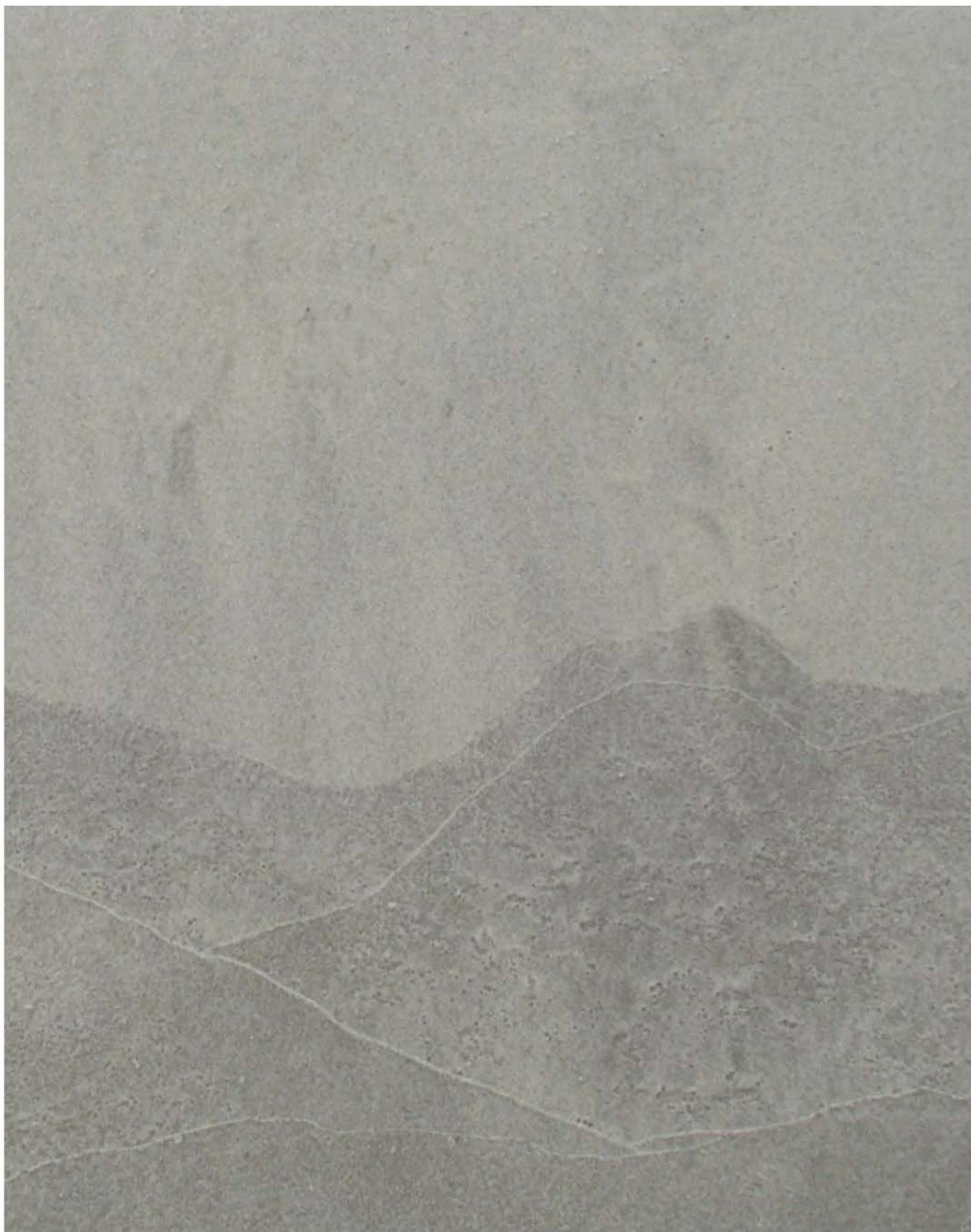
CASSIA ARESTA

CURADORIA DE ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM

Da ação incessante da água do mar sobre a areia da praia, deslindam-se formas sutis e planos curvilíneos por onde se avistam montanhas e céus. Trata-se de uma espécie de mapa de linhas em constante metamorfose e dissolução causada pela ação da maré e do vento. Ocorre que o reconhecimento desta paisagem vista de cima para baixo depende tanto dos efeitos imprevisíveis da iluminação natural como da acuidade do (a) caminhante para perceber texturas e densidades.

Resultantes de um equilíbrio e sobriedade cromática que demandam um silêncio contemplativo, as fotografias de Cassia Aresta não nascem de uma premeditação conceitual, mas acontecem através de um cruzamento entre fatura e reflexão sobre as formas. Fruto de descobertas e encontros, buscam alterar as certezas visuais em proveito da autonomia da imaginação, da agudeza dos desenhos e da perspicácia dos recortes que precedem os fundamentos explicativos, discursivos ou narrativos.

ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM



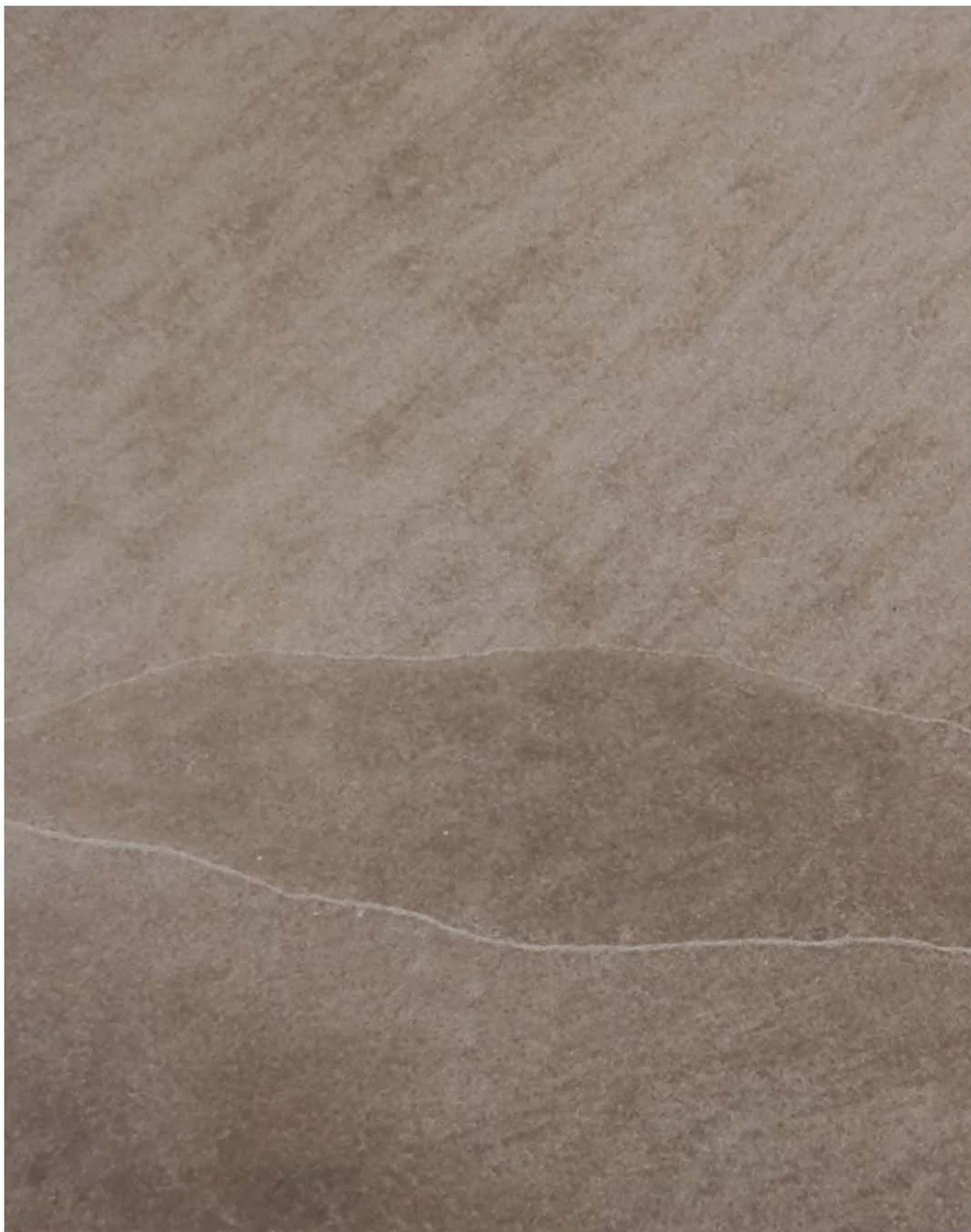
• Paisagem I | 2016 | adesivo vinílico



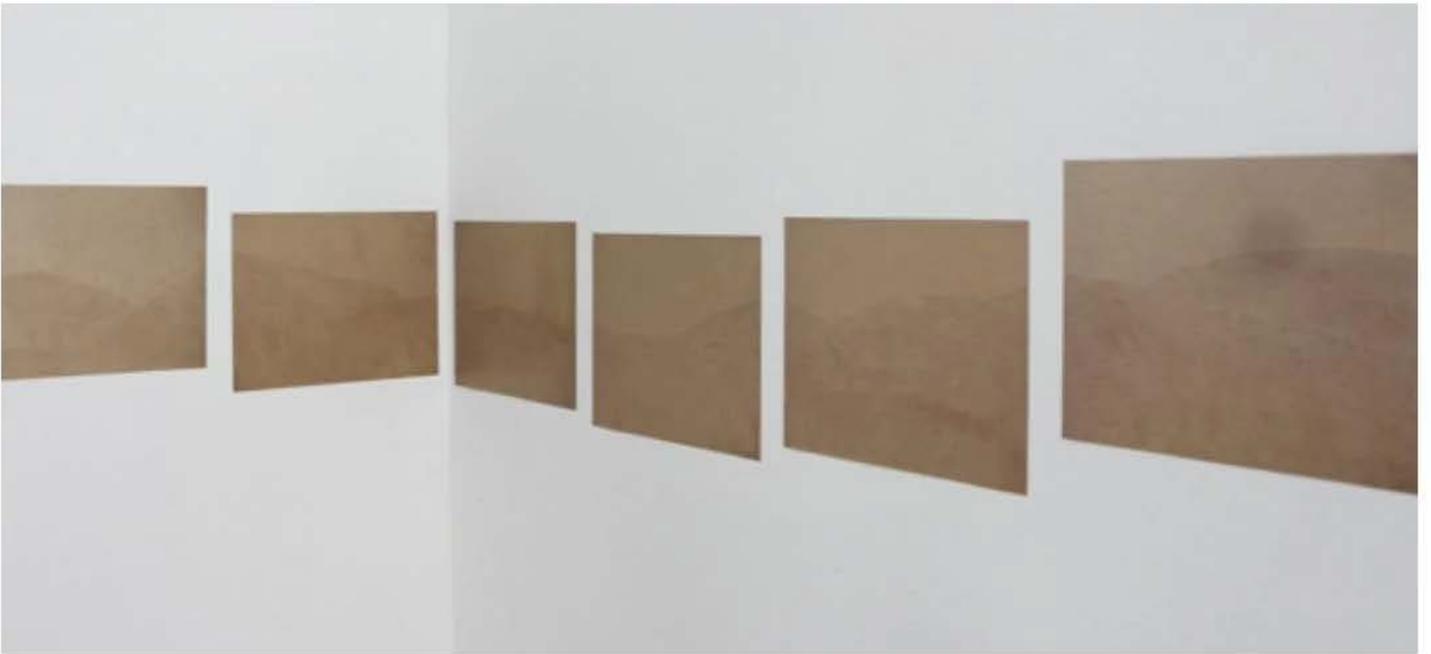
• Paisagem II 2016 | adesivo vinílico



• Paisagem III 2016 | adesivo vinílico



• Paisagem IV 2016 | adesivo vinílico



Exposição *O Mundo que Cabe nas Pupilas* de Cassia Aresta

O MUNDO QUE CABE NAS PUPILAS CASSIA ARESTA

ESPAÇO 2 | 22 DE JUNHO A 27 DE JULHO DE 2017

Ao deslocar em 90 graus a visão do mar em movimento, do ângulo dos pés para o dos olhos, transforma o que fora ondas em montanhas. Ao re(a)presentar as imagens na parede em alturas descontínuas, cria novos ritmos e texturas. Esta é a singularidade do olhar da artista, no exercício constante de enxergar um mundo que passa despercebido pelo caminhante distraído. Cassia Aresta trabalha e reside em Florianópolis/SC. Possui obras em acervos como no Museu de Arte de Santa Catarina e no Museum of Latin American Art, na Califórnia/EUA.



O EXPRIMÍVEL DO VAZIO

JULIANA HOFFMANN

CURADORIA DE JULIANA CRISPE

As obras que marcam a trajetória da artista estão envoltas pela memória, em um movimento de repetição e diferenciação, por onde as imagens retornam, modificam-se e ressignificam-se em cada composição. Nesse atravessamento, Juliana vem construindo obras que partem do repertório do vivido.

Em sua nova exposição, *Exprimível do vazio*, Juliana foge das telas, pinturas, fotografias e imagens postas, para transitar entre composições que partem de livros corroídos e transformados pelo tempo. Continua a trabalhar com a reminiscência, mas por nova materialidade carregada de intervalos-vazios como marca.

Por trás dessas obras, percebe-se a base literária da infância, que permeia a vida da artista. Juliana traz essa informação que ficava lá, oculta em seu passado, como referência para construir novas obras-paisagens-retratos-ficções, que estão presentes na série. Os

personagens desse enredo diluem-se em palavras e lacunas, a língua inglesa, que se tornou marca para a família, como profissão dos pais, irmãos e da artista; em sua vivência diária entre a língua estrangeira e a natal, estas entrelaçam a esse conjunto que reverbera novas estratégias para falar, ou calar, aquilo que retorna como um sempre outro.

O que se reconhece de íntimo em sua produção nessa nova série de livros corroídos pelas traças e cupins é a memória, que retorna como meio e conceito em suas instalações, mostrando-se embaçada e perfurada, carregada de vazios, que se tornam a força do trabalho. As linhas vermelhas que percorrem algumas obras é marca de trabalhos anteriores, estão postas como tentativa de retenção da memória através das amarras, para que nem tudo se esvaia. Reter, segurar o vazio, completar as frestas com novas possibilidades. Exprimir do vazio não o caos, mas novas potências.

JULIANA CRISPE



• Sem título, da série Propagações do Vazio (detalhe) 2017 | acrílica e página de livro sobre tela + desenho sobre chapa de acrílico + parafusos



• Sem título, da série Propagações do Vazio 2017 | desenho em grafite sobre papel corroído por traça/cupim (sobrecapa de livro antigo)



• Sem título, da série Exprimível do Vazio 2017 | livro corroído por traças/cupins



• Sem título, da série *Expressível do Vazio* 2017 | capa de livro corroída por traças/ cupins



Exposição *Exprimível do Vazio* de Juliana Hoffmann

EXPRIMÍVEL DO VAZIO JULIANA HOFFMANN
 ESPAÇO FERNANDO BECK | 20 DE JULHO A 24 DE AGOSTO DE 2017

CIRCUITO PROPAGAÇÕES

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE DO CENTRO DE CULTURA E EVENTOS · CHAPECÓ
 | 01 DE JUNHO A 07 DE JULHO DE 2017

GALERIA DE ARTE DO SESC · JARAGUÁ DO SUL
 | 01 DE SETEMBRO A 20 DE OUTUBRO DE 2017

GALERIA DE ARTE DO SESC · JOINVILLE
 | 09 DE NOVEMBRO A 29 DE DEZEMBRO DE 2017

A artista ressignifica plasticamente o que resta de livros e objetos em ruínas, destruídos por traças e cupins, como forma de expressar a passagem do tempo e suas reminiscências. O material bruto provém, em grande parte, da biblioteca da família, que guarda as memórias da paixão do pai pela literatura e influencia singularmente a sua formação. A mostra, selecionada pelo Edital 2017, também foi escolhida para inaugurar o Circuito Propagações, parceria entre SESC/SC e Fundação Cultural Badesc que visa promover a circulação em Santa Catarina. Além do Espaço Fernando Beck, em Florianópolis, *Exprimível do Vazio* foi apresentada em Chapecó, Jaraguá do Sul e Joinville. Juliana Hoffmann nasceu em Concórdia/SC e hoje vive e trabalha em Florianópolis/SC. Já realizou residências na França, EUA, e Espanha



SILÊNCIO

FABIO DUDAS

A questão do silêncio não é nova na história da arte. Nas tradições pictóricas, o olho quase sempre equivale à voz da alma. Sopros e dores em suspenso, algo súbito sempre escapa do corpo, é o olho que traz o inaudível. As pinturas de Fábio Dudas enaltecem a linguagem do sentimento. Um instante, uma nuance, uma dor nada pacífica, a perplexidade. Minimalistas, rostos quase espectrais, paisagens

de vazio e objetos frios que, incontidos, trazem de dentro o que parece se espalhar para fora de si. Na fatura, no conceito, na contenção, uma pintura que pensa o vazio e os escombros, propõe uma mudança mental e que, pela sutil conexão estabelecida com o tempo e o espaço contemporâneos, se impõe como um imperativo político.

NÉRI PEDROSO



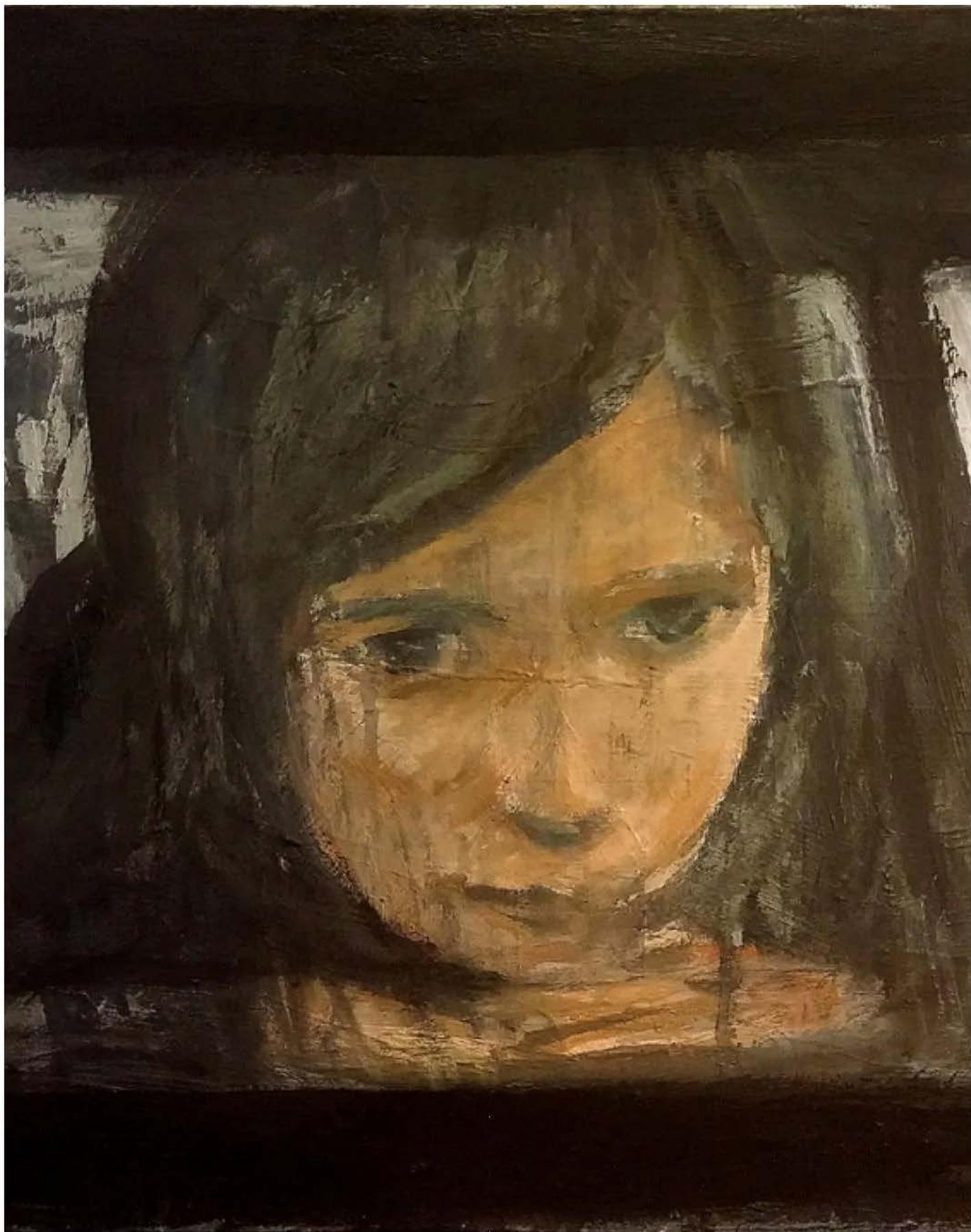
• Lápides 2016 | acrílico sobre tela



• **Skatepark** 2016 | acrílico sobre tela



• **Genie ao espelho** 2016 | acrílico sobre tela



• A mudança 2015 | acrílico sobre tela



Exposição *Silêncio* de Fabio Dudas

SILÊNCIO FABIO DUDAS

ESPAÇO 2 | 03 DE AGOSTO A 06 DE SETEMBRO DE 2017

O silêncio é o elemento dominante nos trabalhos apresentados nesta exposição. O silêncio no sentido de não falar, não contar um segredo. O silêncio omissivo. O silêncio do luto, da resignação, do inexprimível. A quietude ressoa na dimensão das obras, na escolha das cores, na representação sóbria e escassa. O sentimento perpassa paisagem, retrato, natureza morta. Fabio Dudas é formado em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Natural de Telêmaco Borba/PR, vive em Florianópolis/SC.



RECORTES URBANOS

SUSANA BIANCHINI

CURADORIA DE FRANZOI

Do caos à poesia

Susana Bianchini se apropria do cotidiano, configura um pensamento por meio de imagens e cria uma poética alicerçada na antropologia cultural. Permite ao observador redescobrir a cidade, a arquitetura existente e pulsante, recheada de nuances e cores. Ordena vivências, convertendo-as em códigos simbólicos e dissemina os resultados por meio da pintura.

Ao se debruçar sobre o centro histórico de Florianópolis e captar momentos de rara beleza, a artista vê o que a maioria não percebe, ou não quer perceber - o outro - aquele ou aquilo que não me pertence, que não quero que faça parte de mim. Assim, com um "clic", registra o instante e usa como suporte para a pintura. Sob seu olhar, pela

ação do recorte e edição de imagens, os personagens anônimos - transeuntes, moradores de rua, vendedores ambulantes, animais domésticos e o próprio espaço urbano - são ressignificados e um diálogo, antes inexistente, se apresenta.

O antes invisível se faz presente não só nas inter-relações das imagens, mas também na sua composição no espaço expositivo. Ao dispor suas pinturas entranhadas nas paredes, em pinceladas densas, Susana traz para dentro da Fundação Cultural Badesc o seu entorno e desloca o olhar do observador para desvendar diferentes horizontes que permitem a construção de novas interlo-cuções culturais.

Na exposição Recortes Urbanos, a artista traduz em poesia a obscuridade e a poluição visual, uma espécie de caos de onde surge um outro e, ao mesmo tempo, nós mesmos.

FRANZOI



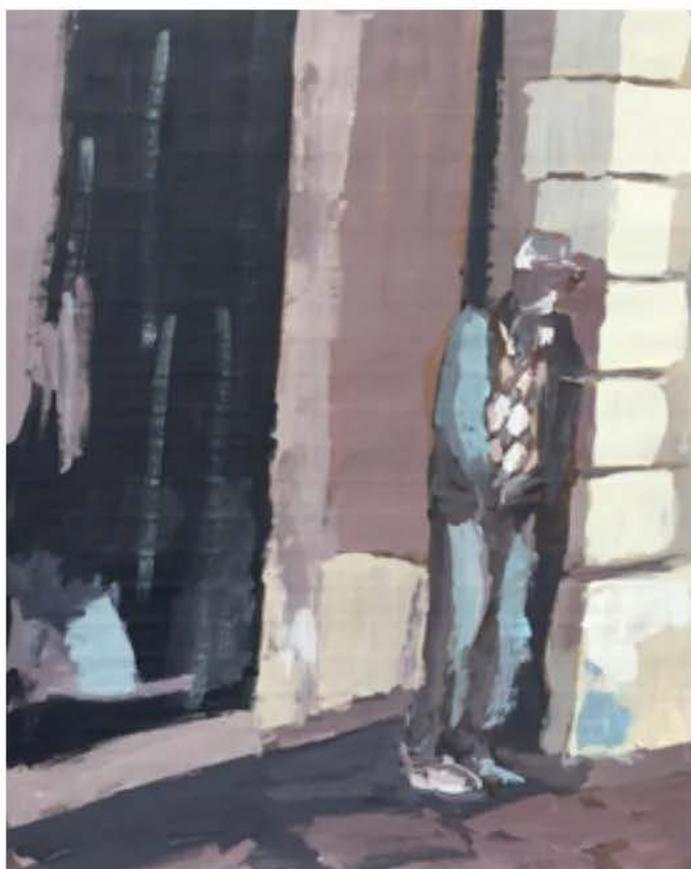
• Sem título, da série Recortes Urbanos 2017 | guache sobre impressão digital



• Sem título, da série Recortes Urbanos (tríptico) 2017 | guache sobre impressão digital



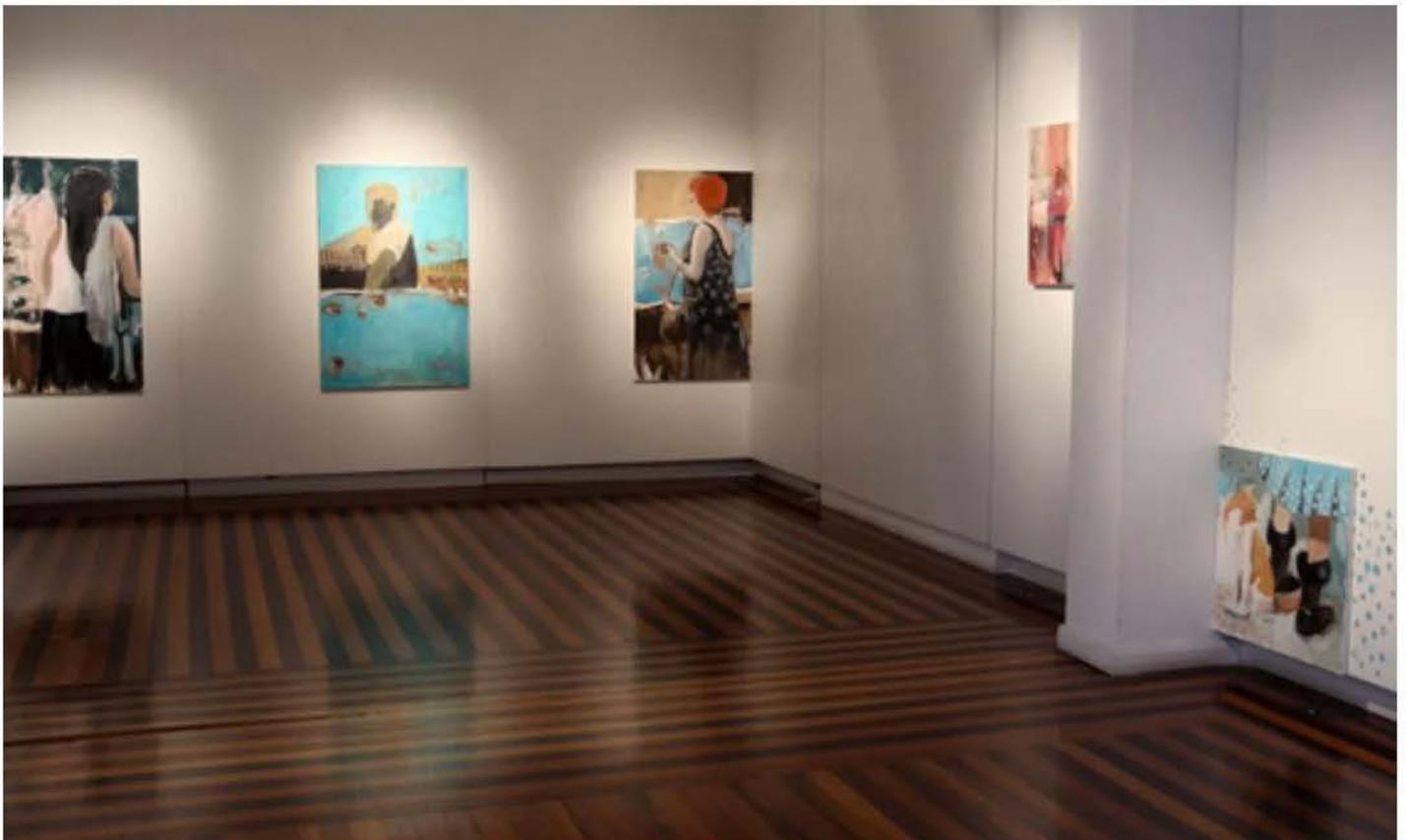
• Sem título, da série Recortes Urbanos 2017 | guache sobre impressão digital



• Sem título, da série Recortes Urbanos 2017 | guache sobre impressão digital



• Sem título, da série Recortes Urbanos 2017 | guache sobre impressão digital



Exposição *Recortes Urbanos* de Susana Bianchini

RECORTES URBANOS SUSANA BIANCHINI

ESPAÇO FERNANDO BECK | 31 DE AGOSTO A 29 DE SETEMBRO DE 2017

A artista percorre o Centro Histórico de Florianópolis aguçando o olhar para cenas corriqueiras, que registra em fotografia, reelaborando as imagens por meio da pintura. Destaca intencionalmente personagens anônimos, transeuntes, moradores de rua, vendedores ambulantes e animais domésticos. Cenas que predominam na paisagem urbana, mas que normalmente passam despercebidas pela multidão. Na sua concepção expográfica, frases e desenhos extravasam as telas ganhando espaço nas paredes que as sustentam. Susana Bianchini é formada em Artes Plástica pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Natural de Brusque/SC atualmente reside e trabalha em Florianópolis/SC.



DE TANTO QUE VAI, ALGO FICA

ISADORA STÄHELIN

CURADORIA DE JULIANA CRISPE

Com um olhar atento ao despercebido para a maioria dos passantes da cidade, Isadora Stähelin explora, como poética, o que pode parecer banal para, assim, pensar nas importâncias dos espaços e objetos.

A exposição "De Tanto que se vai, algo fica" apresenta recordações de vivências em bairros e de caminhadas atentas à paisagem urbana entre o México e o Brasil. A artista apresenta três séries: o Objeto-Fato O, em fotografia e texto; os desenhos de abandono e uma série construída em transfer (transferência de fotografia analógica para papel algodão de alta gramatura). Todas as séries apresentadas buscam retratar lugares e objetos do cotidiano em estado de

descarte e descaso. Os trabalhos de Isadora provocam-nos a perceber a ação de transformação do entorno e a extrair a possibilidade de fazer, de cada espaço, um lugar-outro.

O que há de potência dos aparentes abandonos, dos objetos em desuso, nos supostos espaços vazios? Cada percorrer por esses espaços, objetos que se esvaem em processos de desaparecimento, o que fica? O que torna íntimo esses lugares se não a vivência com eles? O que a artista propõe em sua sutil deriva pelas cidades é criamos pausa para os encontros, com um olhar demorado, com um pensamento que percorre os silêncios dessas paisagens/abandonos.

JULIANA CRISPE



• **Algo se nos queda 1** 2016 | transferência | fotografia analógica sobre papel algodão



• **Algo se nos queda 2** 2016 | transferência | fotografia analógica sobre papel algodão



• **Algo se nos queda 8** 2016 | transferência | fotografia analógica sobre papel algodão



Encontros com o mesmo objeto-fato. Três frames de um vídeo de 37 segundos. O



registro de um sofá abandonado, ao som do mar. Praia Comprida, Santa Catarina.



Exposição *De tanto que vai, algo fica* de Isadora Stähelin

DE TANTO QUE VAI, ALGO FICA ISADORA STÄHELIN

ESPAÇO 2 | 15 DE SETEMBRO A 19 DE OUTUBRO DE 2017

Exposição contemplada pelo Edital 2017 na categoria Primeira Individual, apresenta registros e recordações de caminhadas feitas pela artista em seu processo de observar cenas que normalmente passam despercebidas na paisagem urbana. Os trabalhos se inserem na proposta contemporânea de reforçar o potencial poético das coisas banais, provocando a percepção da ação de transformar o entorno, da possibilidade de fazer de cada espaço, um lugar-outro. Isadora Stähelin é formada em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina e realizou intercâmbio na Universidade Nacional Autônoma do México, na Cidade do México.



FOTOGRAFIA: SEUS SISTEMAS HÍBRIDOS E FRONTEIRIÇOS

BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA - POLO SC

ANA SABIÁ • ANDRESSA ARGENTA • AUDRIAN CASSANELLI • CHEYENNE LUGE • CLARA FERNANDES • CLAUDIA ZIMMER • COLETIVO TOCA • DANIELE ZACARÃO • DIANA CHIODELLI • DUDA DESROSIERS • FABIOLA SCARANTO • FERNANDO WEBER • FRANZOI • HENRY GOULART • IAM CAMPIGOTTO • IEDA TOPANOTTI • ILCA BARCELLOS • JANAÍNA CORÁ • JOANA AMARANTE • KARINA SEGANTINI • KIM COIMBRA • LETÍCIA CARDOSO • LILIAN BARBON • LU RENATA • LUCIANA PETRELLI • LUCILA HORN • MARINA MOROS • MARTA MARTINS • NEUSA MILANEZ • TIROTTI • RAMÓN MORO RODRÍGUEZ • ROSANA BORTOLIN • SANDRA ALVES • SANDRA CORREIA FAVERO • SARAH URIARTE • SONIA LOREN • YARA GUASQUE

CURADORIA DE FRANCINE GOUDEL, JULIANA CRISPE E SANDRA MAKOWIECKY

A seleção de obras e artistas nesta mostra parte do texto curatorial de Tício Escobar e do subtítulo desta Bienal, "Excesso de imagem", que faz referência ao fenômeno contemporâneo da pós-fotografia. A produção de imagens digitais é hoje superior à capacidade de sua recepção e uso. A visão é confrontada com um excesso de informação visual que ultrapassa sua capacidade de assimilação. Esta situação é enfrentada pela arte contemporânea através de várias estratégias que superam o meio fotográfico convencional e exigem soluções para além da fotografia - o que poderia ser qualificado como "fotografia expandida", atravessada por diferentes técnicas e baseada em reforços conceituais variados. A ideia de diversidade, outro ponto central desta Bienal, é reforçada através da vinculação de zonas e situações opostas que coincidem sem arriscar suas

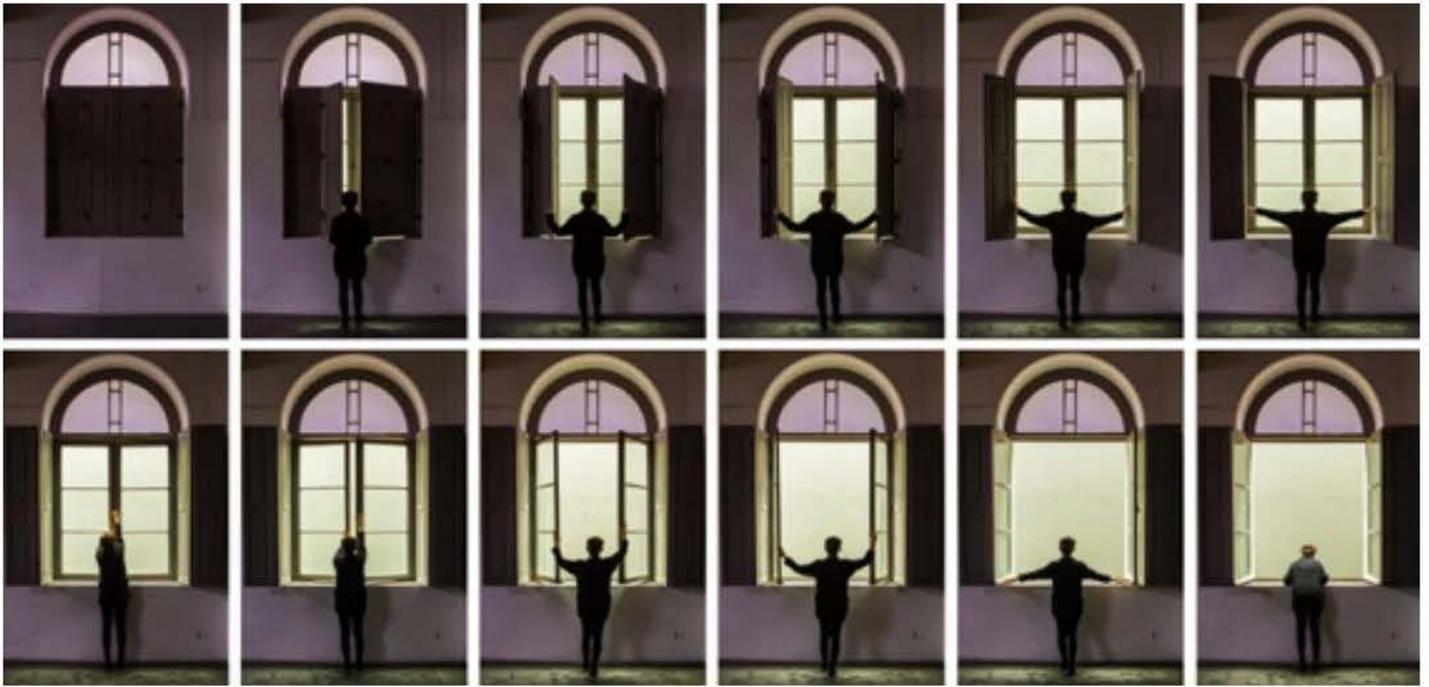
respectivas diferenças. Considera a diversidade das expressões, tendências e linguagem, que possibilita a articulação da fotografia com processos amplos, de composição, conceito, imagem.

Na mostra da Fundação Cultural Badesc, partindo desta ideia, convidamos 37 artistas catarinenses ou com produção em Santa Catarina, que desenvolvem em sua produção, como linguagem ou base de princípio do processo, a fotografia. As articulações que aqui idealizamos pretendem pensar a fotografia através de seu potencial conceitual, expressivo, crítico e poético, onde o medo de contaminar a pureza formal da imagem se perde e o trabalho se converte em um meio de expressão contingente. Nesta mostra as obras configuram estes territórios híbridos e fronteiriços da fotografia, que com seu excesso de imagem proporcionam a reflexão dos temas aqui suscitados.

FRANCINE GOUDEL, JULIANA CRISPE E SANDRA MAKOWIECKY



FRANZOI • Nós em nós :2017 | fotografia sobre PVC



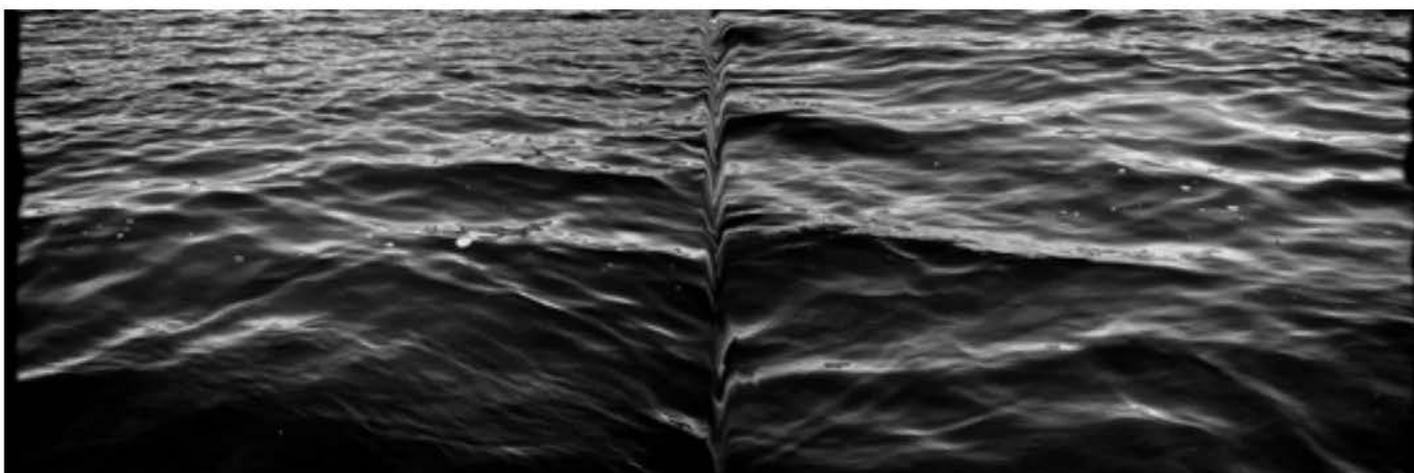
SARAH URIARTE • Sem título 2016 | impressão fotográfica sobre PVC



MARTA MARTINS • da série A lagoa vista em olho de peixe 2012/2016 | impressão fotográfica



CLARA FERNANDES • Pássaro 2011 | fotografia: Bruno Ropelato | Performer: Elisa Schmidt



ANA SABIÁ • Interstícios, da série do porão ao sótão 2016 | fotografia sobre PVC



Exposição *Fotografia: Seus Sistemas Híbridos e Fronteiriços* | Bienal Internacional de Curitiba | Polo SC

FOTOGRAFIA: SEUS SISTEMAS HÍBRIDOS E FRONTEIRIÇOS

BIENAL INTERNACIONAL DE CURITIBA | POLO SC

ESPAÇO FERNANDO BECK | 05 DE OUTUBRO A 23 DE NOVEMBRO DE 2017

A exposição integra a *Bienal de Curitiba'17*, criando pela primeira vez um polo em Santa Catarina, juntamente com o Museu da Escola Catarinense, o qual apresenta paralelamente a mostra "Antípodas Contemporâneas". A parceria entre as Instituições é um ponto importante a ser destacado. Compõe uma das metas da Fundação com o escopo de ampliar e fortalecer o circuito. A aposta na fotografia enquanto recorte curatorial também está em consonância com o destaque que a linguagem vem conquistando na cena atual. Nesta mostra, a fotografia está pensada de forma ampla, apresentada por alguns dos artistas em diálogo com objetos, esculturas, performances.



NADA É IMAGEM, NADA É MIRAGEM

MARIA BAPTISTA

Nada é Imagem, Nada é Miragem é resultado de expedições de Maria Baptista às regiões da Chapada Diamantina, na Bahia, e nos Campos Gerais, no Paraná, entre os anos de 2014 a 2016.

Em três obras concisas, a artista nos apresenta, não somente imagens de contemplação estética dos elementos da natureza, mas registros de um percurso em que ela é regente e também regida pela paisagem e sua criação artística é resultado da reflexão teórica dessas experiências vivenciadas.

Um processo de inversão digital torna azulada a imagem captada na região do Cânion Guartelá, nos Campos Gerais e parece registrar um tempo longínquo. O cenário rochoso agora remete ao fundo do mar, que cobriu aquela região há milhões de anos;

Um pequeno aparador traz uma pedra semi-preciosa da Chapada Diamantina e uma caixa de acrílico fechada, numa sugestão de mistério. Dentro dela, flores secas dos Campos Gerais, um frasco de

vidro do Arroio Pedregulho, pau santo, slides com registro de performance realizada nas margens do Cânion Guartelá e um caderno de viagem contendo relatos dos locais visitados;

Um audiovisual com pouco mais de 23 minutos mostra imagens dos Campos Gerais, acompanhadas de trilha musical composta pelo músico Ūhmas e do poema "Os Poros Flóridos", de Josely Vianna Baptista, que é lido pausadamente pela artista. Nesse diálogo, sem preocupação explicativa, entre as imagens e o poema, a artista busca uma aproximação da experiência original do momento vivido naquele local, naquele instante.

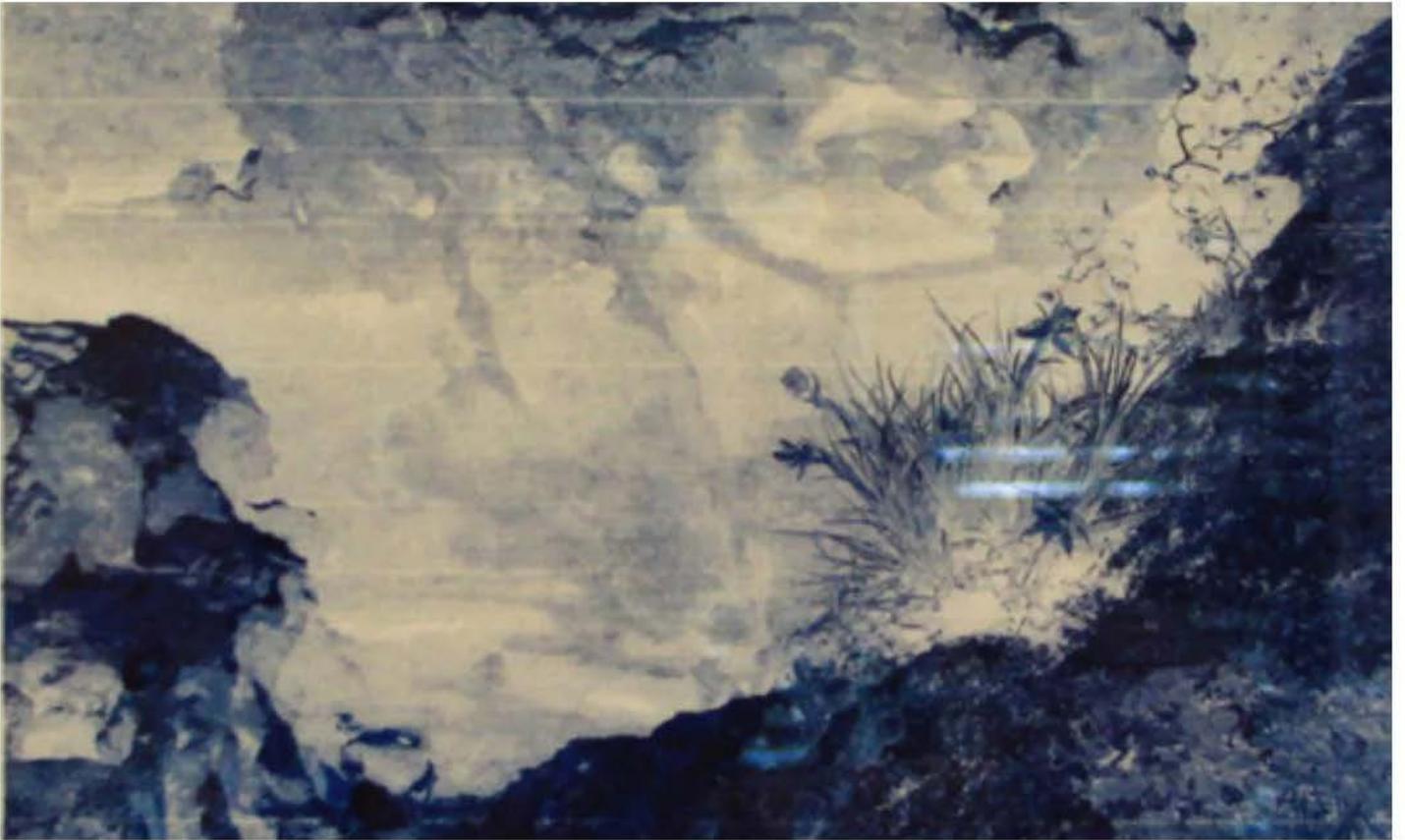
O espectador é convidado a se deslocar para aquele espaço enigmático, mas para isso um silêncio interior litúrgico se faz necessário. Só assim poderemos, como Maria Baptista, ouvir o murmúrio das águas e sentir o gosto do vento.

Em frente ao abismo, a artista se entrega com êxito ao silente rocio do encantamento.

FABRÍCIO TOMAZI PEIXOTO



• Nada é imagem, nada é miragem 2016 | audiovisual 23'28"



• **Paisagem Submersa** 2015 | fotografia impressa em risografia assinada e numerada | cópia 1/10



• **Vestígios** 2014/2016 | caixa de acrílico contendo flores secas, caderno de viagem, frascos de vidro com água do Arroio Pedregulho, pau-santo, slides com registro de performance, pedra ametista e aparador de madeira antigo.



• Morfológica (detalhe) 2014 | fotografia impressa em fineart



Exposição *Nada é imagem, nada é miragem* de Maria Baptista

NADA É IMAGEM, NADA É MIRAGEM MARIA BAPTISTA

ESPAÇO 2 | 26 DE OUTUBRO A 23 DE NOVEMBRO DE 2017

Mais do que representar uma paisagem, a artista a recria e a transpassa. As obras apresentadas emergem da necessidade que sente em revelar a epifania vivenciada em 2014 quando visita a Chapada Diamantina (BA) e Campos Gerais (PR), envolvida em um outro projeto artístico. As sensações provocadas pelo abismo, silêncio e natureza em estado bruto transcendem conceitos e dão início ao seu processo de amalgamar elementos que a auxiliem a expressar um sentimento possível. Assim, vai acumulando expressões, imagens, poesia, música, objetos retirados da cena. Do entrecruzamento da imagem e palavra, da reorganização da fatura, da experimentação de transpor o cenário da natureza para a galeria, emerge sua reflexão poética à beira do abismo e imersa nas paisagens planálticas. Maria Baptista é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná, estudou escultura na Escola de Belas Artes do Paraná e especialização em Poéticas Visuais pela mesma Instituição. Atualmente vive em Curitiba/PR.



MÁQUINAS DO ABISMO

ROGÉRIO NEGRÃO

CURADORIA DE FRANZOI

A exposição multimídia Máquinas do Abismo provoca a procura de múltiplos desdobramentos e sentidos. Ao se apropriar de desenhos de patentes do início da Revolução Industrial, Rogério Negrão começa uma pesquisa que resulta na descrição de uma série de máquinas sensoriais imaginárias esboçadas em colagens digitais impressas, de forma linear, sobre papel cartão, e o desenvolvimento dessas máquinas/objetos por meio de vídeo, de instalação sonora ou na forma matérica.

O artista mergulha no DNA do objeto e expande a abrangência além do planejado, altera a percepção original dos aparelhos e sistemas, produz uma nova conscientização dos limites oferecidos. Constrói e executa uma poética em consonância com a vida, subverte o tempo e o espaço, coloca o observador numa suspensão metafísica, algo que permite considerar o espaço como campo de construção de processo.

O que entra em jogo não é o produto final, mas sim a alavanca que gerou a explosão corpórea:

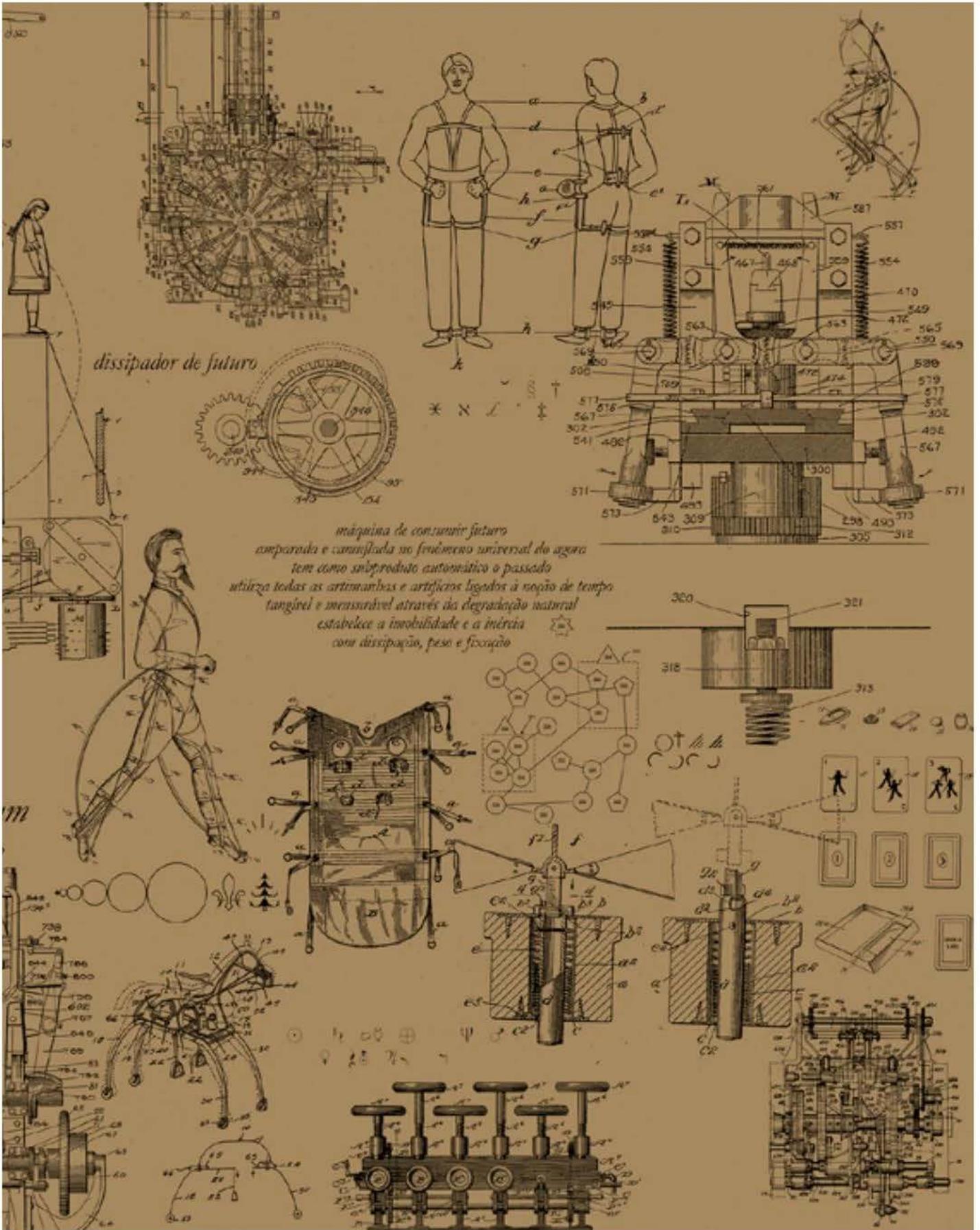
os anseios e desejos intrínsecos no ser humano. Mais importante é o percurso, as conexões ativadas pelo pensamento, os desvios e impulsos provenientes de si mesmo e da existência do outro, pois o criador é o cérebro e suas relações.

Diante das obras, cabe concordar com Joaquim Guedes, “há que aprender a imaginar o objeto e, ao mesmo tempo, inventar sua construção”. Rogério Negrão consente quando propõe objetos para o homem contemporâneo que se perde na busca incessante de uma identidade única, pois se afasta cada vez mais do seu ser por não se confrontar consigo mesmo.

Seus objetos permitem ativar o imaginário, esvanecer a caixa de dúvidas, condensar a felicidade, controlar o vazio, dissipar o futuro, gerar consenso, buscar um horizonte portátil, limitar propósitos, neutralizar o medo, nivelar os destinos, purificar os erros, reter a culpa e replicar as vivências.

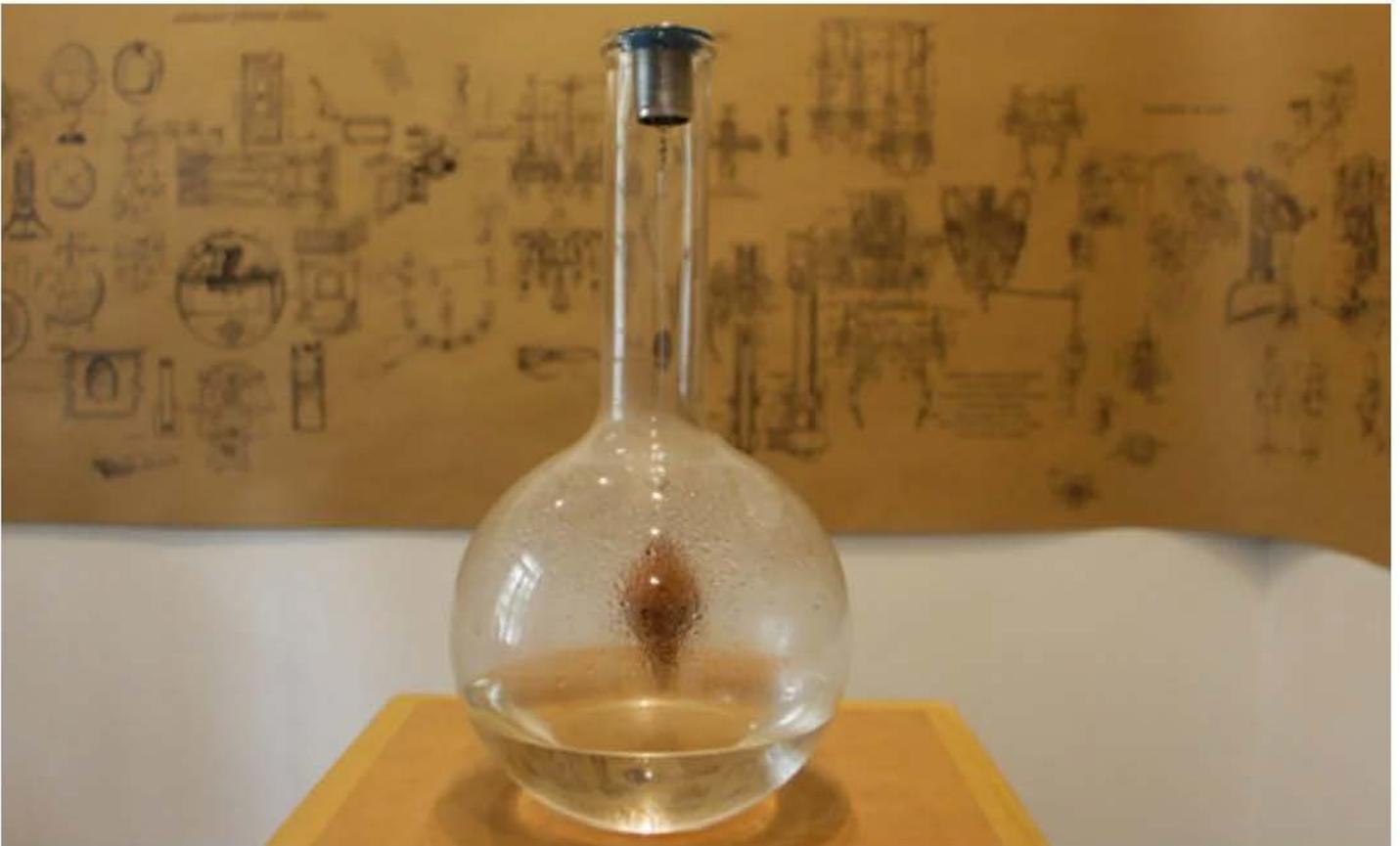
É preciso parar, respirar, ir para o mundo do sensível, do simbólico, para então, arquitetar e reinventar metáforas para a vida.

FRANZOI





• Captador de Aparências e Afinidades 2017 | PVC, vidro, plástico e água



• Nivelador de Destinos no Horizonte 2017 | vidro, água, madeira, plástico e metal



• Neutralizador de Medo 2016 | madeira, metal, plástico e água



• Nivelador de Destinos no Horizonte Portátil 2017 | vidro, água, madeira, plástico e metal



Exposição *Máquinas do Abismo* de Rogério Negrão

MÁQUINAS DO ABISMO ROGÉRIO NEGRÃO

ESPAÇO 2 | 07 DE DEZEMBRO DE 2017 A 03 DE FEVEREIRO DE 2018

Objetos, vídeo, instalação sonora, painel de desenhos e máquinas imaginárias compõe a mostra inspirada em desenhos de patentes industriais. Ao conceber engrenagens para resoluções de problemas cotidianos, o artista ultrapassa o limiar entre a engenharia e a poética. No aguardo de uma modernidade que jamais aconteceu, subsiste a promessa de que a precisão maquinaica dará conta de atender às insuficiências humanas. Os protótipos apresentados provocam leituras imaginárias dos manuais de instrução do compactador de lucidez, horizonte portátil, nivelador de destinos, purificador de erros, captador de aparências e afinidades, estabilizador de imprevistos, reversor de rejeição e neutralizador de medo. O que interessa não é construir a máquina, mas permanecer no instante anterior à sua existência. Rogério Negrão possui graduação em Design Industrial na Universidade Federal do Paraná e especialização em Gestão do Design na Universidade Tuiuti do Paraná. Nascido em Tejuapá/SP atualmente vive e trabalha em Joinville/SC.



HABITACULUNS

ALBERTINA PRATES

CURADORIA DE ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM

Os três ambientes expositivos de Albertina Prates compõem um só conjunto imagético. No primeiro destaca-se um retângulo, cujas laterais externas são revestidas com espelho, duplicando o ambiente ao redor. Em seu interior cinza, observamos um pequeno espelho refletindo quem dele se aproxima. O que vemos quando nos vemos refletidos no interior retangular? O que nos olha quando nos vemos? O que temos diante de nós? O que somos enquanto vivemos, olhamos e pensamos? O que seremos depois disso?

No segundo, deslinda-se o estranho desenho de uma mulher grávida. Seu rosto está parcialmente coberto, seu vestido se prolonga pelas paredes desenhadas e preenchidas com organza, recortada em quatro partes que se intercalam. Ao fundo, na mesma altura do rosto, estão enfileiradas a cabeça de um ancião e de uma caveira. O que se dá a ver são figuras heterogêneas, concebidas como um meio através do qual se tenta apreender a energia dinâmica, a carga afetiva e a força mnemônica contemplada na própria obra.

No terceiro, apresenta-se um filme com a imagem de oferendas trazidas por uma mulher com um vestido que se arrasta pelo chão, enquanto ela se move com passos ritmados como num ritual em direção a uma mesa- altar. Situada entre a celebração e a contemplação, tal cenografia permite pensar

a presença humana e sua relação com o sagrado e o profano, o lugar da criação, da destruição e do sacrifício. Trata-se de um enredo, cujo sentido nos escapa, marcado pelo vestígio de coisas infrangíveis que demandam um pensamento sobre a vida como oblação.

Todo o espaço da exposição está interligado por um rodameio com desenhos de folhas e flores com pistilos eretos. Entre estes vegetais, espaços ovais e quadrados recordam camafeus contendo figurinhas de 3 cm que apresentam vinte e duas cartas do Tarô relidas de forma cômica: o louco sobe um muro e seu cão fica sozinho latindo; o mundo é representado no centro por um ovo; a temperança deixa cair uma taça; a morte se fotografa através do celular. Além destas figuras, é possível reconhecer moscas em posição de cópula, olhos de vários tipos e aranhas. Em um canto, este mesmo inseto desce do teto através de um fio desenhado com a perfeição de um engana olhos, imagem das coisas que jamais coincidem com elas mesmas.

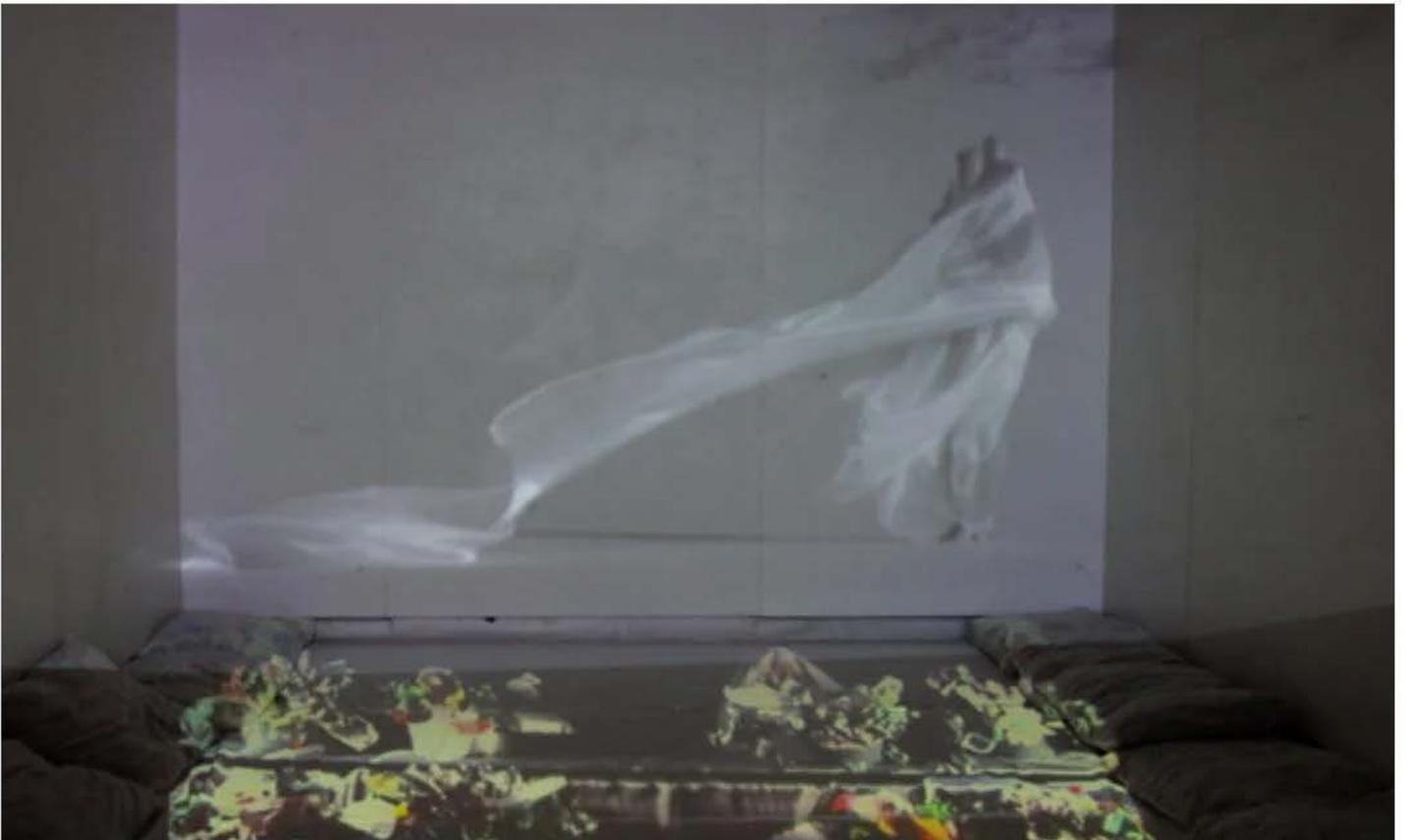
E não seria este afinal o segredo que habitamos, enquanto seguimos na ilusão de que é possível encobrir a extravagância e a insensatez, a efemeridade e o caos, a disparidade e a desmesura de tudo que foi e seguirá sendo: o planeta, a vida da espécie e dos gêneros, o destino e o corpo de cada um e de todos os mortais?

ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM





• **Hopushumanus** (rodameio - detalhe) 2017 | grafite sobre papel e parede



• **Lu-mem** 2017 | vídeoarte e instalação



• Morari (detalhe) 2017 | objeto escultura • Hopushumanus (rodameio - detalhe). 2017 | grafite sobre papel e parede



- **Hopushumanus** (detalhe do rodameio e de cartas de tarô) 2017 | desenho e impressão



- **Vellus** 2017 | desenho em sublimação e instalação

HABITACULUNS ALBERTINA PRATES

ESPAÇO FERNANDO BECK | 07 DE DEZEMBRO DE 2017 A 22 DE FEVEREIRO DE 2018

A questão de Eros e Thanatos atravessa a poética proposta, sem prescindir da transcendência do tempo e de uma associação latente com a beleza e seus processos de esvaecimentos. Para pensar e contar essas inquietudes, a artista constrói uma grande instalação composta por vídeos, objetos e desenhos segmentados em três cenas devidamente costuradas por um rodameio que atravessa todos os ambientes. Diversas cifras e enigmas são dispostos pelos espaços expositivos, acessíveis apenas aos observadores mais atentos. Imagens desenhadas, projetadas ou refletidas; em grandes dimensões (com mais de três metros) ou em tamanhos diminutos (três centímetros), devolvem ao espectador indagações da origem da filosofia. Albertina Prates é formada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, com especialização em Arte Visuais Contemporâneas, pela mesma Instituição. Natural de Criciúma/SC, vive e trabalha em Florianópolis/SC.



MOSTRAS ESPECIAIS

A Fundação promove exposições que apresentam formatos e propostas singulares, ocupam espaços alternativos, possuem tempos diferenciados ou estão integradas a algum evento maior. Nesta categoria, figuram mostras tão importantes quanto as oficiais.



REVISTAS DE ARTISTAS NO BRASIL | PUBLICAÇÕES COMO ESPAÇO EXPOSITIVO, CURADORIA DE JORGE BUCKSDRICKER E REGINA MELIM

Espaço Oficina, de 15 de setembro a 15 de outubro de 2016.

Uma seleção de revistas criadas por artistas durante as décadas de 1960 a 2010, pertencentes às coleções de Jorge Bucksdricker e Regina Melim e uma seleção de publicações realizadas como espaço expositivo, a partir dos anos 1960, pertencente à coleção de Regina Melim. As exposições integram o projeto Pretexto: Publicações de Artista, SESC Prainha, Florianópolis. Regina Melim é doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná/SP, docente no Departamento de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, vive e trabalha em Florianópolis. Jorge Bucksdricker é mestre em Filosofia e atualmente doutorando em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina.

PROJETO VISÍVEL DO INVISÍVEL, DE SÉRGIO ADRIANO H

Escadaria da Fundação, 18 de novembro de 2016.

A mostra reúne 12 autorretratos do artista intitulados Preto de Alma Branca e Branco de Alma Preta. Criadas solitariamente em estúdio, as obras revelam seu rosto pintado ora de branco e com choro de lágrimas negras, ora em tom negro e lágrimas brancas. O projeto parte de um modo expositivo móvel para ser realizado em praças e calçadas de grande circulação. Na Escadaria e Jardins da Fundação, o artista provoca o público mediante conversas e reflexões sobre arte e racismo. Sérgio Adriano H é formado em Artes Visuais e mestre em Filosofia. Natural de Joinville/SC, o artista estuda e produz entre as cidades de Joinville/SC e São Paulo/SP.





ARTE EDUCAÇÃO

Na Fundação, a arte educação deixa de ser um tempo físico de visitas e horas marcadas para ser um constante exercício de problematizar, provocando a construção de um espaço entre as coisas ditas e não ditas: os questionamentos inerentes à reflexão sobre as Artes.

Estar imerso na arte contemporânea requer incertezas, e é com isso que o setor de Arte Educação se compromete: criar espaços para conversa, inquietações e um constante indagar. Essa proposta de demorar-se nas perguntas, criando uma atmosfera para investigar as visualidades que são apresentadas, é estimulada nos cursos, palestras, rodas de conversa, exposições de filmes seguidas de debates, conversas com artistas e visitas mediadas.

No biênio 2016-2017 novas parcerias foram estabelecidas, como com as visitas do Centro de Integração Empresa Escola e diversas instituições de ensino que circundam a Fundação. No programa, os grupos assistem e debatem filmes; realizam oficinas e pensam as exposições em relação às temáticas propostas. Parcerias antigas se consolidaram mantendo o trabalho do setor educativo um marco nos percursos destes grupos, como no Projeto Trajetos Culturais e Família no Museu.

Mais de 250 mediações foram agendadas, ultrapassando 5.200 pessoas recebidas. Além disso, mediações de visitas não programadas são uma constante. Em 2017, a Fundação estabeleceu um marco na Cidade ao realizar a exposição Iconografia 344, que em conjunto com as ações educativas, trouxe um significativo número de visitantes, difundindo e dando visibilidade ao relevante acervo histórico e artístico presente na mostra.

Ainda que as exposições partam de propostas estruturadas previamente pelos artistas, cada projeto recebe um olhar único voltado para a relação entre arte e público a ser estabelecida, criando um vínculo não só com as instituições de ensino, mas com todos aqueles que passam pelo icônico Casarão amarelo.

CAROLINA RAMOS
ARTE EDUCADORA



OFICINAS CURSOS ENCONTROS E CONVERSAS

Todas as atividades oferecidas pela Casa e por seus parceiros oportunizam ao público espaços de interlocução, troca de saberes e convivência. Esses momentos para pensar o mundo e fruir da cultura e da arte constituem o alicerce que atravessa cada projeto realizado. Está presente nos cursos e oficinas, mas também nas conversas após as sessões de cinema, nas exposições, nas apresentações de música, nas feiras, nas visitas. Todos os encontros ocorridos na Fundação podem ser concebidos como estratégias de arte educação em um sentido amplo, pois visam uma formação cultural e política, estética e artística.



RODA DE CONVERSA. **IMPOSSIBILIAS** COM PAULO GAIAD

Sob a coordenação de Rosângela Miranda Cherem, o evento foi uma maratona para pensar o trabalho de Paulo Gaiad e ocorreu poucos meses antes de sua morte, durante a sua última exposição. No auditório, Néri Pedroso, Edécio Mostaço e Luiz Felipe Soares apresentam suas leituras sobre o artista, que participou dos debates. Nos espaços expositivos, professores-artistas emprestam seus olhares à fatura e aos conceitos que podem ser pensados a partir das obras expostas. Além dos citados, Antônio Vargas, Silvana Macedo, Adriana Santos, Wagner Jonasson Costa, Sandra Fávero, Fernando Boppré e Rosângela Miranda Cherem fizeram suas análises e ouviram, em reciprocidade, respostas pontuadas pelo próprio Paulo Gaiad.
• 26 fev 2016.

RODA DE CONVERSA CÉLIO BRAGA E HÉRCULES GOULART MARTINS

A conversa antecedeu a abertura da exposição *Abluções*, em parceria com o Museu Victor Meirelles, no Espaço 2 da Fundação. A partir de registros e de seus processos artista e curador compartilharam reflexões acerca da arte contemporânea no Brasil e exterior, bem como sobre as obras da mostra. • **01 mar 2016.**

WORKSHOP CURADORIA CONTEMPORÂNEA ANA ZAVADIL

O curso apresentou conceitos que envolvem a curadoria contemporânea em suas diversas realidades; seu enquadramento histórico, sua prática no contexto das exposições e estudos de caso para a construção de uma visão analítica e crítica sobre a sua prática no circuito cultural. A palestrante traz no currículo sua experiência como curadoria do Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Museu de Arte Contemporânea/RS. • **01 abr 2016.**

OFICINA DEGUSTAÇÃO DE VINHOS CATARINENSES

Em comemoração ao Dia do Vinho Catarinense, a parceria com o Sindvinho, possibilitou a realização de cinco oficinas de degustação, coordenadas por Márcia Maluf Palei e com a colaboração dos enólogos Jucélio Kulmann de Medeiros e Douglas Chamon. Uma das oficina foi programada para deficientes visuais, como parte do projeto de inclusão social do evento. • **02 e 03 jun 2016.**

PALESTRA OS RUMOS DA FOTOGRAFIA DIGITAL RÔMULO LUBACHESKY

Pensar a fotografia digital e seus desdobramentos contemporâneos é o que Rômulo coloca em questão; o uso de plataformas e sites bem como equipamentos utilizados são colocados como elementos para pensar a produção fotográfica do cotidiano. • **07 jul 2016.**

PALESTRA TROPICÁLIA E HÉLIO OITICICA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO CONTEMPORÂNEO CELSE FAVARETTO

Autor dos livros *Tropicália: Alegria, Alegria e A invenção de Hélio Oiticica*, propõe pensar, a partir das obras do artista e suas interlocuções, problemáticas acerca do contemporâneo. Celso Favaretto é doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. • **23 set 2016.**

PALESTRA ESSÊNCIA MODERNISTA: HISTÓRIA, IDEIAS, TENDÊNCIAS E METODOLOGIA

Proposta pela estilista de Moda Thyara Saraiva, a palestra destaca ideias para novas criações, novas culturas e novas tendências. O evento contou com intérprete de Libras. • **24 out 2016.**

RODA DE CONVERSA PROXIMIDADES COM SCHWANKE: O ARTISTA

Pessoas próximas a Luiz Henrique Schwanke conversaram com o público sobre a trajetória e os processos criativos do artista na galeria da Fundação. A conversa teve mediação da jornalista Néri Pedroso e participaram neste dia Maria Regina Schwanke, Paulo de Araújo, Linda Poll e Letícia Mognol. • **15 fev 2017.**

RODA DE CONVERSA PROXIMIDADES COM SCHWANKE: AS OBRAS

Sob a coordenação do artista Franzoi, pesquisadores, artistas e críticos compartilharam suas impressões sobre as obras da exposição *Schwanke: Habitar os Incorporais*. Neste dia conversaram com o público Rosângela Miranda Cherem, Sandra Makowiecky, Silvana Marcedo, Yara Guasque, Carolina Ramos e Eneléo Alcides. • **15 mar 2017.**



PALESTRA MÉDICOS SEM FRONTEIRAS

A realidade do trabalho dos Médicos Sem Fronteiras foi compartilhada por Renato Souza, enfermeiro e profissional de campo da organização. A palestra contou com a exibição do vídeo MSF Unlimited e de programação no Cineclube com a exibição do filme Fogo nas Veias • **25 abr 2017.**

CURSO MÚSICAS AFROAMERICANAS COMO PROBLEMA FILOSÓFICO

O curso considera se as músicas euro-afro-americanas devem ser analisadas segundo a teoria musical e filosofia tradicional. Para problematizar a questão, Claudia Drucker utiliza componentes históricos, abordagens filosóficas e teorias musicológicas. • **3, 10, 17 e 24 mai 2017.**

SEMANA DA FOTOGRAFIA PINHOLE

Como parte da Semana da Fotografia Pinhole, que antecede o Pinhole Day Floripa 2017, a Casa organiza as oficinas Pinhole digital : Retratos e Fotografia e Pinhole: Projeto Luz na Lata, ministradas pela fotógrafa e artista visual Lillian Barbon, docente da Escola de Fotografia Câmera Criativa. • **27 e 29 abr 2017.**

RODA DE CONVERSA ICONOGRAFIA 344

Pontos relevantes sobre Florianópolis a partir das visualidades presentes nas obras da exposição Iconografia 344 são explorados por pesquisadores das áreas de História e Artes. Entre os convidados, Ylmar Corrêa Neto, Janice Gonçalves e Rosângela Cherem. • **18 mai 2017.**



VISITA GUIADA ICONOGRAFIA 344

O curador Ylmar Corrêa Neto recebe durante o sábado cerca de 200 pessoas interessadas em desvendar a história da Vila de Nossa Senhora de Desterro, a atual Florianópolis, através da Exposição Iconografia 344. Obras e documentos raros, nunca expostos, lado a lado com propostas contemporâneas formam um conjunto poético para entender a formação da Cidade • **20 mai 2017.**

CURSO HISTÓRIA DA ARTE E SUAS TRANSITIVIDADES

Pensado a partir das exposições ocorridas na Fundação, o curso proposto por Rosângela Miranda Cherem, articula como o espaço, o corpo, as cenas e as coisas se tornam questões relacionadas com a História da Arte. Realizado ao longo de 2017 e início de 2018, em nove encontros divididos em quatro módulos: Retrato, Paisagem, Natureza Morta e Cenas. • **20 mai, 17 jun, 22 jul, 26 ago, 23 set, 07 out, 11 nov 2017; 17 e 24 fev 2018.**



OFICINA DEGUSTAÇÃO DE VINHOS CATARINENSES

Cinco oficinas realizadas com a sommelier Márcia Maluf Palei e os enólogos Jucélio Kulmann de Medeiros e Antônio Zanelotto comemoram o Dia do Vinho Catarinense. Além da oficina para deficientes visuais, houve também a Sessão Oficina do Vinho com o filme *O julgamento de Paris*. • **13 e 14 jun 2017.**

WORKSHOP **PENSANDO A CONSTRUÇÃO FOTOGRÁFICA** NOÇÕES BÁSICAS DE COMPOSIÇÃO, EQUIPAMENTOS E CONCEPÇÕES DO FOTOGRÁFICO

O workshop com o professor André Ricardo Souza teve como objetivo apresentar noções básicas de fotografia, propondo pensar o exercício fotográfico no contexto das atuais possibilidades tecnológicas, trazendo uma série de questões e referenciais teóricos e técnicos. • **25 out 2017.**

RODA DE CONVERSA **MEYER FILHO**

A fascinante obra e vida do artista plástico foi pensada por Ylmar Corrêa Neto, Rosângela Miranda Cherem, Marília Jeffman, Simone Curi, Julia Amaral, Eneléo Alcides e Sandra Meyer. O evento foi um desdobramento da exposição Arquivos Implacáveis, promovida pelo Memorial Meyer Filho, com curadoria de Kamila Nunes. • **08 jul 2017.**

PALESTRA **JARDINS AZUIS: MEMÓRIAS CULTIVADAS NA INFÂNCIA**

A palestra de Maria Virginia Gordilho Martins abordou o cultivo de alguns projetos realizados entre 2012 -2017, tendo como referência memórias da infância materializadas e seladas em arquivos poéticos. • **21 jul 2017.**

PALESTRA **O QUE É ARQUIFILOLOGIA?** RAUL ANTELO

Raul Antelo propõe um pensar sobre a arquivologia, que é um pensamento em ação, prática de escrita, entre-lugar de ficção e teoria que aborda o contemporâneo de maneira deliberadamente anacrônica. • **15 ago 2017.**

RODA DE CONVERSA **EXPRIMÍVEL DO VAZIO**

Marcando o fim da exposição na Fundação, artista e curadora conversaram com pesquisadores e com o público sobre os processos poéticos e sobre a inclusão da mostra no Circuito Propagações. • **22 ago 2017.**

JORNADA **POROSIDADES NA ARTE CONTEMPORÂNEA**

Discutindo fronteiras, ou a ausência delas, entre os campos da arte visual, teatro, performance, dança, música, cinema, design, e moda, o evento, organizado por Eneléo Alcides, contou com a participação de Acácio Piedade, Edécio Mostaço, Elisa Schmidt, Felipe Soares, Kellyn Batistela, Murilo Scóz e Rosângela Miranda Cherem • **18 nov 2017.**



SEMINÁRIO **DIANTE DAS REFORMAS É PRECISO FALAR SOBRE GÊNERO E RAÇA**

Realizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Entidades Sindicais de Florianópolis e Região Sul com o intuito de discutir e debater questões relativas à discriminação na Cidade. • **22 nov 2017.**

VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MÍDIA-EDUCAÇÃO: **INFÂNCIA, COMUNICAÇÃO, CULTURA E ARTE**

Oficinas, apresentações de trabalhos e rodas de conversa promovem encontros e trocas entre pesquisadores da área em evento produzido a cada dois anos por docentes e discentes do Núcleo Infância, Cultura, Comunicação e Arte do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. • **23 e 24 nov 2017.**

X SEMINÁRIO DE LEITURA DE IMAGENS PARA A **EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS**

Evento organizado pelo Núcleo de Estudos Semióticos e Transdisciplinares da Universidade do Estado de Santa Catarina, tem como objetivo socializar pesquisas em torno da leitura de imagem à comunidade que se dedica à pesquisa em arte e no seu ensino. • **29 nov 2017.**

LANÇAMENTOS

O Espaço Fernando Beck acolhe lançamentos de livros, catálogos, revistas, portais de internet e outros. A relevância desses momentos está na interlocução entre autores que compartilham seus talentos criativos e um público interessado em ampliar seu repertório. Para complementar as noites de lançamento, muitas vezes são realizadas apresentações musicais, audiovisuais, performances e leituras.



CATÁLOGO FUNDAÇÃO CULTURAL BADESC 2014 - 2015

O lançamento do primeiro catálogo da Fundação coincide com o mês de comemoração de seus dez anos de movimentada atividade. A noite foi uma homenagem aos inúmeros artistas, profissionais da cultura, instituições, apoiadores, parceiros e pessoas apaixonadas por arte. O Catálogo preserva o registro de momentos importantes do biênio 2014-2015, trazendo textos e imagens de 34 exposições de artes visuais, 04 mostras especiais, 45 festivais de cinema, 17 estreias e sessões especiais de filmes, 25 lançamentos de livros e noites de autógrafos, 13 apresentações musicais e performances, 06 atividades diversas, 20 oficinas e cursos e 07 Entremostras. • **28 mar 2016.**

O ESTRANHO ASSIMILADO, WALMOR CORRÊA

A obra bilíngue (português e inglês) apresenta a produção dos últimos 15 anos de Walmor Corrêa. A concepção do livro é do próprio artista, com organização da historiadora e crítica de arte Paula Ramos. A obra conta com ensaios dos autores Clarissa Diniz, Fernando Cocchiarale, Francisco Marshall, Maria de Fátima Costa, Mônica Zielinsky e Paula Ramos. Também reproduz textos produzidos para exposições individuais do artista, assinados por Bianca Knaak, Blanca Brites, Icleia Borsa Cattani, Guy Amado, Rosângela Miranda Cherem. Inclui, também, cronologia. Walmor, natural de Florianópolis, é um artista de reconhecimento internacional. Discutindo os liames entre arte e ciência, participa de importantes mostras nacionais e internacionais, desde os anos 2000.

• 03 mar 2016.



O CORONEL FREITAS E A COLÔNIA MILITAR DE CHAPECÓ, MÁRIO XAVIER

A obra jornalística de cunho histórico resgata lacunas da memória do Oeste Catarinense e sua ocupação, colonização e desenvolvimento no final do século XIX e começo do século XX. Seu diferencial é a ampla pesquisa que recupera informações e iconografia inéditas, apresentadas em linguagem acessível para o grande público, e com profundidade e utilidade também para estudos acadêmicos mais especializados. Premiado pelo Edital Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, o livro tem prefácio do professor Paulo Pinheiro Machado e apresentações do jornalista Moacir Pereira e do general Antônio Carlos de Oliveira Freitas. Mário Xavier Antunes de Oliveira é jornalista graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e radicado em Santa Catarina desde 1985. • 18 fev 2016.



SOMA E SUB-TRAÇÃO, EDÉLCIO MOSTAÇO

A recepção teatral, seus principais temas, abordagens e conceitos, é o ponto de partida das reflexões do autor neste livro, agrupadas no capítulo Da Recepção. Em um segundo grupo de artigos, agrupados em Escritos Descolados, reúne reflexões sobre obras específicas, encenações ou problemas artísticos com base nos enunciados enfocados anteriormente. Edélcio Mostaço é professor de teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina e crítico reconhecido no meio acadêmico. • 07 abr 2016.

REGISTROS: FICÇÕES POLAROIDES

JOANA AMARANTE

De forma a criar uma narrativa ficcional de um dia, o livro reúne uma série de imagens em formato polaroide seguidas de frases retiradas de percursos, diários de viagens, livros, músicas e de conversas alheias. A obra foi lançada na abertura da exposição homônima. • 05 mai 2016.



MEMÓRIA EM 4 TEMPOS

Desde 2014, a Fundação produz entrevistas em vídeos com artistas que passam pelos seus espaços expositivos. O resultado consiste em uma série de mini documentários realizados por Enelé Alcides em colaboração com Clarice Dantas, Karine Joulie e Sandra Alves, que possibilita ao público aproximações com processos criativos e pensamentos sobre arte contemporânea. A mostra Memória em 4 Tempos apresenta títulos que seguem publicados nas redes sociais da Fundação Cultural Badesc. • 12 mai 2016.

TUBO DE ENSAIO COMPOSIÇÃO [INTERVENÇÕES + INTERSEÇÕES]

JUSSARA XAVIER, SANDRA MEYER E VERA TORRES E VOLUME 5 DA COLEÇÃO HÚMUS, COM ORGANIZAÇÃO DE CARLOS SANTOS

Os lançamentos integram o 9º Festival Internacional de Dança Contemporânea Múltipla Dança e propõe pensar a dança e as relações estabelecidas com a arte contemporânea. • 25 mai 2016.



PORTAL CATARINAS

Catarinas é um portal de jornalismo especializado em gênero, feminismo e direitos humanos, idealizado por Clarissa Peixoto, Paula Guimarães e Kelly Vieira. Atrações musicais e teatrais realizadas por artistas feministas completam a noite. • 28 jul 2016.

A TRIÁDE DA CÂMARA FOTOGRÁFICA, ROMULO LUBACHESKY

Um livro que busca descomplicar a fotografia como um todo e desmistificar o equipamento fotográfico. O pretende estimular a pensar sobre o que existe de fundamental nos equipamentos. Romulo Lubachesky, que tem formação em Geologia, é autor de dezenas de artigos técnicos, projetos e exposições individuais. É também professor e fotógrafo. • 07 jul 2016.



LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA: TRANFORMANDO SONHOS EM REALIDADE, MOACIR PEREIRA

O livro relata a trajetória política de um dos maiores políticos da história republicana em Santa Catarina. Resgata fatos de domínio público e registra acontecimentos singulares da política do Estado. A virada eleitoral de 2002, que Luiz Henrique definiu como "a campanha de minha vida", tem uma inédita análise dos bastidores. Moacir Pereira é jornalista, colunista do Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina, A Notícia e comentarista da rádio CBN Diário. É membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. • 12 jul 2016.

A RUINOLOGIA, RAUL ANTELO

O autor mergulha no vórtice de sua trajetória, celebrando a contingência e "o caminho que deliberadamente não quis percorrer de novo" (i.e. o caminho da "formação"). Raul Antelo é professor e pesquisador e tem relevantes trabalhos em teoria literária. • 15 ago 2017.



BADESC 40 ANOS: UMA HISTÓRIA DE FOMENTO À ECONOMIA DE SANTA CATARINA

A obra celebra as quatro décadas de fundação da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A.- BADESC e conta a história de pessoas que acreditaram no potencial de Santa Catarina e dos catarinenses. O BADESC participa efetivamente do dia a dia de muitos municípios, financiando pequenas, médias e grande empresas e projetos públicos, trazendo qualidade de vida e benefícios à população. A história dos 40 anos do BADESC é uma parte do legado do Estado que é referência nacional pela sua capacidade de fomentar o progresso e a prosperidade. • 06 out 2016.



ARTISTAS CONTEMPORÂNEAS NA TEORIA E HISTÓRIA DA ARTE ORGANIZAÇÃO DE SANDRA MAKOWIECKY E ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM

Resultado de uma parceria do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina através do seminário História da Arte como Operação de Hipertexto e da pesquisa Imagem acontecimento: contemporizações da modernidade artística em Santa Catarina, que se restringe a mulheres artistas. • 13 out 2016.



SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO E MACBETH TRADUÇÕES DE RAFAEL RAFFAELLI

A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança traduções de William Shakespeare em edições bilíngues, trazendo peças consideradas pela crítica como suas mais importantes. O evento integra a programação da Mostra 400 anos de Shakespeare. Rafael Raffaelli é pós-doutor em Teatro e tradutor. • 21 out 2016.

CINEMA CHÁ E CULTURA

ANELISE CORSEUIL, BRÍGIDA DE MIRANDA,
MARIA CECÍLIA COELHO, MARIA LÚCIA MARTINS
E MARIA TERESA COLLARES (ORGS.)

Compilação em edição digital de ensaios produzidos por convidados a respeito de filmes, diretores ou gêneros cinematográficos. A obra reúne textos que abordam a relação do cinema com outras artes ou campos do conhecimento. • 29 nov 2016.

MISTÉRIOS PERENES ÁLVARO WANDELLI FILHO

Abordando os mistérios de nossa existência em busca das transcendências do espírito, o conjunto de poesia é definido como "fruto de profundas iluminações, feita de esperança e de generosidade" por Rodrigo de Haro, que assina a contracapa e ilustrações do livro. Álvaro é pesquisador dos temas ecológicos e dos antigos impérios indígenas. Premiado pela Academia Catarinense de Letras, entra em 2015 para a Academia de Letras de Palhoça.

• 8 dez 2016.



LA RADICALIDAD DE LA IMAGEN DES-BORDANDO LATITUDES LATINOAMERICANAS SEBASTIAN WIEDEMANN E FLORENCIA INCARBONE (EDITORES)

Reunião de textos de autores latinoamericanos que pensam certos estados do cinema experimental a partir da ética e política da imagem. Sebastian é cineasta e pesquisa no âmbito da filosofia da imagem. Seus filmes documentais e experimentais são apresentados em galerias e mostras internacionais. O lançamento foi precedido por sessão de curtas selecionados por ele no Cineclube. • 14 dez 2016.

RUMOR

PEDRO FRANZ E GRUPO CENA 11 CIA. DE DANÇA

O Lançamento integra a programação do 10º Festival Internacional de Dança Contemporânea Multipla Dança. O livro consiste em um documento/ficção, que reúne texto, desenho e quadrinhos. Franz elaborou diferentes traduções para os relatos, registros e anotações feitas pelos bailarinos da companhia durante a etapa Solilóquio, do projeto Protocolo Elefante. • 24 mai 2017.



A NATUREZA MORTA | O TRAPÉZIO E A VERTIGEM LEOPOLDO COMITTI

Em meio a performances, pinturas ao vivo e exibição de imagens, o evento lança simultaneamente dois livros de autoria de Leopoldo Comitti, poeta, escritor e ensaísta: um romance policial e um ensaio sobre o filme Asas de desejo, de Wim Wenders, exibido na sessão do Cineclube no dia anterior. • 30 jun 2017.



NOTAS VISUAIS, SUSANO CORREIA

Compilação de desenhos, pinturas e textos, a obra é lançada por meio do financiamento coletivo após grande repercussão no Facebook e outras mídias digitais. *"São imagens que fazem uma triangulação entre o título e o espectador a fim de pegar atalhos não verbais para inserir a palavra no mais profundo do seu sentido. A ideia foi criar algo que não falasse sobre uma reflexão específica, mas que sugerisse um pensamento tão íntimo que não poderia ter sido escrita por outra pessoa, senão por quem a aprecia"*, afirma Suzano, que é formado em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina. • 27 jul 2017.



CEGUEIRA E RABECA: INSTRUMENTOS DE UMA POÉTICA

JORGE LINEMBURG

Pesquisa sobre o universo poético-musical dos cegos rabequeiros cantadores do Nordeste, que se expressam por uma poética particular, na qual a ausência de visão e seu instrumento musical se convertem em inspiração. Jorge Linemburg é músico, pesquisador, compositor, mestre em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina com desdobramento em Artes na Universidade Aix-Marseille, França. • 04 ago 2017.



EXISTE, LOGO ESCREVE: O INUMANO NA ARTELITERATURA

RAQUEL WANDELLI

A literatura, enquanto arte, abre divisas para novas experiências, lugares de fabulação e de projeção de mundo ex-possíveis. Raquel Wandelli é ensaísta, jornalista, professora e doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. • 21 set 2017.





**HUXTLAN: O LIVRO DA ÚLTIMA
GRANDE ESPERANÇA**
MHANOEL MENDES

No ano de 2077, o planeta vive um caos. A trama acontece entre uma organização sigilosa comandada por sir Huxtlan. Mhanoel Mendes é psicólogo, jornalista, peregrino e facilitador de palestras e seminários. • **17 out 2017.**



COMO FALAR ENTRE FRONTEIRAS
FRAN FAVERO COM TEXTO DE RAQUEL STOLF

Publicação de artista pelo selo Armazém, a obra se constitui em um souvenir postal de uma intervenção sonora que se infiltra, desafia e desvia as línguas e fronteiras entre Brasil, Paraguai e Argentina. • **31 out 17.**



**9º CONCURSO
LITERÁRIO CONTO E
POESIA**

Resultado do 9º Concurso Literário promovido pelo Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região (Sinergia) com o objetivo de estimular e promover a cultura. A publicação reúne 28 poemas e 15 contos. • **10 nov 2017.**



**EU CONTO!
TU POEMAS!**

O livro reúne textos de oito pessoas, em sua maioria residentes em Santa Catarina, tendo cada autor escrito, pelo menos, um conto e um poema. • **13 dez 2017.**

TEATRO PERFORMANCE MÚSICA DANÇA E ATIVIDADES ESPECIAIS

Os espaços da Fundação Cultural Badesc são muito singulares para apresentações. Desprovida de palco e plateia, a programação na Espaço Fernando Beck exige uma proximidade maior entre artista e público. O espetáculo se torna necessariamente mais intimista e aconchegante. É o artista em sua sala de estar. O público está em casa. Quando nos jardins ou na varanda, as apresentações ganham clima de festa e confraternização. Nestes ambientes ocorrem eventos relacionados à música, performance e dança, dentre outros.



COMEMORAÇÃO DIA DOS AÇORES

A Casa dos Açores de Santa Catarina, em parceria com a Fundação Cultural Badesc, promove a comemoração do Dia dos Açores, com divulgação das obras Saberes e Sabores dos Açores e Açores Quem Somos Porque Somos, ambos de Orísia Melo e Conceição Cabral. O grupo de divulgação de música açoriana e regional, Tocata da Casa, encerra a noite com apresentação de música e dança típica • 16 mai 2016.

FESTIVAL MÚLTIPLA DANÇA - 9ª EDIÇÃO

À mostra de curta-metragens de videodança, Festival Dança em Foco, e a apresentação do filme *Corpo Vodú* iniciaram o evento, que contou também com lançamentos de livros e uma homenagem à Ana Luíza Ciscato, pedagoga, arte-educadora e professora de dança formada pela Royal Academy of Dance de Londres, que trabalha com a inclusão social através da dança há mais de 15 anos. • 25 e 27 mai 2016

BLOOMSDAY 2016

No clássico *Ulisses*, de James Joyce, o protagonista Leopold Bloom anda pelas ruas de Dublin cruzando com diversos personagens ao longo de um dia, o 16 de junho de 1904. Aficionados pela obra ao redor do mundo passaram a comemorar todos os anos, nessa mesma data, um dia em homenagem ao escritor irlandês. O Bloomsday (dia de Bloom) 2016, em Florianópolis, reverbera na Fundação, com palestra, leituras cênicas, apresentação musical e performance ocupando todos os espaços da Casa. • 16 jun 2016.



FESTIVAL MÚLTIPLA DANÇA - 10ª EDIÇÃO

Variedade de falas e proposições permitem ver, experimentar, debater e se aproximar da dança. O evento contou com mostras de videodança no Cineclube, lançamento de livro, homenagem a Ida Mara Freire e a performance de Anderson do Carmo: *Ensaio sobre a retórica*. • 22, 23 e 24 mai 2017.

BARCO LIVRE TEATRO NA GALERIA

Adaptação livre do poema *Bateau Ivre*, do poeta francês Arthur Rimbaud para o Teatro. A apresentação acontece em meio à exibição de fotografias feitas por Jerusa Mary, com atuação e co-criação de Renata Mara de Almeida, direção de Fellipe Lee e direção de Som de Felipe Ferreira Ferro. • 30 set 2017.



LEITURA REBELDE

Realizada pelo Estúdio de Arte Rebelde, a ação consiste na leitura em voz alta de livros inteiros em grupo. As obras escolhidas apresentam potencial de transgressão literária, e o primeiro livro a ser lido foi *História de O*, de Anne Desclos • **03 out e 21 nov 2017.**

SEMANA DO SERVIDOR

Uma parceria com o INSS em comemoração ao dia do Servidor Público Federal oferece à comunidade workshop de fotografia, visita guiada e sessão especial de cinema. • **25 e 26 out 2017.**

MÚSICA NA INGLATERRA DE SHAKESPEARE

Ao som de réplicas de flautas construídas na Renascença, o Núcleo de Flautas Doce - Música Antiga e Contemporânea da UDESC apresenta músicas da Inglaterra de Shakespeare. O projeto é coordenado por Valeria Fuser Bittar e tem o objetivo de incentivar a sensibilização do público para a fruição estética gerada pela escuta da música histórica, realizada por meio de instrumentos réplicas de originais. • **19 out 2017.**



RECITAL EM HOMENAGEM A PAULO GAIAD

Paulo Gaiad, nascido em Piracicaba/SP, figura entre os maiores artistas catarinenses. Em 2015 foi o convidado especial da Fundação para ocupar, pela primeira vez, todos os espaços da Casa. A maior e mais importante exposição de sua vida se encerrou em fevereiro de 2016, poucos meses antes de seu inesperado falecimento ocorrido em outubro daquele ano. Amigos e admiradores de seu trabalho, entre eles os gestores do Museu Victor Meirelles, Museu da Escola Catarinense e Fundação Cultural Badesc organizaram um ciclo de homenagens intitulado Notícias de Paulo, com diversos eventos programados pela Cidade, como palestras, rodas de conversa, breves exposições e este Recital, programado pela Fundação para o mês de aniversário do artista. Ao piano, Pedro Green tocou músicas admiradas pelo artista, Juliana Crispe encaminhou um vídeoarte, foram exibidos trechos do documentário com a última entrevista de Paulo, realizado por Eneléo Alcides durante a exposição Impossibilias, Franzoi apresentou a obra inédita Paulo Gaiad em nós em nós, da série *vestimentas em nós*, recém concluída, resultado de processo artístico entre os dois artistas. Mais de 20 amigos prestaram sua homenagem na forma de poesia e depoimentos. Entre eles, Ylmar Corrêa Neto, Rosângela Miranda Cherem, Néri Pedroso, Lourdes Rossetto, Helena Fretta, Rubens Oestroem, Yara Guasque, Luciane Garcez, Sandra Makowiecky, Carolina Ramos, Franzoi, Eneléo Alcides, Isabel Canan, Telma Piassentini e a esposa de Paulo, Laura Gaiad. • 21 fev 2017.



SEMANA MUNICIPAL DO LIVRO INFANTIL

Integrando a Semana Municipal do Livro Infantil, promovida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, a Fundação realizou uma mediação da exposição Iconografia 344 a partir do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll e exibiu o filme *Alice*, de Jan Svankmajer • 12 abr 2017.

OFICINA CRÍTICA DE CARNAVAL

O grupo Oficina Crítica de Carnaval apresenta o resultado do diagnóstico do carnaval de 2017 e lança o Prêmio Máscara de Bamba, que reconhece os destaques realizados por profissionais da área. Formado com o objetivo de contribuir com a organização e programação do carnaval local, os trabalhos são conduzidos por Marcelo Machado, Fernando Albalustro, Adriana Rosa e Marcos Carioni, com a colaboração de Carmem Fossari, Cristiana Tramonte, Graça Carneiro, Jorge Lautert e Sandra Makowiecky. "O posicionamento crítico do grupo é impulsionado pelos rumos que a organização do carnaval de Florianópolis tem tomado nos últimos anos, principalmente em relação às manifestações espontâneas e tradicionais, que não estão sendo valorizadas em detrimento da falta de curadoria das programações carnavalescas", esclarece Fernando Albalustro, que lembra que o carnaval da capital já foi considerado um dos melhores do País. Por sua atuação, o grupo foi premiado com o Troféu Nega Tide concebido pela Câmara Municipal dos Vereadores. • 13 mai 2017.





RESIDÊNCIA ARTÍSTICA, CONVERSA COM O PÚBLICO E MOSTRA DO RESULTADO DOS TRABALHOS

PAULINE ZENK

Pauline Zenk foi a primeira convidada para realizar uma residência artística no espaço múltiplo do Café da Fundação. A artista alemã radicada na França realizou uma imersão em Florianópolis para produzir as obras de sua exposição *Gravitation*, agendada para o mês seguinte (01/07 a 08/10/2017) no Musée Régional d'Art Contemporain, instalado em Sérignan, na Região de Occitania, Pirenéus Mediterrâneo. Seu desejo de voltar a Florianópolis para produzir obras para uma exposição na França se deve ao fato de que a mostra, que aborda migração espanhola para o sul-oeste da França na primeira metade do século XX, é um desdobramento da exposição *Memória Migratória*, realizada pela artista na Fundação em 2015, a qual abordava a migração europeia para o Brasil. Pauline usa meios tradicionais da pintura e aquarela a partir de pesquisa em fotografias antigas e imagens de arquivos. Segundo o texto do museu francês que exibiu *Gravidade*, o título é tomado em seu sentido duplo "uma situação humana complexa que empurra as pessoas a fugir dos seus países de origem, mas também a de gravidade da Terra, que ao mesmo tempo nos mantém no chão, para a terra, e ao mesmo tempo produz o movimento, o fluxo e refluxo, o das marés como o dos homens". Durante a residência a artista conversou com o público e exibiu no último dia o resultado dos seus trabalhos • 12 jun 2017.

CINECLUBE

SESSÕES ESPECIAIS ESTREIAS
MOSTRAS CICLOS FESTIVAIS

Cineclube é um espaço de encontro entre obras cinematográficas e um público interessado não apenas em descobrir o mundo do cinema, mas também em redescobrir o seu próprio mundo a partir dos filmes e daquilo que as imagens instigam. Na Fundação Cultural Badesc esses encontros são promovidos há mais de 10 anos e mobilizam cinéfilos, críticos produtores e outros profissionais da área audiovisual e também profissionais de inúmeras outras áreas como pesquisadores em estudos sobre africanidades, política, psicanálise, cultura francesa, alemã e inglesa, gênero, educação e público em geral. No último biênio, a Fundação têm contado com 12 parceiros com participações mensais ou bimestrais que escolhem esse espaço para pensar filmes e propor diálogos com o público.

Mais de 20 mostras abordaram temáticas diversas como preservação ambiental (Festival Planeta.doc), estilos ou gêneros cinematográficos (Mostra Western Psicológico, Mostra Ficção Científica), obras de diretores (Mostra John Waters, Mostra Orson Welles, Mostra Sérgio Ricardo), filmes de países ou regiões (Mostra de Cinema Atual Espanhol, Mostra do Cinema Europeu, Cinema Brasileiro Antes e Depois), entre outros. O Cineclube também recebe estreias de produções locais, como o curta-metragem *A arte que me habita*, de Mara Salla e *Ilhados* de Michele de Mello, além de curtas e longas-metragens em circuito alternativo em âmbito nacional.

A Fundação preza pela diversidade na programação, apresentando desde os clássicos até uma cinematografia contemporânea nacional e internacional. Com o horizonte do compromisso ético, o Cineclube atua na construção de um repertório que contempla múltiplas etnias, linguagens, paisagens e culturas. Essa multiplicidade de olhares sobre a sociedade instiga a reflexão sobre outras formas de encarar os problemas da atualidade.

O tema da construção da imagem está sempre presente nas sessões por meio de uma oferta de importantes títulos da história do cinema mundial, de discussões acerca da narrativa, da linguagem e das referências e influências de grandes diretores e diretoras. Nesse sentido, o Cineclube também dispõe de um caráter formativo, constituindo-se um importante espaço para a educação audiovisual.

O Cineclube é um espaço permanente e democrático de acesso e difusão de cultura e conhecimento, e por essa contribuição, a Fundação foi homenageada pela Cinemateca Catarinense em 2017. A regularidade das atividades, a localização central e a entrada gratuita estimulam a participação do público, que é heterogêneo. A conversa após muitas das exhibições ativam vivências pessoais que se mesclam com as jornadas dos personagens, criando uma experiência singular de cinema.

KARINE JOULIE

PRODUTORA CULTURAL





MOSTRA CINE ALEMÃO ANOS 2000

Em parceria com o Instituto Goethe, a Mostra traz uma variedade de temas e formatos, evidenciando a pluralidade da produção contemporânea deste país • **04, 11, 18 e 25 jan 2016.**

MOSTRA JOHN WATERS

Filmes das décadas de 70, 80, 90 e 2000 compõe a Mostra em comemoração aos 70 anos do cineasta estadunidense conhecido pelo estilo *trash*, que transitou tanto no cenário marginal quanto por *Hollywood* • **05, 12, 19 e 26 jan 2016.**

MOSTRA ORSON WELLES

Em parceria com o SESC/SC, a Mostra apresenta quatro filmes do diretor, conhecido por seu trabalho inovador em *Cidadão Kane* (1941). Além de assinar a direção de 13 filmes, Welles também atuou no teatro, rádio e televisão • **08, 15, 22 e 29 jan 2016.**

AMISTOSO SHORTCUP [FILM FESTIVAL]

A sessão reúne os melhores filmes eleitos pelo público no Festival Internacional Shortcup de Curtas-Metragens em 2015 • **28 jan, 08 nov 2016.**

DOCUMENTÁRIO GUERRA.DOC

Lançamento do DVD GUERRA.DOC, filme da jornalista Vanessa Pedro, que reúne entrevistas com correspondentes de guerra, promovendo a reflexão sobre a cobertura jornalística de conflitos e a influência da experiência de guerra sobre os jornalistas • **21 jan 2016.**

MOSTRA FICÇÃO CIENTÍFICA

O gênero ficção científica sob olhares múltiplos com filmes dos Estados Unidos, México, Alemanha e Reino Unido em diferentes períodos históricos • **01, 15, 22 e 29 fev 2016.**

MOSTRA LEOS CARAX E DENIS LAVANT

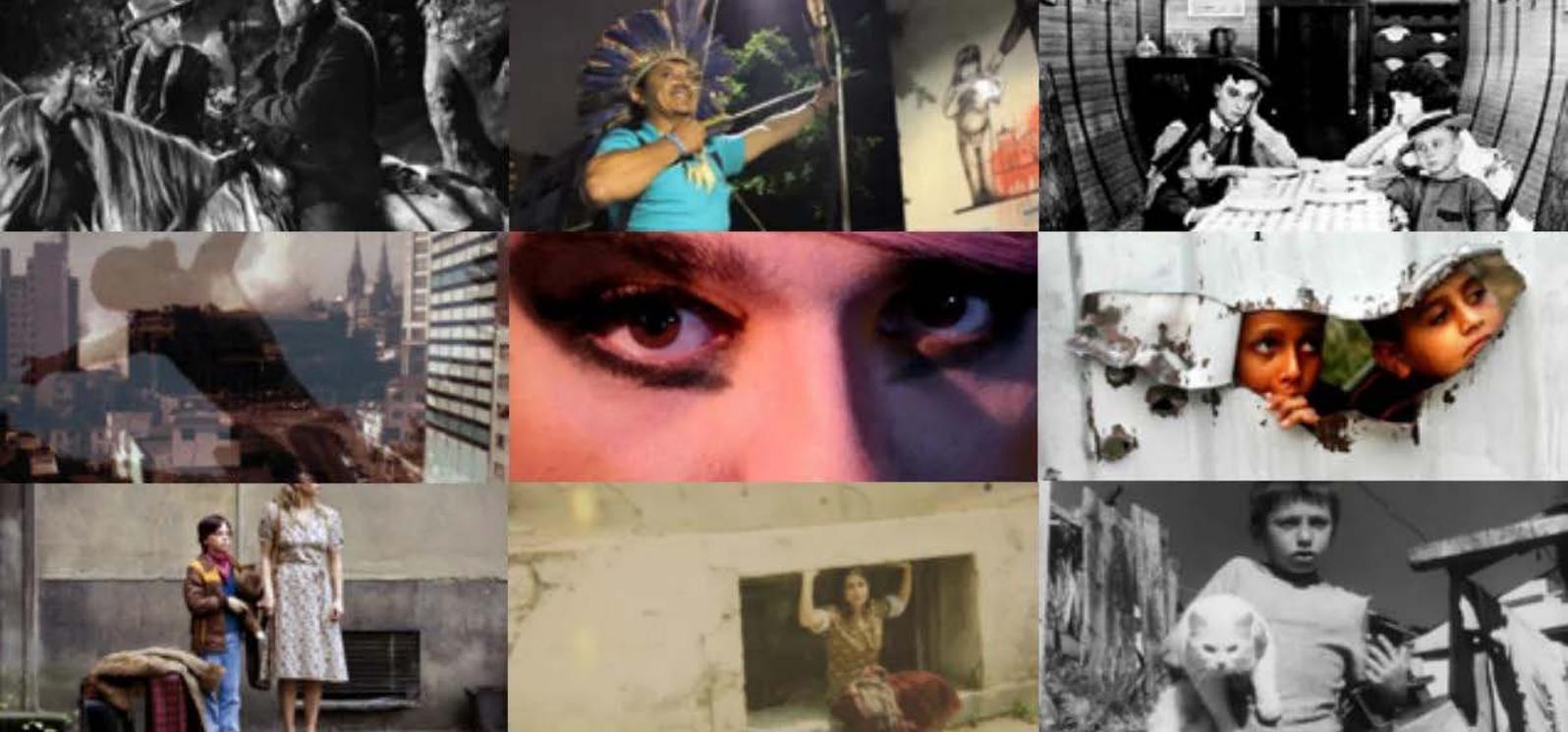
Com o apoio do Institut Français Cinéma e do SESC/SC, a Mostra traz quatro filmes nos quais o ator Denis Lavant atua em produções do diretor francês Leos Carax • **04, 11, 18 e 25 fev 2016.**

ESTREIA GOIO-EN TRANSBORDOU

Primeira exibição em Florianópolis do documentário de Cassemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt que conta a história de moradores e ex-moradores do Porto Goio-En, no oeste catarinense, antes e depois da construção da barragem da Usina Foz do Chapecó. • **08 mar 2016.**

SESSÃO AO VÍTOR, PELO FIM DO GENOCÍDIO

A sessão formada por duas produções catarinenses e uma paulista é uma proposta do Grupo Imagens Políticas (UDESC) para homenagear o indígena Vitor, de dois anos, que foi assassinado em dezembro de 2015, em Ibituba/SC. • **10 mar 2016.**



CICLO CINEMA BRASILEIRO AGORA

Filmes de Rodrigo Siqueira, Marco Dutra, Carlos Nader e Andrea Tonacci apresentam um breve panorama da produção autoral de cinema contemporâneo no Brasil. • 25 a 29 abr 2016.

CICLO A QUESTÃO PALESTINA EM 5 FILMES

Projeções, palestras, debates e lançamento de livros sobre o tema da Palestina organizado pelo Grupo Art 7. • 04, 11, 17, 18 e 24 mai 2016.

MOSTRA FOR RAINBOW

O grupo Acontece - Arte e Política LGBT apresenta a mostra itinerante For Rainbow, promovendo o debate e a difusão do respeito à pluralidade sexual e de gênero no Brasil. • 07 mai 2016.

MOSTRA DANÇA CIGANA

Um pouco da cultura cigana por meio de sua musicalidade e dança, desmistificando, assim, alguns estigmas que ainda permeiam as noções de senso comum sobre esta etnia e cultura. • 23 mai 2016.

FESTIVAL MÚLTIPLA DANÇA

O cinema também é parte da programação do Festival, que exhibe curtas-metragens de videodança, do Festival Dança em Foco e o documentário *Corpo Vodú* (Will Martins, 2015), que explora o processo criativo dos membros do grupo de dança contemporânea Cena 11. • 25 mai 2016.

FESTIVAL DE CINEMA EUROPEU

O Festival é promovido pela Associação dos Institutos Culturais, Embaixadas e Consulados de países membros da União Europeia (EUNIC) e acontece anualmente em 13 cidades brasileiras. São exibidos 12 filmes que apresentam um panorama da produção contemporânea europeia. • 27 mai a 03 jun 2016.

SESSÃO CURTAS BRASILEIROS

Seleção de quatro curtas-metragens que foram referências importantes para o Cinema Novo, como os documentários *Arraial do Cabo* (Paulo César Saraceni, 1960) e *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1960). • 01 jul 2016.

MOSTRA FESTIVAL DE CANNES

Quatro filmes premiados em diversas edições do Festival de Cannes, referenciado pela qualidade dos filmes exibidos e pela curadoria atenta a novos olhares e talentos. • 07, 14, 21 e 28 jun 2016.

MOSTRA PRIMEIROS FILMES

A Mostra reúne o primeiro trabalho da carreira de cinco diretores responsáveis por clássicos do cinema: Woody Allen, Werner Herzog, Jerry Lewis, Paulo César Saraceni e Martin Scorsese. • 25 a 29 jul 2016.

SESSÃO CURTAS UNIVERSITÁRIOS

A Sessão tem como objetivo abrir espaço para a divulgação dos trabalhos de estudantes universitários de Florianópolis. • 22 jul 2016.

MOSTRA CONEXÃO KIAROSTAMI-CIMINO

Em parceria com o grupo ART 7, a Mostra propõe uma aproximação entre as cinematografias de Michael Cimino e Abbas Kiarostami, ambos falecidos em julho de 2016. Mesmo imersos em culturas radicalmente diferentes, são muitos os pontos de contato entre suas obras, como o interesse por personagens errantes em sua relação com a paisagem e o mundo. • **03, 10, 17, 24 e 31 ago 2016.**

MOSTRA VIDA NO RINGUE FILMES DE BOXE

Os esportes são objeto de interesse de cineastas e fotógrafos, especialmente as lutas. Para além do aspecto visual, é o aspecto humano na vida nos ringues de boxe que move os quatro filmes selecionados para a Mostra. • **08, 15, 22 e 29 ago 2016.**

MOSTRA O CINEMA DA MEDIDA FILMES DE KUNG FU

A mostra traz quatro filmes de momentos distintos na história do cinema de ação de Hong Kong, a terceira maior indústria de cinema no mundo - atrás apenas de Bollywood e Hollywood. • **11, 18 e 25 ago e 01 set 2016.**

SESSÃO ZARATUSTRA AINDA FALA

Primeiro longa-metragem gravado dentro do sistema prisional catarinense, após meses de oficinas de cinema que integraram detentos, profissionais do cinema e da segurança pública. O diretor, Luiz F. F. Machado, atua na Cufa Laguna (Central Única das Favelas) e na Cia. Boanova de Cinema Regional. • **23 ago 2016.**

SESSÃO FELIZCIDADE

Projeção de vídeos ao ar livre nos Jardins da Fundação, parte de uma série de ações promovidas pela Associação Brasileira de Escritórios de Arquitetura (ASBEA/SC). • **17 ago 2016.**

MOSTRA CINEMA ATUAL ESPANHOL

Parceria da Embaixada da Espanha, da Sociedade Cultural Brasil-Espanha e do Instituto Cervantes, o Festival seleciona filmes para mostrar a diversidade e a riqueza da produção espanhola. • **08, 09, 12, 13 e 14 set 2016.**

ESTREIA A LOUCURA ENTRE NÓS

A Sessão Psicanálise vai ao Cinema, ação da Escola Brasileira de Psicanálise, promove a estreia do documentário *A loucura entre nós* de Fernanda Vareille. O filme busca histórias em um hospital psiquiátrico para discutir as fronteiras do que é considerado loucura. • **16 set 2016.**



CICLO HOMENAGEM A DARCI COSTA

Exibição de filmes prediletos e um documentário sobre Darcy Costa, fundador do grupo ART 7 em Florianópolis, em homenagem ao mês de seu aniversário. • **05, 19, 21 e 28 set 2016.**

MOSTRA QUANTO DURA O TEMPO CINEMA ASIÁTICO RECENTE

A Mostra reúne seis filmes da vanguarda recente do cinema do leste asiático, com elementos inovadores e instigantes para o olhar ocidental. • **26 set e 03, 10, 17, 24 e 31 out 2016.**

FESTIVAL SHAKESPEARE 400 ANOS

Em homenagem ao aniversário de falecimento do dramaturgo inglês, são exibidas quatro adaptações de suas comédias por meio de uma parceria dos grupos ART 7 e Cinema, Chá e Cultura. • **05, 11, 14, 18 e 21 out 2016.**

FESTIVAL DO CINEMA DE ANIMAÇÃO

Uma seleção de curtas e longas do gênero em comemoração ao Dia Internacional da Animação. A realização é uma parceria com a Aliança Francesa e a Embaixada da França. • **25, 26 e 28 out 2016.**

MOSTRA SONORA CICLO INTERNACIONAL DE COMpositoras

Documentários sobre artistas mulheres e videoclipes, seguido de bate papo, intervenções sonoras e apresentação do coletivo de percussão Cores de Aidê, nos Jardins da Fundação. • **22 out 2016.**

FESTIVAL PLANETA.DOC

O maior festival de cinema socioambiental do sul do país tem como objetivo despertar a reflexão sobre a construção de sociedades mais sustentáveis e inclusivas. Nesta primeira edição recebida pelo Cineclubes são exibidos seis longas-metragens. • **09 a 11 de nov 2016.**

MOSTRA CINE [DELAS]

A Mostra aborda o olhar feminino no fazer cinematográfico. A curadoria de Maria Carmencita Job, pesquisadora e produtora nas áreas de cultura e gênero, traz uma variedade de filmes que expressam a ousadia das diretoras sob diversas abordagens. • **22 a 25 nov 2016.**

SESSÃO XOKE - ARTE DA GUERRA

Seleção de videoperformances realizadas em diferentes estados brasileiros, parte da programação da Mostra Independente de Arte de Guerra, que envolve mais de 100 artistas e contempla ações por toda a cidade em parceria com espaços culturais durante cinco dias. • **08 dez 2016.**

CICLO PAULO EMÍLIO: 1916 - 2016

Dois dias de mesas de debate e exibições de filmes com a presença de críticos e professores de cinema em homenagem à atuação essencial do historiador e pesquisador Paulo Emílio Sales Gomes no debate sobre o cinema brasileiro. • **15 e 16 dez 2016.**

SESSÃO DESDOBRANDO LATITUDES LATINOAMERICANAS

Quatro curtas-metragens de diferentes países comentados pelo cineasta experimental Sebastian Wiedemann, e pelo duo de videoartistas Strangoscope (Cláudia Cárdenas e Rafael Scilichting). • **14 dez 2016.**

SESSÃO HOMENAGEM A RAOUL COUTARD

Homenagem ao diretor de fotografia da Nouvelle Vague, Raoul Coutard, falecido em novembro de 2016. Além da exibição de *O nascimento do amor* (Phillipe Garrel, 1993), a professora e pesquisadora Andréa Scansani falou sobre a contribuição de Coutard para a história do cinema. • **20 dez 2016.**

MOSTRA ESPECIAL BOB DYLAN, POETA LAUREADO

Homenagem ao músico Bob Dylan, laureado com o Nobel de Literatura de 2016 com a exibição do documentário *A caminho do Leste* (D. A. Pennebaker, 1967). O filme acompanha sua turnê na Inglaterra em 1965. • **22 dez 2016.**

ESTREIA CAVALO DINHEIRO | FOCO EM CINEMA

A sessão Foco em Cinema promove a estreia inédita em Florianópolis do filme de Pedro Costa, diretor português independente, conhecido pelo uso da técnica do Cinema Direto. *Cavalo Dinheiro* retoma elementos presentes em sua filmografia anterior: o bairro de Fontainhas e o imigrante Ventura. • **23 dez 2016.**

MOSTRA VIDA DE ARTISTA

Cinco filmes sobre a vida e obra de artistas que propõem reflexão sobre o impacto da arte na vida de quem a produz. • **09, 16, 23, 30 jan a 06 fev 2017.**

ESTREIA INVÓLUCRO

O filme de Caroline Oliveira tem como mote sua primeira gravidez com suas mudanças corporais e sociais. O filme apresenta outras personagens: duas mulheres maduras que decidiram não ter filhos e uma transexual, abordando inquietações pessoais que ressoam em reflexões comuns ao gênero feminino. • **13 jan 2017.**



ESTREIA TIME WILL BURN

O documentário de Marko Panayotis e Otávio Sousa registra a cena musical entre o final da década de 1980 e a de 1990, entre o boom do Br-Rock e o sucesso de Raimundos e outras bandas. Nesse período, um grupo de bandas que cantava em inglês, trouxe um estilo novo, criando seu próprio cenário independente. • **20 jan 2017.**

SESSÃO CATARINA O MUNDO DA NÓIA E REDUÇÃO É A CHIBATA

Dois filmes da Cia Boanova tratam de questões profundas e urgentes sobre as minorias brasileiras: *O mundo da nóia* aborda o vício em crack com depoimentos de profissionais, familiares e viciados; *Redução é a chibata* reflete sobre a redução da maioridade penal como prática que insere no sujeito uma problemática de ordem social. • **31 jan 2017.**

MOSTRA CINEMA BRASILEIRO ANTES E DEPOIS

Retomando o projeto da mostra Cinema Brasileiro Agora, realizada em 2016 no Cineclub, o evento tem por objetivo dar visibilidade às realizações brasileiras, oportunizando ao público conhecê-las e discuti-las. Nesta edição, as produções recentes estão em paralelo com títulos mais antigos, formando um panorama mais amplo. • **9, 10, 16, 17, 23 e 24 fev 2017.**

SESSÃO CATARINA ESTREIA ILHADOS

O documentário de Michele de Mello trata das relações políticas entre Cuba e EUA abordando três momentos históricos: 1962, quando foi decretado o bloqueio econômico; 1993, ano da despenalização do uso do dólar para cidadãos cubanos; e 17 de dezembro de 2014, data do restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. • **14 fev 2017.**

MOSTRA MESTRES JAPONESES

Últimos filmes de três mestres: Mikio Naruse, Yasujiro Ozu e Kenji Mizoguchi. Etapa em que a arte atinge um nível de inteligência cênica, depuração estética e serenidade no olhar, poucas vezes igualada. • **3, 6 e 7 mar 2017.**

SESSÃO CATARINA CAIM E ABEL

Dirigido por Guilherme Pozzibon, do Curso de Cinema da UFSC, o longa-metragem inspirado na passagem do livro bíblico de Gênesis, cria um recorte exegético da relação entre Caim e Abel para além da interpretação tradicional. • **16 mar 2017.**

ESTREIA **ATINGIDOS SOMOS NÓS**

O documentário, fruto da tese de doutorado da psicóloga Carmem Giongo, aborda os impactos socioambientais produzidos pela construção da Hidrelétrica de Itá, entre Rio de Grande do Sul e Santa Catarina por meio das narrativas dos agricultores que permaneceram no entorno após a construção da obra. • **27 mar 2017.**

ESTREIA **A PEGADA**

O filme que une música, ação e drama, busca atrair o público jovem para debater a participação de jovens e mulheres em ações efetivas de mudança. Realizado pelo Coletivo Filmes, o curta partiu da música da artista Mc Gra e está integrado a projetos sociais nas comunidades de S. José do Rio Preto (SP). • **03 abr 2017.**

SESSÃO **AS DIRETORAS APRESENTAM**
“MÃES” E “SUPER”

Uma sessão com pilotos de duas webséries produzidas por alunas do Curso de Cinema da UFSC: *Super*, de Lara Koer, sobre garotas que descobrem que têm superpoderes; e *Mães*, de Daniela Geisler e Tamar Georg, que mostra o lado não discutido sobre a maternidade. • **20 abr 2017.**

ESTREIA
O CASAMENTO DE CLARICE E BATAILLE

Transitando nos contextos de vídeoarte, cinema e literatura, o filme de Aline Dias e Julia Amaral parte do desejo de aproximação conceitual entre Clarice Lispector e Georges Bataille. Sem encontros, o filme complexifica o termo que o intitula: o casamento, que aqui excede o contrato social, amoroso ou físico. • **24 abr 2017.**

CINEMA AO VIVO **SERGEI EISENSTEIN**

Nessa exibição, o mestrando em Literatura Rafael Coelho discute Eisenstein de um lugar diferente. O filme *O velho e o novo* foi apresentado com trilha sonora executada ao vivo pelo professor do Curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina Luiz Felipe Soares. • **27 abr 2017.**

ESTREIA
GUERRILHA - A TRAJETÓRIA DA DORSAL ATLÂNTICA

O filme de Frederico Neto e Alexander Aguiar apresenta a história do Heavy Metal brasileiro e de um de seus fundadores: a banda carioca Dorsal Atlântica com mais de 30 anos de carreira. • **04 mai 2017.**

ESTREIA **MIRAR**

O filme do diretor boliviano Alejandro Medina, é uma representação delicada da sua infância no final dos anos 1980. • **04 e 25 mai 2017.**





CICLO DOIS DIAS DE PSICOSE

O professor Mauro Pommer aborda *Psicose*, de Alfred Hitchcock e a refilmagem, plano por plano, feita por Gus Van Sant, como fundamento para uma aula comparativa entre filmes aparentemente iguais, mas que carregam a marca dos seus realizadores. • 26 e 27 mai 2017.

FESTIVAL DE CINEMA EUROPEU

Nesta edição, o Festival promovido por instituições ligadas à União Europeia (EUNIC), tem como tema "Mulheres em Cena" e entre os 14 títulos selecionados, traz filmes dirigidos ou protagonizados por mulheres. • 29 mai a 03 jun 2017.

SESSÃO ESPECIAL A ARTE QUE ME HABITA

Estreia do documentário *A arte que me habita*, produzido por Mara Salla durante a exposição de Albertina Prates no Museu de Arte de Santa Catarina. • 30 jun 2017.

ESTREIA DANADO DE BOM

O vencedor da 20ª edição do festival de Cinema de Pernambuco - Cine PE, relembra a vida e a obra de João Silva, um dos maiores letristas brasileiros e grande parceiro de Luiz Gonzaga. Com depoimentos e materiais de arquivo, o filme refaz a trajetória do compositor pelo sertão desde sua cidade natal. • 04 jul 2017.

MOSTRA TERRORE ALL'ITALIANA

Seleção de quatro filmes que marcaram o cinema de horror entre as décadas de 1950 e 1980, como "Prelúdio para matar" de Dario Argento, grande influência para o gênero. • 17, 18, 20 e 27 jul 2017.

CICLO CONEXÕES CINEMATOGRAFICAS

Um exercício de aproximação entre o trabalho de Alfred Hitchcock e Brian de Palma, diretores cujas cinematografias dialogam entre si. • 10 e 11 jul 2017.

MOSTRA RETRATO DO CINEASTA ENQUANTO JOVEM

Seleção de três filmes do início da carreira do diretor, roteirista e ator italiano, Nanni Moretti, apresentando seu personagem mais conhecido, Michele Apicella. • 15, 22 e 29 ago 2017.



SESSÃO ESPECIAL ECONOMIA DO CINEMA

Um debate com Felipe Martinéz, mestrando em Economia, sobre as formas de produção de filmes no Brasil atualmente e no passado, a partir de uma experiência singular: o filme *A noite do espantalho*, musical de Sérgio Ricardo. • **17 ago 2017.**

MOSTRA JOÃO CÉSAR MONTEIRO

Quatro filmes do final da década de 1980 e início da década de 1990 traçam o percurso do diretor português João César Monteiro, que transita entre influências da vanguarda europeia e o aprofundamento nas tradições portuguesas. • **04, 11, 18 e 25 set 2017.**

SESSÃO ESPECIAL MARTÍRIO

O documentário de Vincent Carelli cobre a história da retomada dos territórios Guarani Kaiowá e os conflitos com as forças de repressão dos latifundiários. • **12 set 2017.**

FESTIVAL PLANETA.DOC

Nesta edição, o Festival apresenta filmes do Ecozine Film Festival (Espanha) e também documentários que tematizam as consequências do progresso no meio ambiente no Brasil. • **17 a 20 out 2017.**

MOSTRA CINEMA ATUAL ESPANHOL

Nesta edição, a mostra organizada pela Embaixada da Espanha no Brasil e Instituto Cervantes, exhibe cinco filmes que tratam da diversidade cultural na Espanha e suas comunidades autônomas. • **08 a 11 nov 2017.**

CICLO CIÊNCIA E FICÇÃO

O professor de cinema Mauro Pommer exhibe dois filmes sobre cientistas "loucos" para promover uma discussão acerca do universo da ficção científica. • **13 e 14 nov 2017.**

ESTREIA A PROCURA DE SI

A videoperformance da artista Silvana Leal traz à tona temas como devaneio, memória, infância e imaginação sustentada pelo texto *Poéticas do Devaneio*, de Bachelard. • **23 nov 2017.**

ESTREIA SOB O SIGNO DO ESCORPIÃO

Curta-metragem realizado por estudantes do Curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina e financiado através de crowdfunding. • **03 out 2017.**

MOSTRA ALIANÇA FRANCESA DE CINEMA

A partir dos temas *Diálogos entre França e África* e *Jovens Diretoras*, uma variedade de filmes com produção francesa promovem a cultura francófona em Florianópolis. • **23, 24, 27, 30 e 31 de out 17.**

MOSTRA SÉRGIO RICARDO

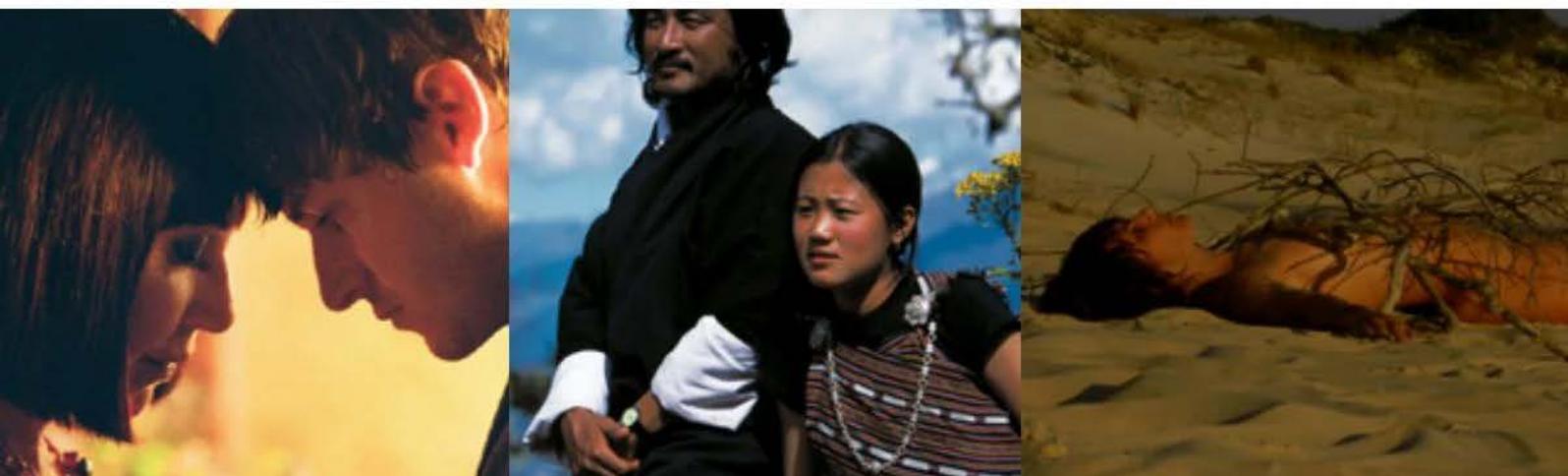
Juliana do amor perdido (1969) e *Esse mundo é meu* (1964) integram a mostra organizada pelo professor Dr. Rafael Hagemeyer (PPGHIST/UDESC) em homenagem ao cineasta brasileiro Sérgio Ricardo, conhecido por sua atuação na música nos anos 50 e 60. • **04 e 05 dez 2017.**

MOSTRA CINE DARMA

Quatro filmes abordam os ensinamentos de Buda (Darma) e a influência que exerce sobre o ocidente. • **11 e 12 dez 2017.**

SESSÃO ESPECIAL NUNCA ME SONHARAM

Durante 2016 e 2017 jovens do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) participaram de ações educativas na Fundação que contribuíram para a formação cultural daqueles que se preparam para a entrada no mercado de trabalho. Para celebrar esta parceria, o Cineclube exhibe o documentário brasileiro *Nunca me sonharam* (Cacau Rhoden, 2017). • **14 dez 2017.**



ENTREMOSTRAS

As feiras denominadas de Entremostras são realizadas em sábados situados entre a montagem e desmontagem de exposições que acontecem no Espaço Fernando Beck. Reúnem artistas visuais, músicos, escritores, designers e cineastas em interação com o público. Nestas datas, pelo menos 30 artistas organizam a partir das 8h a exposição de suas obras, criando na Casa um espaço que lembra um híbrido de gabinete de curiosidades com salão de artes. A partir das 11h, o público é recepcionado com apresentações musicais na varanda, estendendo-se até o final do dia. Durante o evento, os artistas, além de comercializarem obras, compartilham suas experiências e conversam sobre seus processos poéticos entre si e com o público. Ao final, todos os participantes se encontram no jardim para realizar a foto icônica da edição: um retrato da diversidade e da singularidade que representa este evento para a Casa.

8ª ENTREMOSTRAS 04 DE JUNHO DE 2016

Catarina Lisboa do Carmo • Vanessa Alves • Diego de los Campos • Duda Desrosiers • Daniella Macedo Sgrott • Maiko Coelho • Pedro Aguiar e Vitor Shimomura - Eu também sou filho da terra • Gabriela Elias Siqueira • Andressa Muniz • Juliana Crispe e Marina Moros - Armazém • Bruno Felipe • Dolores Donovan • Editora Caseira - Gustavo Reginato • Fran Favero • Observatório Móvel • Mônica Juergens • Eduardo Cazon • Antonio Dante Acosta • Joana Amarante • Marcos Bernardes • Hélio Cabral Filho • Daniela Lopes • Marcos Baltar e Alegre Corrêa do Estúdio 55 • André Berté • Ronnie Blues • Seu Baldecir





9ª ENTREMOSTRAS

26 DE NOVEMBRO DE 2016

Estúdio 6 - Coletivo de Arte • Luiza Christ • Andressa Muniz • Anna Ferraresi Braunsperger • Luciana Bicalho • Maiko Coelho • Lu Olívia • Rafael Campagnaro • Adriana Santos • Miguel Etges • Kelly Kreis Taglieber • Eduardo Cazon • Editora Caseira • Sebastião Gaudêncio Branco • Bárbarhá Milano's • Anna O'Sfair • Lucas Sielski Kinceler • Antonio Dante Acosta • Coletivo Frágil • Catarina Lisboa do Carmo • Javier Augs • Eduardo Gonçalves Dias • Anna Moraes • Marcos Bernardes • Fêre Rocha • Carmen Lúcia Gerlach • Banda Calafate • A Corda em Si

10ª ENTREMOSTRAS

15 DE JULHO DE 2017

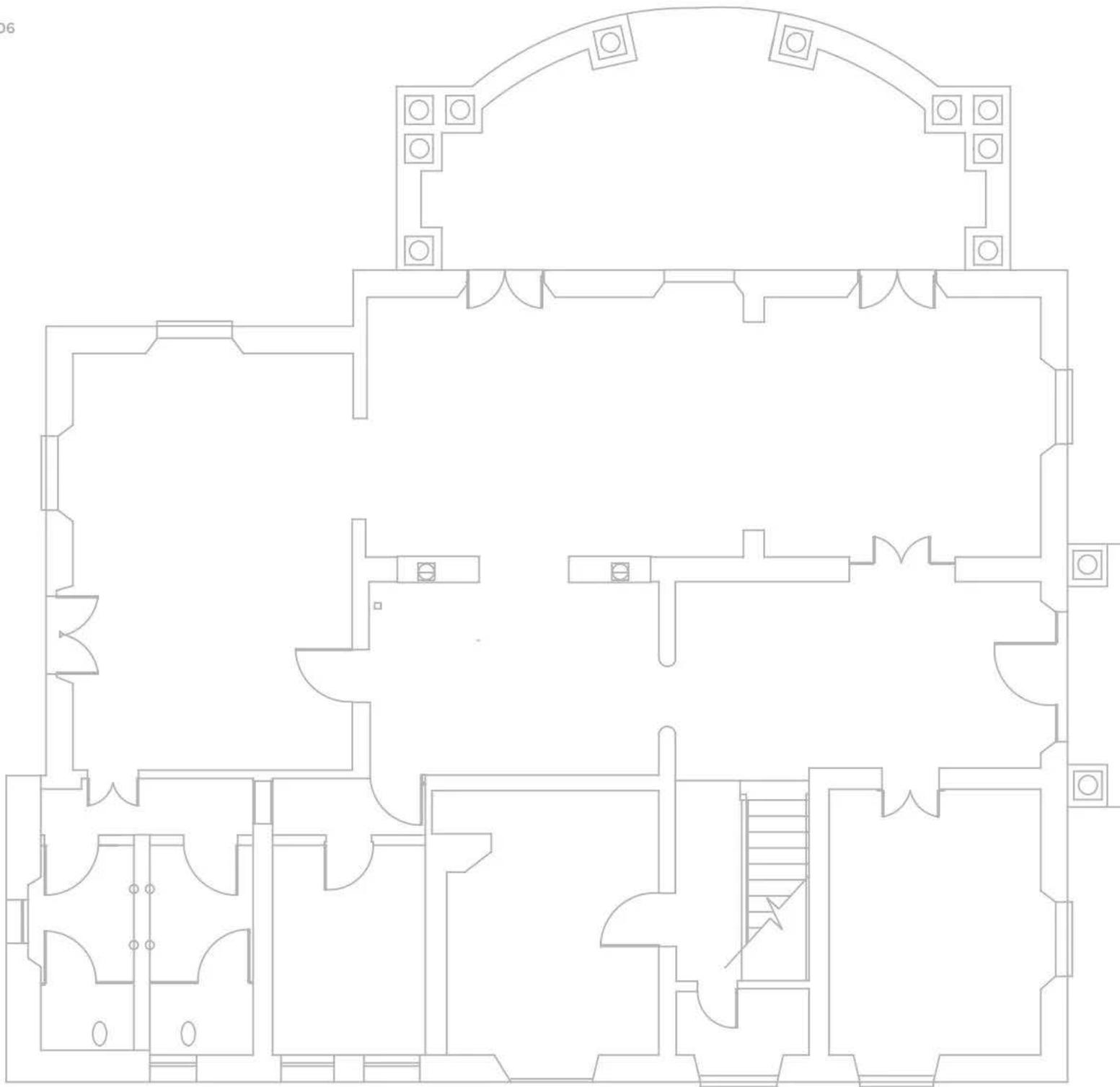
Armazém • Editora Caseira • Anna Moraes • Diego de los Campos • Louise Freire Tenuta • Leandro Serpa • Yandara de Moura • Paulo Jeca • Camila Vieira e Giovanni Girardi - Hoopestudio • Rafael Campagnaro • Katiusca Alves Demetino Salgado • Jose Carlos Chamusca • José Maria Dias da Cruz • Kelly Kreis Taglieber • Ateliê Alumiar • Marília Moser - Halma • Edmar Borges • Milton Cazelatto • Susano Correia • Marcos Bernardes • Bianca Furtado • Maria Reschke • Otávio Nogueira • Amevoce



11ª ENTREMOSTRAS

25 DE NOVEMBRO DE 2017

Amevoce • Arthur Cunha • Bernardo Mortari Nunes da Rocha • Camila Vieira e Giovanni Girardi - Needlejuice • Crione • Diego de los Campos • Douglas Leoni • Ederson Simas • Editora Caseira • Eduardo Andrade • Eduardo Cazon • Fábio Salun • Marília Moser - Halma • Jhasuá Rodrigues de Saboi • Karin Maria Silveira • Kelly Kreis Taglieber • Leandro Serpa • Leonardo Martins Bandeira • Lucas Foletto • Maiko Coelho • Milton Cazelatto • Selo Patifaria • Susano Correia • José Maria Dias da Cruz • Karine Padilha • Thiago Buzzi • Banda Calafate • Diogo Nestor • Jimi Santos • Letícia Coelho



Realização

Patrocínio

